

2 - As imagens na ausência da visão

Cleomar Pinheiro Sotta

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOTTA, CP. As imagens na ausência da visão. In: *Das letras às telas: a tradução intersemiótica de ensaio sobre a cegueira* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 49-153. ISBN 978-85-7983-710-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

AS IMAGENS NA AUSÊNCIA DA VISÃO

É necessário certo grau de cegueira para poder enxergar determinadas coisas.

Clarice Lispector

A cegueira e o isolamento no manicômio

Entre o rol de imagens identificadas na obra de Saramago, a cegueira é a que primeiro se destaca, estando presente, inclusive, no próprio título do romance. Ela é o elemento instaurador do caos, do inferno existencial, pois a partir do seu aparecimento decorrem todas as demais imagens demoníacas projetadas na narrativa. Entretanto, já nas primeiras páginas, constatamos que não se trata de uma cegueira comum, associada geralmente à escuridão, à imagem das trevas. A primeira surpresa que temos é que o primeiro cego vê tudo branco: “[...] é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se tivesse caído num mar de leite, Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, Pois eu vejo tudo branco” (Saramago, 2008, p.13).

O segundo estranhamento do leitor é deparar-se com um tipo de cegueira contagiosa, ao saber que o homem que roubou o carro do primeiro cego também perdera a visão logo em seguida. E assim, por meio do contato entre pessoas infectadas, a cegueira se espalha, até atingir paulatinamente toda a cidade.

Observando o jogo que se faz com as cores, Eduardo Calbucci menciona que

o preto e o branco não são exatamente cores. A luz branca seria a mistura de todas as cores que formam o arco-íris, enquanto o preto seria a ausência total de luminosidade; ou, em outras palavras, o branco seria a reflexão total da luz, e o preto, a retenção total. (Calbucci, 1999, p.85)

Essas considerações são muito pertinentes, pois não é somente a ausência de luz que nos faz perder a visão, o seu excesso também nos impede de enxergar. Ao ser caracterizada como branca e contagiosa, essa cegueira afasta-se de sua manifestação tradicional e já prenuncia a intrigante situação descrita na obra, que concentra toda a atenção do leitor:

É um livro impressionante, de leitura muito incômoda, mas que nos mantém presos até à última linha, e ainda bem, porque os últimos capítulos são uma espécie de libertação, para as personagens, mas muito especialmente para o leitor, que se sente reconciliado com os problemas que lhe foram sendo postos ao longo dos capítulos, numa reconciliação que não é apagamento, mas antes intensificação, dos problemas e das perplexidades que o texto levanta e configura, em proposta de reflexão e advertência para um olhar mais atento sobre o cotidiano. (Seixo, 1999, p.97)

Enfatiza esse excesso de luminosidade ao longo da narrativa o uso de substantivos e adjetivos que fazem lembrar algum tipo de projeção luminosa ou de relação com a luz: *semáforo, lâmpada, sol*,

fogo, candeia, farol, holofote, lanterna, fósforo, claro, luminoso, iluminado, brilhante, lúcido, límpido, entre outros.

Além desses aspectos apontados, outro elemento que contribui para a peculiaridade dessa cegueira apresentada na obra é a ausência de sintomas físicos. A mulher do primeiro cego, ao descobrir que o marido perdera a visão, leva-lhe imediatamente a um médico oftalmologista para uma consulta. No entanto, depois de fazer uma série de questionamentos e examinar o paciente, o especialista não encontrou nada, nenhum sintoma, nenhuma lesão que pudesse indicar a razão da repentina cegueira. O oftalmologista fica surpreso com o que constata, chegando a afirmar ao paciente que o caso era raro, que nunca tomara conhecimento de um quadro clínico como aquele e que se arriscaria a dizer que a história da oftalmologia não registrara algo semelhante, fato que confirma quando busca informações nos manuais de medicina e não encontra nada que pudesse ajudá-lo a solucionar a súbita perda da visão daquele homem. Nem outro especialista, amigo do médico, fora capaz de chegar a um diagnóstico preciso. O oftalmologista levanta a hipótese de agnosia (incapacidade psíquica de reconhecer o que se vê) ou amaurose (cegueira negra), porém nenhuma delas era totalmente compatível com a descrição feita pelo enfermo. Era impossível explicar como “olhos que tinham deixado de ver, olhos que estavam totalmente cegos, encontravam-se no entanto em perfeito estado, sem qualquer lesão, recente ou antiga, adquirida ou de origem” (Saramago, 2008, p.37).

Diante desta ausência de sintomas físicos, a narrativa sinaliza, portanto, uma cegueira de ordem metafórica, interpretação que pode ser confirmada pela leitura da obra. “No livro, as personagens cegam porque renegam sua própria cegueira. Saramago força uma cegueira física a fim de evidenciar a cegueira mental, ética-político-social, que cega o indivíduo para os outros, para o mundo e para si” (Leal & Resenes, 2008, p.204). Essa cegueira aparece para romper a alienação em que vivem as pessoas, presas às suas atividades cotidianas, preocupadas apenas consigo mesmas, mostrando-se individualistas, egoístas, cegas de entendimento. O mal branco tira-as

da rotina e, ainda que privadas do sentido da visão, faz com que elas vejam a realidade de um modo diferente, repensando, assim, a interação com o outro e com o meio, a estrutura social e a convivência. As personagens, diante dessa situação, descobrem “quanta lucidez possível há na aparente privação da vista e quanta insuperável escuridão contamina a pretendida transparência da visão [...], a vista é cega e a cegueira é um estado visionário” (Vasco, 2001, p.VIII).

A perda da visão levou as pessoas a revelarem instintos violentos e agressivos ou, pelo contrário, atitudes solidárias, fazendo-as refletir sobre suas vidas e seu comportamento:

Com efeito, este *Ensaio sobre a Cegueira* pode ser lido inversamente como um ensaio sobre a visão. Esses cegos chegaram ao fundo do poço de onde puderam ver surgir suas fraquezas, sua arrogância, sua intolerância, sua impaciência, sua violência, a monstruosidade dos universos concentracionários. Mas assistiram também à sua própria força, à sua solidariedade, à sua generosidade, ao seu espírito revolucionário e à revisão de seus próprios preconceitos. Este, repito, é um ensaio sobre a visão: do outro, das relações humanas, das linguagens e seus clichês, da verdade, do poder. (Cerdeira, 2000, p.259)

É importante notar o quanto a ausência de apenas um dos sentidos é capaz de desorganizar, desestabilizar e provocar um terremoto em uma sociedade que se acredita sólida e estável, modificando muitos de seus valores. A cegueira põe em xeque as diferenças socioeconômicas, visto que afeta a todas as pessoas, independentemente da classe social, da condição financeira, da ocupação exercida por cada um (médico, ladrão de carros, taxista, policial) ou da idade (rapazinho estrábico e velho da venda preta). Mantidos em quarentena em um manicômio desativado, os infectados são obrigados a comer da mesma comida, a dormirem no mesmo lugar, a dividirem os alimentos, as angústias, os medos, as dificuldades e os problemas, a expor suas opiniões diante das decisões, a esperar pelo apoio uns dos outros. Os laços familiares são rompidos, a família

passa a ser formada por um grupo de estranhos que se encontra casualmente e se reúne a fim de amenizar as dificuldades enfrentadas. É obvio que esse tipo de convivência não foi fácil de ser realizada e provocou inúmeros conflitos.

Todo o progresso tecnológico que a humanidade alcançou deixa de fazer sentido nessa terra de cegos. Os sistemas de captação e distribuição de água e de eletricidade já não têm mais quem os comande. “Fogões comuns e de micro-ondas, batedoras, espremedores, aspiradores, varinhas mágicas, as mil e uma invenções electrodomésticas destinadas a tornar mais fácil a vida” (Saramago, 2008, p.217) se fizeram inúteis, dividiam espaço nas lojas e nas residências com os cegos, que, incapazes de voltar cada qual para sua casa, tornaram-se errantes e transformaram os estabelecimentos em acampamentos improvisados, onde descansavam, abrigavam-se do frio, do sol e da chuva nos intervalos de caça pela comida, tal como ocorria na era das cavernas.

Os sentimentos de posse e de propriedade deixaram de existir. As casas não tinham mais donos, pela simples razão de que a elas, uma vez ausentes do lar, era quase impossível retornar. Lembremos, por exemplo, que o apartamento do primeiro atingido pelo surto foi ocupado pela família de um escritor, o qual perdera sua residência para outro grupo. Além disso, conta um dos cegos à mulher do médico: “não tardamos a perceber que nós, os cegos, por assim dizer, não temos praticamente nada a que possamos chamar nosso, a não ser o que levarmos no corpo” (Saramago, 2008, p.216). Esse mesmo homem afirma não saber se um dia retornaria a sua casa, mas também não se importava que ela tivesse sido ocupada por inúmeras pessoas, pois nesse momento era melhor viver nos espaços térreos, evitando subir e descer escadas.

A arte também foi afetada. As galerias e museus não têm mais quem aprecie seus quadros e esculturas. Os cinemas, teatros e salas de espetáculo serviam para acomodar os cegos sem teto. A música tinha-se acabado, as estações de rádio se calaram. A iluminação urbana, principalmente dos anúncios e dos estímulos consumistas de outrora se findara. Resumindo: a humanidade regressara à horda

primitiva, a ponto de se cogitar a possibilidade de voltar ao nomadismo, vivendo da caça e da coleta: “quando se acabar tudo teremos de ir por esses campos à procura de comida, arrancaremos todos os frutos das árvores, mataremos todos os animais a que pudermos deitar a mão” (Saramago, 2008, p.299).

A percepção da passagem do tempo sofreu alterações. Por causa da incapacidade de se saber se era noite ou dia, horário de café, almoço ou jantar, o tempo passa a ser regido pelo relógio biológico desregulado, comandado pela fome e pelo sono. Um dos cegos, sabendo que a gravação do alto-falante seria transmitida diariamente no manicômio, tentava contabilizar os dias, dando um nó em um cordel a cada vez que ouvia a mensagem acústica. No entanto, a estratégia fracassou, pois algumas vezes a gravação falhara e, ainda, quando tentou contar os nós, constatou que muitos deles estavam “sobrepostos, cegos, por assim dizer” (Saramago, 2008, p.195).

Um agravante da situação é que esta cegueira não era de nascença, quando os afetados são conscientizados desde cedo de que terão de conviver com a perda da visão durante toda a sua existência, sem nunca receber a oportunidade de enxergar o mundo, sendo obrigados a se adaptar desde o início da vida. A cegueira da narrativa tirava a visão daqueles que já tinham desfrutado de tal sentido, que estavam acostumados a viver com ele e que só puderam perceber o seu valor quando sofreram a sua ausência.

A ciência, esperança de muitos, não pôde evitar essa situação, pois os Anais de Medicina desconheciam um caso semelhante, os vários simpósios e reuniões entre especialistas da área não surtiram efeito, inclusive muitos deles ironicamente cegaram durante os congressos. Tampouco a religião mostrou uma saída, basta lembrar a cena da igreja, na qual as imagens dos santos tinham os olhos vendados ou cobertos por uma pincelada de tinta branca.

Se repararmos atentamente em algumas palavras ou expressões utilizadas no dia a dia, como *visão de mundo*, *ponto de vista*, *revisão*, *olhe aqui*, *veja o que diz*, *é evidente*, *sem sombra de dúvida*, *é claro*, *ser lúcido* ou *alucinado* (Chauí, 1988, p.31) é possível constatar ainda o quanto visão e luz, dois dos principais elementos do romance,

são ideias associadas à nossa forma de pensar. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, algumas passagens demonstram uma escolha lexical que enfatiza a presença da visão e da cegueira em expressões linguísticas e frases feitas. Verifiquemos alguns exemplos: Quando não encontra o carro que provavelmente fora roubado, a mulher do primeiro cego ofende o marido quase sem perceber ao dizer “eu vi bem, eu vejo bem” (Saramago, 2008, p.20), mostrando-se superior por enxergar; sem o resultado de exames, o oftalmologista alega ao primeiro cego não poder “receitar às cegas” (Saramago, 2008, p.24) e despede-o dizendo “Vamos a ver, vamos a ver, é preciso não desesperar” (Saramago, 2008, p.24); o médico, em casa, estudando o caso do paciente, decide “passar os olhos, rever bibliografia” (Saramago, 2008, p.28); o ministro determina que os cegos ficariam em quarentena “até ver” (Saramago, 2008, p.45); a mulher do primeiro cego, quando “se viu cega” (Saramago, 2008, p.229) saiu de casa aos gritos; a rapariga ao chegar em seu prédio querendo “ver o seu quarto” (Saramago, 2008, p.237) sente dificuldades em subir os degraus e declara à mulher do médico: “Imagina tu, uma escada que eu dantes era capaz de subir e descer de olhos fechados” (Saramago, 2008, p.237); ao tropeçar um dos cegos, outro lhe pergunta se “não via onde punha os pés” (Saramago, 2008, p.296). O que importa perceber, no entanto, é que, na narrativa, essas expressões relacionadas ao uso do campo semântico da visão na linguagem cotidiana revestem-se de ironia, pelo fato de serem empregadas em uma obra que trata justamente da perda de tal sentido, referindo-se ou sendo ditas por personagens que se tornaram incapazes de enxergar.

Todos os traços que caracterizam a insólita cegueira apresentada no romance, quando reunidos, permitem lançar a essa perda da visão um olhar alegórico. Vivendo em uma era globalizada, repleta de tecnologias, de informações que repercutem instantaneamente e marcada pela sensação de que o desenvolvimento das civilizações é intenso, estamos todos cegos de nós mesmos, porque as relações interpessoais parecem, em contrapartida, tornar-se cada vez mais superficiais e virtuais, cedendo espaço ao egocentrismo. Afirma o próprio autor no documentário *Janela da Alma* que estamos

cegos da razão, da sensibilidade, cegos, enfim, de tudo aquilo que faz de nós não um ser razoavelmente funcional no sentido da relação humana, mas o contrário, um ser agressivo, um ser egoísta, um ser violento, enfim, isso é que nós somos e o espetáculo que o mundo nos oferece é precisamente esse, um mundo de desigualdade, um mundo de sofrimento, sem justificação. (Janela Da Alma, 2001)

São cegos aqueles que, crendo ter uma visão plena de tudo o que ocorre ao seu redor, veem somente a si mesmos, esquecem-se de pensar nas demais pessoas, ou, ainda que enxerguem seu próximo, preocupam-se apenas com seus próprios interesses, demonstrando total indiferença pela vida de seu semelhante, negando os “atributos distintivos do outro, sua singularidade irrepetível” (Vasco, 2001, p.206). Liga-se a essas ideias a epígrafe da narrativa, retirada do *Livro dos Conselhos*, uma obra imaginária: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (Saramago, 2008, p.10). Faz-se aqui um jogo de linguagem entre os verbos *ver* e *olhar*, que, embora sinônimos, guardam uma diferença semântica preciosa à nossa análise. Se “olhar” significa voltar os olhos para alguma imagem, o verbo “ver” requer que se estabeleça algum tipo de envolvimento com o que está diante dos olhos. As personagens são tomadas por uma cegueira branca, porque sabem olhar, mas não aprenderam a ver. Enxergam o outro, o mundo, as situações que as cercam, contudo se mostram indiferentes.

Semelhante sentido da epígrafe é encontrado na Bíblia: “Olhai com vossos olhos e não vereis” (Bíblia, 1998, Mateus 13,14). Recordando as palavras do profeta Isaías, Jesus anuncia que, embora convivendo com o Filho de Deus, muitas pessoas seriam incapazes de enxergá-lo e reconhecê-lo como o Messias esperado. Vale recordar, ademais, que o apóstolo Paulo, perseguidor dos cristãos, converteu-se ao cristianismo, tornando-se um grande evangelizador, depois de ter sido atingido no caminho de Damasco por uma luz resplandecente vinda do céu que o cegou, recobrando a vista três dias depois pela imposição das mãos de Ananias. Segundo as Sagradas Escrituras, foi a cegueira que fez Paulo encontrar o cami-

nho da retidão. Talvez essa cegueira simbólica da narrativa tenha a intenção de, ao privar as personagens da visão física, fazê-las refletir sobre si próprias e sua conduta na sociedade.

Além disso, a visão mostra-se superior em relação aos demais sentidos, graças à sua capacidade de captar a realidade à distância e projetar na mente humana um simulacro daquilo que se encontra diante do olhar. Lembra Alfredo Bosi que

o olho é o mais espiritual dos sentidos [...] Conhecendo por mimese, mas de longe, sem a absorção imediata da matéria, o olho capta o objeto sem tocá-lo, degusta-lo, cheirá-lo, degluti-lo. Intui e compreende sinteticamente, constrói a imagem não por assimilação, mas por similitudes e analogias (Bosi, 1977, p.17).

A cegueira que acomete as personagens não prejudica apenas a visão física, mas também a visão psicológica, moral, espiritual, ética, já que os olhos são considerados espelho da alma. Eles revelam nossas verdadeiras intenções, que podem contradizer nosso discurso, como discute o narrador: “fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca” (Saramago, 2008, p.26). Essa hipótese de uma complexa cegueira que vai além das aparências, que “devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tomando-os [os cegos], por essa maneira, duplamente invisíveis” (Saramago, 2008, p.16) se confirma por reflexões do tipo “já éramos cegos no momento em que cegamos” (Saramago, 2008, p.131), “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem” (Saramago, 2008, p.310) ou “sem olhos os sentimentos vão tornar-se diferentes, não sabemos como, não sabemos quais, tu dizes que estamos mortos porque estamos cegos” (Saramago, 2008, p.242). Essas reflexões remetem ao caráter alegórico da cegueira branca, que faz com que as personagens sejam colocadas diante do “absurdo do mundo e a irracionalidade bestial que se esconde no

homem, marcado por uma existência da qual nos acostumamos a não ver mais do que as aparências ou as ficções” (Vasco, 2001, p.90).

A fim de transcender a imagem superficial, aparente e pré-concebida que uma pessoa pode ter de outra, reconhecendo que é possível descobrir a si mesmo no outro e prometendo importar-se mais com os que o rodeiam, o oftalmologista chega a afirmar: “Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma” (Saramago, 2008, p.262). Contudo, para que pensamentos como esse começassem a surgir, foi necessário passar por variadas situações, que testaram a capacidade humana de resistir ou enfrentar a abjeção.

Como era de se esperar diante do aparecimento de uma cegueira desconhecida, ao se constatar o crescimento do número de vítimas do mal branco, o que apontava a iminência de uma epidemia, é unânime a ideia de que seria fundamental a intervenção do governo, pois, nesse caso, é ele a autoridade suprema de que fala Thomas Hobbes (1999, p.145), a quem os indivíduos de uma sociedade delegam a função de manter a ordem pública.

Após consultar o primeiro cego e perder a visão em seguida, julgando grave a situação, o doutor, preocupado, revela-se um guardião da saúde das pessoas e decide telefonar e comunicar às autoridades competentes sobre a sua constatação acerca do surgimento de um novo tipo de cegueira, passível de ser transmitida. Tem-se nesse momento a primeira imagem do governo, uma máquina burocrática, cheia de intermediários e cujos ocupantes dos grandes cargos são quase inacessíveis à população em geral, como fica claro na dificuldade encontrada pelo oftalmologista de entrar em contato com algum responsável do Ministério da Saúde. O primeiro obstáculo enfrentado pelo médico foi convencer a telefonista a transferir a ligação a um funcionário médio. Este, por sua vez, atende-o com abundante rispidez e insolência em razão do desejo do doutor de tratar o assunto diretamente com quem tinha incumbência para resolvê-lo, visando evitar o pânico gerado pela disseminação antecipada da notícia, sem que antes algumas precauções fossem tomadas.

O homem quis saber de que se tratava antes de o passar ao superior imediato, [...] O senhor declara-me que é médico, se quer que lhe diga que acredito, pois sim, acredito, mas eu tenho as minhas ordens, ou me diz de que se trata, ou não dou seguimento, É um assunto confidencial, Assuntos confidenciais não se tratam por telefone, o melhor será vir cá pessoalmente, Não posso sair de casa, Quer dizer que está doente, Sim, estou doente, disse o cego depois de uma hesitação, Nesse caso o que você deverá fazer é chamar um médico, um médico autêntico, retorquiu o funcionário, e, encantado com o seu próprio espírito, desligou o telefone (Saramago, 2008, p.40).

Frustrada a primeira tentativa de agir diante de uma possível epidemia, o médico resolveu falar com o diretor clínico do hospital em que trabalhava, “ele que se encarregasse depois de pôr a maldita engrenagem oficial a funcionar” (Saramago, 2008, p.40). A princípio, o diretor custou a acreditar que um surto de cegueira estaria por vir, dois casos isolados não tinham significado estatístico. No entanto, com a notícia de que outros pacientes que estiveram no consultório do oftalmologista também estavam cegos e com as vítimas auxiliadas pela polícia, confirmava-se a disseminação da cegueira branca. Somente nessas circunstâncias, o Ministério da Saúde foi comunicado. Representantes do governo telefonam para agradecer o zelo do oftalmologista e o seu senso de cidadania. O próprio ministro dirige-lhe algumas palavras. O discurso inicia cordialmente e termina de modo autoritário, com uma ordem, desprezando o envolvimento daquele que fora o primeiro a lançar um olhar clínico sobre os infectados e a entrar em contato diretamente com a suposta enfermidade avassaladora:

O ministério queria saber a identidade dos pacientes [...], o médico respondeu que as fichas clínicas respectivas continham todos os elementos de identificação [...] e terminou declarando-se ao dispor para acompanhar a pessoa ou pessoas que fossem recolhê-los. Do outro lado o tom foi cortante, Não precisamos. [...] Boas

tardes, fala o ministro, em nome do Governo venho agradecer o seu zelo, estou certo de que graças à prontidão com que agiu vamos poder circunscrever e controlar a situação, entretanto faça-nos o favor de permanecer em casa (Saramago, 2008, p.42).

Apesar de ordenar ao médico que não saísse de sua residência, essa fala enfática do ministro soa positiva. Afinal, parece que tudo se resolverá com facilidade, visto que as autoridades estão informadas sobre o caso e a doença ainda não afetou muitas pessoas. Parece-nos que o pessimismo por parte do doutor em relação à burocracia e à lentidão da máquina administrativa vai agora se desfazer, pois o governo está mostrando justamente o contrário. O oftalmologista recebe em seguida uma ligação do ministério para avisar que uma ambulância iria apanhá-lo e levá-lo a algum hospital, assim supunha. Pouco tempo depois, são levados pela ambulância não só o médico, mas também sua esposa, que simulou cegar naquele instante em que o doutor embarcara, apenas para conseguir acompanhá-lo. Essa ideia, todavia, já tinha sido planejada pela mulher quando soube que seu marido seria levado de casa. Na mala preparada com os pertences do médico, haviam sido postos, sem que ele soubesse, alguns sapatos e peças de roupa feminina. O casal foi levado pelo carro de transporte de doentes. No entanto, a suposição do doutor estava equivocada, não era para um hospital que se dirigiam.

O Ministério da Saúde precisava pensar em alguma estratégia para administrar o surto. Conta o narrador que, sem levar em conta o avanço da medicina, inspirando-se em práticas obsoletas utilizadas no passado, nos tempos das pestes e das grandes epidemias de cólera e febre amarela, quando barcos com infectados ou suspeitos de infecção vagavam nas águas durante quarenta dias, o ministro deliberou isolar os cegos e os possíveis contaminados (que tinham tido algum contato com os atingidos pela cegueira) do convívio social e mantê-los em quarentena. A preocupação do administrador de assuntos relacionados à saúde não era primordialmente com doentes, as principais vítimas da situação, mas com a imagem de seu ministério. Reunir em um só lugar os contagiados era “uma ideia

feliz, senão perfeita, tanto no que se referia aos aspectos meramente sanitários do caso como às suas implicações sociais e aos seus derivados políticos” (Saramago, 2008, p.45). A proposta se justificaria como uma ação destinada a evitar a multiplicação da doença, que, ao que tudo indicava, alastrava-se por meio do contato físico com um dos infectados. Bastava definir apenas em que local os cegos ficariam confinados. Quatro opções foram levantadas pelo presidente da comissão de logística:

Temos um manicômio vazio, devoluto, à espera de que se lhe dê destino, umas instalações militares que deixaram de ser utilizadas em consequência da recente reestruturação do exército, uma feira industrial em fase adiantada de acabamento, e há ainda, não conseguiram explicar-me porquê, um hipermercado em processo de falência (Saramago, 2008, p.46).

Analisando-se as possibilidades, as vantagens e desvantagens de cada espaço, verifica-se que o quartel seria ideal no que tange às condições de segurança, porém dificultaria a vigilância pelo tamanho; o hipermercado e a feira eram locais bastante amplos, contudo o primeiro envolveria inúmeras questões jurídicas a serem acertadas, enquanto a utilização da segunda não agradaria aos donos da indústria que ali tinham investido milhões. O manicômio não apresentava nenhum tipo de impedimento, pelo contrário, facilitaria o isolamento, uma vez que possuía duas alas, uma para os que já estavam cegos e a outra para os que possivelmente cegariam. Essas alas eram separadas por um amplo corredor e não seria necessário o trabalho de ninguém lá dentro, pois os próprios suspeitos expulsariam de seu convívio e encaminhariam para a outra ala aqueles que cegassem. Para a composição narrativa, essa escolha também não parece ter sido nem um pouco fortuita, à medida que esse espaço originalmente destinado a loucos – pessoas com algum distúrbio mental ou de comportamento e, portanto, incapazes de manter um convívio social saudável – associa a cegueira branca à loucura, “uma vez que a vida dentro do manicômio será rígida, a princípio, pela

insensatez, pela violência e pela falta de civilidade” (Silva, 2008, p.25). As próprias personagens refletem “Isto é loucura, Deve de ser, estamos num manicômio” (Saramago, 2008, p.46). Fica aqui mais uma pista do fundo alegórico dessa perda da visão.

Cabe observar que, entre os ambientes sugeridos,

Os dois primeiros espaços [o manicômio e o quartel] remetem a instâncias de contenção e extinção das vontades individuais submetidas à tutela hierárquica. A seu turno, a feira industrial e o hipermercado representam lugares da instigação à produção e ao consumo, forças que acabam impelindo o ser humano à trivialidade, ao autoengano. (Ferreira, 2007/2008, p.32)

A supressão das liberdades individuais e a tutela hierárquica apontadas se concretizam na configuração que ganha o confinamento, visto que o manicômio se transforma em um ambiente carcerário, vigiado por soldados, o que o faz intimamente ligado à concepção de um espaço demoníaco, descrito por Frye (1973, p.151) como uma prisão, um calabouço. Os cegos, na condição de prisioneiros, ficariam reclusos, não somente no espaço, mas também presos em seus medos e angústias, “igualados pela doença absurda, condenados ao encarceramento, à loucura do confinamento, à violência e à morte” (Cerdeira, 2000, p.254).

O sociólogo Erving Goffman enquadra os manicômios no conjunto do que ele chamou de *instituições totais*, definidas como

um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (Goffman, 2005, p.11)

Ele divide tais instituições em cinco grandes grupos:

1. as que cuidam de pessoas consideradas incapazes e inofensivas, como asilos e orfanatos;

2. as que tomam conta de indivíduos que não podem cuidar de si próprios e que, não intencionalmente, constituem uma ameaça à sociedade, como é o caso dos sanatórios e hospitais para doentes mentais ou portadores de uma enfermidade contagiosa;
3. as que se encarregam de proteger a população de pessoas consideradas perigosas, como as penitenciárias e os campos de concentração;
4. as que unem indivíduos para facilitar o trabalho, como os quartéis e escolas internas;
5. as que servem de refúgio do mundo e instrução para religiosos, como os conventos e seminários.

Todos esses segmentos, de acordo com o sociólogo, podem ser aproximados em razão do tratamento oferecido ao seu público. Enquanto um ser humano comum trabalha, dorme e desfruta de momentos de lazer em lugares diferentes, nas instituições totais, essas atividades são realizadas no mesmo espaço. Os indivíduos vivem em grupo, devem receber o mesmo tratamento e estão submetidos a um rígido sistema de regras e horários estabelecidos, bem como a um esquema de supervisão e vigilância, a fim de se averiguar se as normas estão sendo cumpridas.

Muitos dos traços característicos das instituições totais apontados por Goffman podem ser verificados em *Ensaio sobre a Cegueira*, no que tange à configuração do manicômio para onde foram levados os contaminados, que se converte em um espaço de repressão, perpetrada sob diversas modalidades, por diferentes agentes. O primeiro deles é o próprio Estado, de quem partiu a ideia de confinar as pessoas. Sem escolha, sem que pudessem opinar ou manifestarem-se contrários à quarentena, os contaminados eram levados à força de suas casas. Segregá-los em um único lugar, justificava o governo, seria uma forma de ganhar tempo para estudar a cura e acompanhar a evolução da doença. Contudo, a real intenção dessa medida era facilitar o controle do comportamento dos cegos, fazê-los obedecer às ordens do Estado e, principalmente, isolar o insólito problema, que provocava medo nos habitantes da cidade. Sabia o governo que

O domínio total que procura sistematizar a infinita pluralidade e diferenciação dos seres humanos como se toda a humanidade fosse apenas um indivíduo, só é possível quando toda e qualquer pessoa seja reduzida à mesma identidade de reações. (Arendt, 2000, p.488)

Ignorando a subjetividade das pessoas contaminadas e concebendo-as como uma ameaça, o Estado isola os cegos e uniformiza o tratamento dado a eles, como se todos enfrentassem o problema exatamente da mesma forma. Essa atitude governamental demonstra a sua incapacidade de administração e a falta de experiência em situações de emergência.

Foram internados ali “seres humanos de todos os jeitos, procedências e feitios em matéria de humor e temperamento” (Saramago, 2008, p.117), obrigados a coabitar, enfrentando uma série de conflitos de convivência e organização. Nesse sentido, o manicômio torna-se uma minirrepresentação do mundo exterior a ele, como observa a mulher do médico: “O mundo está todo aqui dentro” (Saramago, 2008, p.102). Esse tipo de convívio forçado provoca a violação da intimidade, uma superexposição dos indivíduos – uma vez que compartilham o mesmo espaço – e um processo de “*mutilação ou mortificação do eu*” (Goffman, 2005, p.27), de perda da subjetividade. As famílias foram separadas. Os papéis sociais que cada um exercia antes foram perdidos. De forma irônica, o médico oftalmologista não podia auxiliar nos problemas com a visão, o atendente de farmácia não fornecia medicamentos, os policiais estavam impedidos de prender o ladrão de carros ou os cegos malvados, bem como de proteger os internos e zelar pela ordem no local, os motoristas não eram mais capazes de dirigir. “A cegueira, já se sabe, não olha a mesteres e ofícios” (Saramago, 2008, p.139).

Assinala Calbucci que “o máximo que o governo oferece, de uma cautelosa distância, são produtos higiênicos e refeições programadas” (Calbucci, 1999, p.87). Com o transcorrer do tempo, entretanto, tais ofertas se tornam também escassas, atitude que nega o cuidado que o Estado declarara dispensar aos infectados. Além de uma máquina burocrática e inacessível, que toma atitudes

visando ao seu próprio bem e à promoção de sua imagem, sem oferecer a assistência necessária, o governo também envia os oficiais das forças armadas para realizar a vigilância do manicômio, medida que deixa transparecer o autoritarismo e o tratamento repressivo aplicado aos infectados.

Sob a justificativa de que estavam ali para reprimir as desordens, impedir que alguém saísse e contaminasse outros indivíduos, os soldados do exército abusavam de sua autoridade e tentavam impedir de todas as maneiras que os confinados descumprissem suas determinações. O tratamento dispensado aos cegos mostra-se bastante inadequado, a começar pelo momento em que os contaminados chegavam ao manicômio, quando os soldados exigiam que os recém-chegados se organizassem para adentrar o local em colunas com número de integrantes pré-estabelecido e, impacientes, transmitiam-lhes instruções aos gritos, insensíveis às dificuldades enfrentadas por aqueles seres que ainda não tinham tido tempo suficiente para se adaptar à sua nova condição.

Quando se sentiam ameaçados pelos cegos ou suspeitavam de alguma revolta, mesmo sem constatá-la, os homens do exército não hesitavam em utilizar seus armamentos, sem demonstrar nenhum vestígio de piedade e, muitas vezes, sem que fosse necessário disparar contra os indefesos: “Os cegos começaram a cair uns sobre os outros, caindo recebiam ainda no corpo balas que já eram um puro desperdício de munição” (Saramago, 2008, p.88).

Quando o médico e sua esposa pedem medicamentos para tratar a ferida na perna do ladrão de carros, o discurso do sargento revela o autoritarismo do Estado, o poder que o exército tomou para si diante da epidemia, e ainda a ausência de compaixão por uma vida em risco:

No mesmo instante um soldado gritava-lhes do portão, Alto, voltem já para trás, tenho ordens para disparar e logo, no mesmo tom, apontando a arma, Nosso sargento, estão aqui uns gajos que querem sair, Não queremos sair, negou o médico, O meu conselho é que realmente não queiram, disse o sargento enquanto se aproxi-

mava, e, assomando por trás das grades do portão, perguntou, Que se passa, Uma pessoa que se feriu numa perna apresenta uma infecção declarada, necessitamos imediatamente antibióticos e outros medicamentos, As ordens que tenho são muito claras, sair, não sai ninguém, entrar, só comida, Se a infecção se agravar, que será o mais certo, o caso pode rapidamente tornar-se fatal, Isso não é comigo [...] ou você e essa voltam agora mesmo para donde vieram, ou levam um tiro. (Saramago, 2008, p.69)

Como se observa, qualquer movimento dos cegos era entendido pelos soldados como uma tentativa de fuga, a qual combatiam prontamente. O sargento também segue à risca a orientação do governo para que o exército não manifestasse nenhum tipo de intervenção com relação à convivência dos reclusos. Com o mesmo desinteresse agem os militares quando uma cega grita-lhes, inutilmente, que uma parte dos reclusos estava roubando a comida aos demais: “Os soldados fizeram de conta que não tinham ouvido, as ordens que o sargento recebera de um capitão [...] eram peremptórias, claríssimas, Se eles se matarem uns aos outros, melhor, menos ficam” (Saramago, 2008, p.139).

Os militares estavam dispostos a matar sem qualquer tipo de pena ou arrependimento pelos seus atos. Lembremos, por exemplo, do motorista de uma das ambulâncias que, por ter transportado cegos, recebeu a ordem de se juntar a eles, pois provavelmente cegaria. Recusando-se, acabou morto por uma bala. Outra tragédia, fruto da atitude repressiva do exército, foi a morte do ladrão de carros, para o qual o médico e a esposa tentaram pedir ajuda, sem resultados. Pensou ingenuamente o ferido que se fosse até o portão e vissem o seu estado, dar-lhe-iam atenção, constatariam a necessidade de cuidados médicos e o encaminhariam a um hospital. Com muito esforço, ele se deslocou durante a noite em direção ao portão. Contudo, foi recebido pelos disparos do vigia de plantão, que lhe tiraram a vida. Sem guardar remorsos ou compadecer-se, o autor do tiro gabava-se de sua pontaria, pois acertara às escuras o rosto da vítima. Fica claro que o desejo dos soldados era de acabar com

os infectados, já que “morrendo o bicho acaba-se a peçonha” (Saramago, 2008, p.64). A violência parece ter sido a forma mais simples de lidar com essa situação delicada, que ninguém sabia como administrar. A conduta dos soldados recorda uma experiência realizada em 1971, pelo pesquisador Philip Zimbardo, na Universidade de Stanford.¹ O estudo consistia em simular uma prisão a fim de observar o comportamento dos envolvidos. Voluntários foram divididos em dois grupos, guardas e prisioneiros. Diante das queixas dos detentos em relação ao tratamento que recebiam, os guardas passaram a agir com violência, adotando medidas e punições arbitrárias para humilhar os detentos, os quais, por sua vez, sofriam uma profunda perturbação emocional, ora rebelando-se, ora chorando, ora tentando apresentar bom comportamento e evitar os castigos. Passados seis dias do início da experiência, prevista para durar duas semanas, Zimbardo teve de cancelar a simulação, pois percebeu que a situação se tornava insustentável. Com o experimento, o pesquisador pôde notar a forma como as prisões desumanizam as pessoas e o quanto seres vulgares, quando em grupo e dotados de superioridade, podem modificar rapidamente sua conduta. Tal como esses guardas, os soldados do manicômio deixaram de ver os cegos como seres humanos e, por isso, abusavam de sua autoridade, adotando ações sádicas e agressivas.

Outro comportamento impróprio dos soldados é o prazer que sentem em zombar dos enclausurados. Se os vigilantes concediam um tratamento ora indiferente, ora truculento, por vezes, também se divertiam à custa dos infectados. As coordenadas enunciadas por um dos militares à esposa do médico para que recolhesse uma pá no pátio faziam a mulher zanzar inutilmente de um lado a outro. Outra sentinela, com a espingarda em mira, tenta atrair um dos cegos para perto de si, onde pudesse matá-lo: “vem andando, disse de lá um soldado em tom falsamente amigável, [...] nesta direcção chegarás

1 Todas as etapas da Experiência da Prisão de Stanford são descritas com detalhes no site <<http://www.prisonexp.org/portugues/>>.

aonde te estão a chamar, ao encontro da bala que substituirá em ti uma cegueira por outra” (Saramago, 2008, p.106).

O narrador também evidencia a discriminação ao relatar que os membros das forças armadas, da aeronáutica e da marinha, atingidos pelo mal branco, eram levados para outras instalações, separadas exclusivamente para esses segmentos.

Esse comportamento abusivo do exército não preocupava as autoridades, pelo contrário, estava adequado à mísera consideração do Estado pelos infectados, confiando-lhes, inclusive, a organização do local e a solução dos problemas internos, conforme explicita uma gravação reproduzida exaustivamente em um alto-falante no manicômio. Desde o primeiro dia de isolamento, os reclusos ouvem “uma voz forte e seca, de alguém, pelo tom, habituado a dar ordens” (Saramago, 2008, p.49). O autoritarismo do Estado, que já constatamos anteriormente na fala do ministro, na escolha pela quarentena e na incumbência de vigilância delegada ao exército, aparece novamente por meio dessa gravação, a qual, logo no início, tenta justificar aos internos as medidas tomadas e convencer-lhes de que o confinamento iria conferir-lhes um ar de heroísmo, diante dos demais habitantes da cidade:

O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar. [...] O governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações pessoais, um ato de solidariedade para com o resto da comunidade nacional. (Saramago, 2008, p.49)

A argumentação desse discurso polido visava mostrar que o governo estava cuidando da situação e tomando todas as medidas cabíveis. Além disso, se alguém discordava da estratégia adotada,

o pronunciamento pretendia ainda sensibilizar os cegos de que, estando ali, mostrariam seu senso de cidadania, evitando o alastramento da doença e a contaminação de novas vítimas. Contudo, essa era apenas mais uma forma de evitar reclamações de que autoridades da saúde estavam preocupadas somente com os que ainda não tinham sido infectados. Parece que o dever do governo de zelar pelo bem-estar de toda a população fora esquecido.

A gravação enumerava quinze instruções, as quais deveriam ser seguidas rigidamente pelos confinados. A primeira delas afirmava que as luzes ficariam sempre acesas, uma ação inútil, pois as pessoas já estavam mergulhadas em um mar de luz e não poderiam certificar-se se aquilo era real ou não. O segundo item prevenia que poderia ser morto qualquer um que executasse uma tentativa de fuga. A terceira orientação comunicava a existência de um telefone em cada camarata para que pudessem requisitar produtos de higiene ou limpeza. Entretanto, as solicitações não eram atendidas, pois nunca havia ninguém do outro lado da linha e os recados deixados nunca receberam resposta. A quarta regra era de que os cegos deveriam lavar suas roupas manualmente, mesmo sabendo que locomover-se até um local apropriado para alvejar suas vestes e encontrar os produtos certos causaria muita dificuldade aos internos. Ademais, nunca saberiam quando a roupa estaria completamente limpa. Em quinto lugar, recomendava-se na gravação, “a eleição de responsáveis de camarata, trata-se de uma recomendação, não de uma ordem, *os internados organizar-se-ão como melhor entenderem*” (Saramago, 2008, p.50, grifo nosso). O descaso com os cegos e com o tipo de convivência que eles estabeleceriam fica aí registrado. Quanto à sugestão de eleger representantes, nem todas as camaratas conseguiram entrar em acordo na escolha de um dos membros.

Na sequência, anunciava-se que a comida seria entregue três vezes ao dia para as duas alas, a dos doentes e a dos suspeitos; todavia, nem sempre foi disponibilizada com essa regularidade, e as refeições, ao longo da quarentena, tornaram-se insuficientes para alimentar o crescente número de cegos que chegavam. Ordenavam as instruções sete e oito que os restos fossem queimados no

pátio do manicômio. Atentemo-nos aqui para o risco que corriam esses cegos, ao serem obrigados a atear fogo aos objetos, podendo, inclusive, permitir que as chamas se alastrassem pelo prédio, sem que ninguém percebesse, provocando um grande desastre. Contudo, as autoridades não estavam preocupadas com isso, uma vez que as duas recomendações seguintes transferiam aos internados a responsabilidade de qualquer consequência negativa da queima e já antecipavam que não haveria intervenção dos bombeiros, assim como não deveriam contar com nenhum auxílio do exterior em caso de doenças, desordens ou agressões, como expressava a décima primeira recomendação.

Os quatro últimos itens relatavam que os cadáveres seriam enterrados sem formalidade, que a comunicação entre as duas alas se daria pelo corredor central, por onde passariam os suspeitos assim que cegassem e que a gravação seria repetida todos os dias no mesmo horário para que todos os recém-chegados tomassem conhecimento das regras. Por meio dessas últimas recomendações, fica claro que já se previam mortes, que se esperava que os suspeitos brevemente perderiam a visão e que se estimava o crescimento do número de internados dia após dia. É importante ressaltar que a promessa de dividir o espaço entre os infectados e os que possivelmente cegariam foi respeitada apenas no início. Com a chegada de novos grupos, a ala dos não cegos foi invadida por conta da falta de espaço na área destinada aos contaminados.

Como se pode notar, as instruções estão revestidas de um significado irônico. A ironia, segundo aponta Linda Hutcheon (2000, p.30) “acontece no espaço *entre* o dito e o não dito (e que os inclui)”. Na gravação, o dito consiste em recomendações transmitidas por meio de um discurso bastante solene, que deveriam servir para organizar a convivência dos internos e demonstrar o efetivo apoio por parte das autoridades governamentais. O não dito se processa, quando, analisando-se as determinações uma a uma, observa-se que elas negam o efeito pretendido. Muitas delas são inúteis e impossíveis de ser executadas por quem acaba de perder a visão, não havendo condições para que fossem postas em prática. Da interação

entre o dito e o não dito, a ironia nasce e “mina o sentido declarado” (Hutcheon, 2000, p.30) do pronunciamento, o qual, em vez de demonstrar a preocupação e o cuidado que o governo dispensaria aos infectados, revela, pelo contrário, que a organização do manicômio ficaria a cargo dos próprios internos e que não haveria nenhum tipo de intervenção externa, independentemente do que acontecesse.

Constata-se, assim, por meio dessa gravação e da postura dos soldados, o menosprezo do Estado pelos cegos, os quais não tinham como manter contato com a instituição que supostamente tomaria conta deles, o que agravava o caos vivido pelos isolados. Mais que menosprezo, a atitude do governo revela o pragmatismo ou, nas palavras de Hannah Arendt (1999, p.274), a *banalidade do mal*, o mal que é praticado no dia a dia como um ato qualquer, não por carrascos, mas por pessoas que levam uma vida comum. Para o Estado, os cegos estão convertidos em algo aquém de qualquer consideração. O manicômio serve como um lugar de extermínio, assemelhando-se aos campos de concentração, os quais

destinam-se não apenas a exterminar pessoas e degradar seres humanos, mas também servem à chocante experiência da eliminação [...] da própria espontaneidade como expressão da conduta humana, e da transformação da personalidade humana numa simples coisa, em algo que nem mesmo os animais são. (Arendt, 2000, p.488)

Os cegos tinham perdido a liberdade, estavam ali sem dúvida alguma como verdadeiros prisioneiros, correndo inúmeros riscos, que não importavam a ninguém; pelo contrário, esperava-se que padecessem ali até a morte. Abandonados, os reclusos tiveram que encontrar sozinhos a melhor forma de conviver, de resolver os conflitos, de tomar as medidas cabíveis, reaprendendo, enfim, a viver a cada instante. A presença do governo no espaço designado para a quarentena se restringia à mensagem acústica propagada pelo alto-falante, a qual continuava sendo repetida ironicamente, pois, poucos dias depois do início do confinamento, o caos já se instalara

e a desorganização já dominava o local, não havia mais espaço para um discurso formal que transmitisse regras de conduta.

Portanto, a tentativa do governo de organizar a relação entre os cegos e manter a ordem no manicômio por meio dessas instruções não surtiu efeito. E a culpa não foi só dos infectados, incapazes de executar muitas das determinações, mas do próprio Estado, que parecia ter esquecido o compromisso, firmado na abertura da mensagem acústica, de cumprir com suas responsabilidades, não colocando em prática muitas de suas promessas.

A cegueira epidêmica provoca, pois, a instalação de um estado totalitário. Por meio da gravação difundida pelo alto-falante, bem como da incapacidade de atuação das instituições públicas e também da repressão e do tratamento agressivo, mostrados a partir das atitudes do exército, a obra dirige uma crítica ao governo e configura uma rica reflexão sobre os desvãos que a perda do sentido/da visão é capaz de produzir.

Sem a assistência adequada, as condições de sobrevivência no local ficaram comprometidas. Muitos internos foram acometidos por doenças durante a estadia no manicômio ou tiveram agravados os problemas de saúde que já apresentavam antes de serem levados de suas casas. Embora o governo tivesse assegurado o bem-estar dos cegos, não houve a concessão de medicamentos para tratar os doentes ou os que adoeceram pela falta de higiene do lugar, pela má alimentação ou pela queda de imunidade em razão do nervosismo e do pânico diante da situação. As autoridades eram incapazes de enxergar as peculiaridades e o estado de saúde de cada um dos reclusos, o que contraria os padrões humanitários que devem manter as instituições desse tipo. Mesmo em uma prisão, os dirigentes têm a obrigação de “deter as tentativas de suicídio de um prisioneiro e dar-lhe atenção médica integral, mesmo que isso possa adiar a sua execução” (Goffman, 2005, p.71). Assim pensava o ladrão de carros que foi morto pelos soldados quando pretendia chegar até estes com a esperança de receber um tratamento: “Quando eles me virem neste estado perceberão logo que estou mal, metem-me numa ambulância e levam-me ao hospital, [...] tratam-me da perna, curam-

-me, ouvi dizer que é o que se faz com os condenados à morte” (Saramago, 2008, p.77).

Além da escassez de alimentos e da falta de medicamentos, as condições de higiene também eram extremamente precárias. A obra é rica na descrição do aspecto físico, do estado em que se encontrava o manicômio, relatando que odores fétidos e nauseabundos se propagavam pelo local, onde havia excrementos espalhados pelo chão, misturados às caixas de comida, ao sangue e aos cadáveres amontoados, que atraíam moscas. A dificuldade de locomoção, de conseguir encontrar a tempo os sanitários, a vergonha, a preguiça ou a falta de civilidade “tornaram os corredores e outros lugares de passagem em retretes que começaram por ser de ocasião e se tornaram de costume” (Saramago, 2008, p.133). As latrinas estavam saturadas, as paredes e o chão, completamente tomados de sujeira. Em cada camarata, depois de pouco tempo, havia “catres infectos, inçados de pulgas e percevejos, com seus colchões apodrecidos de suor e urina, as mantas como esfregões, já não cinzentas, mas de todas as cores de que pode vestir-se a repugnância” (Saramago, 2008, p.200).

Alguns cegos perderam a discricção, os bons modos e o respeito pelos demais confinados e não demonstravam nenhum tipo de preocupação com a manutenção da limpeza e da higiene no manicômio:

Alguns são uns mal-desbastados que se aliviam matinalmente de escarros e ventosidades sem olhar a quem está, verdade seja que no mais do dia obram pela mesma conformidade, por isto a atmosfera se vai tornando cada vez mais pesada e não há nada a fazer, a única abertura é a porta, às janelas não se lhes pode chegar, do altas que estão. (Saramago, 2008, p.99)

Sentindo a podridão se alastrar por todo o espaço, o médico, preocupado, questionava-se:

Como será isto dentro de uma semana, perguntou-se, e teve medo de imaginar que dali a uma semana estariam encerrados neste

lugar, Supondo que não haverá dificuldades com o abastecimento de comida, e não é certo que não as haja, duvido, por exemplo, que a gente lá de fora saiba em cada momento quantos vamos sendo aqui, a questão é como irão resolver-se os problemas de higiene, já não falo de como nos lavaremos, cegos de poucos dias sem ajuda de ninguém, e se os duches funcionarão e por quanto tempo, falo do resto, dos restos, um só entupimento das sentinas, um só que seja, e isto transforma-se numa cloaca. (Saramago, 2008, p.74)

A mulher do médico, a única que podia enxergar, diante daquela imundície, tentava ainda manter a limpeza e a organização ao menos em sua camarata, já que sozinha não podia dar conta e nem tinha as condições necessárias para remover toda a sujeira do prédio. Pensava ela que

O que ali verdadeiramente se necessitava era um poderoso jorro de mangueira que levasse à frente toda a merda, depois de uma brigada de canalizadores que viessem reparar os autoclismos, pô-los a funcionar, depois água, água em quantidade, para levar aos canos de esgoto o que ao esgoto deveria ir. (Saramago, 2008, p.134)

Habitar um espaço degradante como esse é a principal causa da desfiguração pessoal dos acometidos pela cegueira. Os cegos andam sujos, descalços, maltrapilhos, com roupas rasgadas, contraem doenças e são impossibilitados de cuidar de sua aparência: banhar-se, barbear-se, cortar os cabelos, limpar-se após evacuar.

Para agravar ainda mais o quadro, os confinados tiveram de enfrentar as exigências de um grupo de cegos que se organizou para tirar proveito da situação. Bertrand Russell aponta que, “quando se extingue uma forma tradicional de poder, pode suceder-lhe uma outra, não pura e simples, mas investida de uma autoridade revolucionária pelo consenso da maioria ou de uma minoria preponderante da população” (Russell, 1941, p.27). Ele ainda acrescenta que “o poder é necessário e se não for o de um governo, será o de aventureiros anárquicos” (Russell, 1941, p.77). A não intervenção do go-

verno na convivência dos mais de duzentos e quarenta internos no manicômio abre espaço para que alguns cegos mal intencionados assumam o comando e imponham suas próprias regras aos demais por meio de ameaças. A ação desse grupo começa quando alguns de seus integrantes, armados com uma pistola, madeiras e ferros das camas, impedem que os outros reclusos recolham a comida, a qual, a partir desse instante, seria entregue exclusivamente mediante pagamento. Aqueles que, indignados, tentavam burlar a muralha dos malvados, acabavam agredidos. Nem a civilidade e a diplomacia do médico, que tenta resolver tudo com uma boa conversa, tampouco o desespero de uma cega que grita pedindo ajuda aos soldados, pôde conter a ação dos infratores, que insistiam em exigir algo em troca dos alimentos. A imposição do jugo sob o qual estariam os internados submetidos se expressa na atitude daquele que parecia ser o líder dos malvados, o qual, percebendo a confusão entre os cegos, saca a pistola, dispara para o alto e dita as regras:

Quietos todos aí, e calados, se alguém se atreve a levantar a voz, faço fogo a direito, sofra quem sofrer, depois não se queixem. Os cegos não se mexeram. O da pistola continuou, Está dito e não há volta atrás, a partir de hoje seremos nós a governar a comida, ficam todos avisados, e que ninguém tenha a ideia de ir lá fora buscá-la, vamos pôr guardas nesta entrada, sofrerão as consequências de qualquer tentativa de ir contra as ordens, a comida passa a ser vendida, quem quiser comer, paga. (Saramago, 2008, p.140)

A estratégia dos dominadores já parecia estar articulada. Eles recomendam que cada camarata eleja dois representantes para “recolher os valores, todos os valores, seja qual for a sua natureza, dinheiro, joias, anéis, pulseiras, brincos, relógios” (Saramago, 2008, p.140) e entreguem tudo no terceiro quarto da ala esquerda. A atitude dos chamados “cegos malvados”, ao exigir os poucos objetos de valor que os outros traziam consigo, chama a atenção pelo fato de que os pertences recebidos ou até mesmo alguma quantia em dinheiro não poderiam ser usados naquele contexto, não serviriam

para nada. Uma parte da comida que, não sendo entregue, ficaria armazenada na camarata dos gatunos, não lhes seria necessária, não teriam capacidade de consumi-la integralmente, sozinhos. Além disso, uma boa parcela dos alimentos era perecível e estragaria dentro de pouco tempo. Essas considerações sinalizam, portanto, que as ações maldosas não eram imprescindíveis à sobrevivência do grupo. A intenção dos dominadores era assumir o poder, provocar o desespero, a angústia, o terror, o medo nos outros cegos e sentir prazer com o sofrimento alheio, como se já não bastassem os males gerados pela cegueira, a perda da liberdade e a falta de assistência.

A violência, perpetrada assim de forma gratuita e sem benefício aparente a seus autores revela a especial crueza de sua lógica: ela basta por si mesma, não requer uma razão que esteja fora dela. Os cegos maus a praticam e dela extraem um prazer que basta por si só. (Teixeira, 2010, p.23)

Por meio da ação desses seres inescrupulosos, ocorre a duplicação da tirania a que os cegos estavam submetidos: externamente, por parte do governo e agora, internamente, pelo grupo dos malvados. Sem encontrar outra alternativa, por medo e pelo desejo de sobrevivência, os outros cegos confinados rendem-se às ordens dos rebeldes. Na camarata onde estava o médico, ele e o primeiro cego foram eleitos para arrecadar os pertences. Entre os objetos da mulher do oftalmologista estava uma tesoura, da qual decidiu não se desfazer. Pouco a pouco, foi recolhido “o que cada um tinha para entregar, alguns protestavam que estavam a ser vergonhosamente roubados, e era uma pura verdade, outros desfaziavam-se do que possuíam com uma espécie de indiferença” (Saramago, 2008, p.143).

Os representantes da primeira camarata, quando vão entregar o que fora recolhido, deparam-se com a organização dos malvados, que haviam improvisado um balcão, realizavam a avaliação dos objetos, dos quais um cego comum tomava nota, escrevendo em braille. Esse homem, já acostumado à sua condição, lidava com a si-

tuação com mais facilidade que os demais confinados. Sua presença no grupo dos malvados marca mais uma ironia da narrativa, pois

De todos os homens, aquele que melhor poderia entender as mazelas vividas pelos doentes, aquele que conviveu por toda a vida com as limitações que a cegueira impõe, é justamente o que maior ameaça representa, pois sabe tudo o que se deve saber para viver cego, e que pode tirar vantagem da inexperiência alheia. (Teixeira, 2010, p.24)

O inventário dos objetos entregues era realizado inicialmente pelo líder do bando, o dono da pistola, que intimidava os que reclamavam da quantidade de comida disponibilizada. Segundo espionagem da mulher do médico, o grupo era formado por aproximadamente vinte cegos, a camarata não estava cheia, ninguém precisava dormir no chão. Tinham estabelecido um esquema de vigilância, ficava sempre uma sentinela a guardar a porta, para proteger o grupo e as caixas de comidas empilhadas, que não tinham sido distribuídas. Inconformados, alguns cegos se reuniram para invadir o espaço dos opressores, porém acabaram sendo expulsos de lá a tiros e pontapés; a camarata a que pertenciam deixou de receber comida por alguns dias.

Com o decorrer do tempo e a escassez de objetos, a ordem dos usurpadores foi modificada. “Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres [...] Se não nos trouxerem mulheres, não comem” (Saramago, 2008, p.165). A exigência levantou um grande conflito. O primeiro cego afirmava que sua esposa não iria. Algumas mulheres, a princípio, disseram que não se submeteriam a tais condições, diziam que isso poderia ferir a dignidade feminina. Outras, sozinhas, reclamavam que não estavam dispostas a pagar a comida dos homens. Ponderando melhor depois do susto provocado pela imposição, ainda que amedrontadas, prezando não só pelas próprias vidas, mas também pelas dos homens, por quem se sen-

tiam responsáveis, as mulheres decidiram concordar com a exigência. As cenas da violência sexual sofrida por elas são impactantes.

A crueza e a nitidez de pormenores do brutal relato da violação criam um quadro de grande realismo, insuportavelmente pictórico, quase tangível, em que o sadismo dos violadores e a sua absoluta falta de sentimentos realçam a extraordinária abnegação das vítimas. (Figueira, 1999, p.9)

Tiveram as mulheres de enfrentar “o furor erótico de vinte machos desenfreados que, pela urgência, pareciam estar cegos de cio” (Saramago, 2008, p.165), proferindo obscenidades, insultos, ordens, gemidos e pancadas, de forma descomedida. Uma das mulheres da primeira camarata, a cega das insônias, não suportou tamanha violência e, ao final, teve de sair arrastada pelas companheiras, cujo estado em que se encontravam não era muito diferente daquela a quem carregavam:

Nesse preciso momento a cega das insônias foi-se abaixo das pernas, literalmente, como se lhas tivessem decepado de um golpe, foi-se-lhe também o coração abaixo, nem acabou a sístole que tinha começado, finalmente ficamos a saber por que não podia esta cega dormir, agora dormirá, não a acordemos. Está morta, disse a mulher do médico, e a sua voz não tinha nenhuma expressão, se era possível uma voz assim, tão morta como a palavra que dissera, ter saído de uma boca viva. Levantou em braços o corpo subitamente desconjuntado, as pernas ensanguentadas, o ventre espancado, os pobres seios descobertos, marcados com fúria, uma mordedura num ombro, Este é o retrato do meu corpo, pensou, o retrato do corpo de quantas aqui vamos, entre estes insultos e as nossas dores não há mais do que uma diferença, nós, por enquanto, ainda estamos vivas. Para onde a levamos, perguntou a rapariga dos óculos escuros, Agora para a camarata, mais tarde a enterraremos, disse a mulher do médico. (Saramago, 2008, p.178)

A exploração sexual durou pouco, pois a esposa do médico, compadecida pela morte da cega das insônias e encorajada pelo sofrimento das outras mulheres, decide liquidar o chefe tirano, desestabilizando o grupo dos malvados. Observa-se que

Na primeira oportunidade a mulher do médico e as outras mulheres de sua ala submetem-se aos cegos da ala dos malvados e, apesar do asco ela não se insurge contra seu destino. Apenas quando as mulheres de uma outra ala são intimadas a comparecer e prestar sua parte de sacrifício, portanto, diante do sofrimento alheio e não do próprio é que a mulher do médico alcançará seu limite e tomará a decisão que mudará a sorte de todos os cegos. (Teixeira, 2010, p.25)

Acompanhando as mulheres de outra camarata,

a mulher do médico observava os movimentos daquele que não tardaria a matar, como o gozo o fazia inclinar a cabeça para trás, como já parecia estar a oferecer-lhe o pescoço. Devagar, a mulher do médico aproximou-se, rodeou a cama e foi colocar-se por trás dele. [...] A mão levantou lentamente a tesoura, as lâminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais. [...] e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais. (Saramago, 2008, p.185)

Com tal gesto, a mulher do médico inverte o jogo, intimida os delinquentes e passa a dar as ordens: “Por cada dia que estivermos sem comer por vossa culpa, morrerá um dos que aqui se encontram, basta que ponha um pé para fora dessa porta” (Saramago, 2008, p.188).

Depois da morte do chefe dos opressores, os soldados não entregaram a comida como de costume. Sem alimentos para matar a fome, os cegos decidiram invadir a terceira camarata a fim de resgatar de lá a comida armazenada. No entanto, a missão foi um

fracasso, pois os disparos do cego contabilista feriram a dois dos invasores e fez os atacantes recuarem. É curioso perceber que os cegos malvados, “antes tão prepotentes e agressivos, tão facilmente e com tanto gosto brutais, agora não façam mais do que defender-se, levantando barricadas e disparando lá de dentro à mão salva, como se tivessem medo de ir à luta em campo aberto” (Saramago, 2008, p.203). A fome e o temor de sofrer uma morte por inanição depois de toda a luta pela sobrevivência que tinham enfrentado até aquele momento tiravam o sono dos internados. Não houve tempo, todavia, para se traçar uma nova estratégia de ter acesso à comida estocada pelos vilões, pois uma das confinadas da segunda camarata tomou um isqueiro que não fora entregue na ocasião da arrecadação de objetos e pôs fogo à barricada de camas na entrada da camarata dos malvados:

Está de joelhos à entrada da camarata, mesmo junto às camas, puxa devagar os cobertores para fora, depois levanta-se, faz o mesmo na que está por cima, ainda na terceira, à quarta não lhe alcança o braço, não importa, os rastilhos estão preparados, agora é só chegar-lhes o fogo [...]. Começa pela cama de cima, a labareda lambe trabalhosamente a sujidade dos tecidos, enfim pega, agora a cama do meio, agora a cama de baixo. (Saramago, 2008, p.206)

A pouca água que os malvados tinham em seu quarto não foi capaz de evitar o incêndio que se formou. O fogo começa a consumir tudo o que encontra, demolindo o espaço que foi palco de tantas atrocidades. O pânico toma conta do manicômio. Na terceira camarata, as chamas se espalham pelos leitos, os cegos escalam a cabeceira das camas tentando alcançar as janelas, cujos vidros se estilhaçavam, permitindo a entrada do ar e intensificando o incêndio. O narrador aproveita a ocasião para tecer uma reflexão sobre a inadequabilidade dessas camaratas:

Repare-se em como cada um dos catres, só por si, com a sua armação de ferros bicudos, pode tornar-se em uma mortal arma-

dilha, vejam-se as consequências terríveis de haver uma só porta em camaratas que levam quarenta pessoas, fora as que dormem no chão, se o fogo chega lá primeiro e lhes tapa a saída, não escapa ninguém. (Saramago, 2008, p.207)

Ao longo da narração desse momento, paulatinamente, são utilizados vários termos e expressões relacionados ao campo semântico do fogo, com o objetivo de sinalizar o crescimento das chamas e a formação do incêndio:

Ao isqueiro, sucedem-se figuras como fogo, chama, punhal de lume, labareda, cortina ardente, fogueira, ardência do calor, vulcão de labaredas e tição a arder. A palavra fogo é usada insistentemente e a recorrência acentua seu poder de sugerir a intensidade do calor e das chamas, (Luft, 2008, p.121)

Os cegos, acreditando que era menos sofrido morrer com um tiro do que queimados, decidem sair e enfrentar os soldados. A mulher do médico, que a esta altura revelara a todos que não havia perdido a visão, adiantou-se ao grupo para intermediar o contato e pedir compaixão aos vigilantes:

Gritou, Por favor, pela vossa felicidade, deixem-nos sair, não disparem. Ninguém respondeu de lá. O holofote continuava apagado, nenhum vulto se movia. Ainda a medo, a mulher do médico desceu dois degraus, Que se passa, perguntou o marido, mas ela não respondeu, não podia acreditar. Desceu os restantes degraus, caminhou em direcção ao portão, [...] já não havia dúvidas, os soldados tinham-se ido embora, ou levaram-nos, cegos também eles, cegos todos por fim. (Saramago, 2008, p.209)

Surpresa, a mulher anuncia a todos que estavam livres, embora alguns não conseguissem sair. Nesse contexto, nos deparamos com o fogo, enquanto imagem demoníaca, que tudo destrói, algumas vezes com vistas à purificação. Esse incêndio faz desmoronar o ma-

nicômio e vítima a muitas pessoas. Por outro lado, não se pode deixar de reconhecer que o fogo pode ganhar certa conotação positiva, uma vez que transformou em cinzas todas as relações impostas aos que ali foram encarcerados. Não precisavam mais se preocupar com o grupo de malvados, nem estavam mais sob a mira das armas dos soldados, tampouco continuavam prisioneiros, tinham readquirido a liberdade, ainda que muitos não pudessem desfrutar dela e que a situação externa não fosse muito diferente da interna. Junto ao prédio que ruía, virava pó toda a humilhação sofrida e todos os atos desumanos cometidos naquele espaço.

É durante o recolhimento no manicômio que as personagens sofrem um processo de animalização. Para se locomover com mais facilidade e segurança, os reclusos espelham-se nos quadrúpedes e se deslocam “de gatas”. Por conta da falta de higiene, afirma-se que os cegos “são como os porcos”, andam “de cara rente ao chão como suínos”. Ainda são comparados a animais a serem abatidos, “vão ali como carneiros ao matadouro”, são “trazidos em rebanho” (Saramago, 2008, p.72-112 *passim*) ao manicômio e acabam empurrando-se, atropelando-se, esmagando-se e pisoteando-se uns aos outros.

O oftalmologista, sem conseguir encontrar papel para limpar-se, anda sujo por alguns instantes em busca de sua esposa e reconhece que estavam se transformando em animais: “Há muitas maneiras de tornar-se animal, pensou, esta é só a primeira delas” (Saramago, 2008, p.97). A mulher do médico tem a mesma impressão que o marido. Ela desabafa: “Estes cegos, se não lhes acudirmos, não tardarão a transformar-se em animais, pior ainda, em animais cegos” (Saramago, 2008, p.134). Por isso, tenta estabelecer uma organização e adverte aos confinados: “Se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais” (Saramago, 2008, p.119).

No episódio do abuso sexual, a falta de escrúpulos intensifica a bestialidade dos cegos, como expressa o relato construído pelo narrador. Conta ele que seguiam para o quarto dos malvados “uma fila grotesca de *fêmeas* malcheirosas, com as roupas imundas e an-

drajosas, parece impossível que a *força animal do sexo* seja assim tão poderosa, ao ponto de cegar o olfato, que é o mais delicado dos sentidos” (Saramago, 2008, p.174, grifo nosso). E acrescenta que, “quando os cegos pressentem a chegada das mulheres, saem da camarata “gritos, *relinchos*, risadas. [...] Depressa, meninas, entrem, entrem estamos todos aqui *como uns cavalos*, vão levar o *papo cheio*” (Saramago, 2008, p.174, grifo nosso). Uma das cegas *uivava de desespero*. Um dos homens resfolegava “como um cerdo engasgado” (Saramago, 2008, p.177), os outros davam *patadas* no chão e agiam como “hienas em redor de uma carcaça” (Saramago, 2008, p.176).

Além da falta de higiene e das atrocidades cometidas pelos malvados, assemelham-se também a animais os internados porque pouco raciocinam, tomados pelo medo e pelo horror da situação. Agem instintivamente, sem pensar, algumas vezes acreditando que a violência é a melhor saída para acabar com os conflitos: “O que estes malandros estão a pedir é uma boa sova” (Saramago, 2008, p.107), sem perceber que quanto mais divergências suscitassem, mais insuportável se tornaria a convivência, já que não haveria intervenção externa e não saberiam por quanto tempo teriam de permanecer ali.

A configuração do manicômio, apresentado como um lugar indesejável a qualquer ser humano, se alinha profundamente às considerações de Frye sobre as imagens demoníacas. Segundo ele, os espaços demoníacos podem manifestar-se como prisões, lugares de tortura ou labirintos. O manicômio de *Ensaio sobre a Cegueira* congrega esses três elementos. Em primeiro lugar, caracteriza-se como uma prisão, pois cada cego, uma vez que atravessava a “porta que o separava do mundo” (Saramago, 2008, p.211), tornava-se prisioneiro, era impedido de deixar o local e estava o tempo todo sob a vigilância do exército. Observando-se a descrição do lugar, é possível perceber na estrutura arquitetônica do prédio o fechamento de que trata Goffman (2005, p.16). O sociólogo destaca que algumas instituições, para impedir parcial ou totalmente o contato dos internados com o mundo externo, apresentam certo fechamento tanto em suas formas de organização, com preceitos rigorosos, quanto em

sua estrutura física, contendo portas fechadas, paredes altas, arame farpado, entre outros. O manicômio era uma construção rodeada de muros e cercas, com uma escada no átrio e com um portão de grades, aberto apenas o suficiente para as pessoas passarem e fechado imediatamente, características que reforçam a ideia de reclusão. O número de cegos que abrigava ia além de sua capacidade, fato que agravava ainda mais os problemas de convivência e as condições de higiene no local. Na parte interna, a visão das instalações é deprimente. Era um edifício antigo. Havia duas alas simétricas, com algumas camaratas,

corredores longos e estreitos, gabinetes que deviam ter sido de médicos, sentinas encardidas, uma cozinha que ainda não perdera o cheiro de má comida, um grande refeitório com mesas de tampos forrados de zinco, três celas acolchoadas até à altura de dois metros e forradas de cortiça daí para cima. Por trás do edifício havia uma cerca abandonada, com árvores mal cuidadas, os troncos davam a ideia de terem sido esfolados. Por toda a parte se via lixo. (Saramago, 2008, p.47)

Nota-se que, mesmo antes da habitação do espaço pelos cegos, o ambiente já mostrava marcas de degradação e abandono, que vão se intensificando ao longo da quarentena. As camaratas eram compridas “como uma enfermaria antiga, com duas filas de camas que tinham sido pintadas de cinzento, mas donde a tinta já há muito começara a cair. As cobertas, os lençóis e as mantas eram da mesma cor” (Saramago, 2008, p.47). Os catres eram formados por armações pontiagudas. Nos armários estavam guardadas camisas de força. Cada quarto tinha apenas uma porta e as janelas ficavam no alto, quase inalcançáveis, por onde entrava uma “claridade, cinzenta, moribunda” (Saramago, 2008, p.200), uma “luz baça” (Saramago, 2008, p.63), contribuindo para o aspecto horrendo do lugar. Percebe-se que não se trata de um local adequado para acolher pessoas privadas da visão. Além disso, essa atmosfera sombria e

cinzenta antecipa a crueldade, a violência, a tensão e as diversas situações lancinantes que os internados tiveram de enfrentar.

Lembra Michel Foucault que “a prisão esteve, desde sua origem, ligada a um projeto de transformação dos indivíduos” (Foucault, 2008, p.131), propiciada, entre outros fatores, pelo “isolamento do condenado em relação ao mundo exterior, a tudo o que motivou a infração, às complicitades que a facilitaram” (Foucault, 1986, p.211). A solidão, a distância da família e o encarceramento deveriam suscitar a reflexão, o arrependimento e a mudança de postura dos infratores, embora possamos hoje constatar que esse projeto de ressocialização, na maioria dos casos, não alcança o efeito desejado. No romance de Saramago, ainda que os detentos no manicômio, convertido em prisão, não tivessem sido confinados em razão de crimes cometidos, mas pela contaminação da cegueira branca, certamente o período de reclusão, aliado às experiências vividas fora dali, antes de recobrar a visão, provocou algum tipo de transformação, no mínimo, a valorização da vida e da liberdade.

Em segundo lugar, o manicômio também se apresenta como um espaço de tortura. Os reclusos tiveram de estabelecer contato íntimo com estranhos, racionar a comida fornecida, ceder em suas posições, modificar suas atitudes, suportar a falta de higiene, de medicamentos e de apoio das instituições governamentais, a morte brutal de muitos internos, as ameaças e agressões dos soldados, o medo de que os militares invadissem as camaratas “varrendo à bala tudo o que encontrassem pela frente” (Saramago, 2008, p.90). Não se pode esquecer ainda das humilhações e do despotismo dos malvados, os quais exigiram os poucos objetos de valor que os demais cegos trouxeram consigo, violentaram sexualmente as mulheres, distribuíram de forma desigual os alimentos de que se apossaram indevidamente e provocaram uma guerra entre camaratas, que, obviamente, resultou em mortos e feridos, dor e indignação. Ao longo da trama, vão aparecendo ainda alguns objetos que se tornam instrumentos de tortura. O alto-falante, por exemplo, era o dispositivo que divulgava o conjunto de regras estabelecido pelo governo a serem obedecidas pelos internos, as quais demonstram a indife-

rença, a falta de preocupação e as ameaças à vida dos confinados. A pistola era o instrumento que garantia a liderança na camarata dos malvados. Fica evidente que o poder estava associado a quem detivesse a arma, quando, após a morte do líder, o cego escriturário rouba a pistola do bolso do defunto e passa a agir como dirigente do grupo:

O cego das contas gritou com autoridade aos seus, Calma, tenham calma, vamos já resolver este assunto, e com a intenção de dar mais convencimento à ordem disparou um tiro para o ar. O resultado foi precisamente o contrário do que esperava. Surpreendidos por perceberem que a pistola já estava noutras mãos e que portanto iam ter um novo chefe, os cegos deixaram de lutar com as cegas, desistiram de tentar dominá-las. (Saramago, 2008, p.187)

Todavia, talvez porque também sofressem uma espécie de dominação por parte do líder do grupo (mas continuavam ali para usufruir das regalias proporcionadas), parece que os cegos da terceira camarata estavam à espera de que as munições se acabassem a fim de que ninguém tivesse motivos para impor suas vontades e achar-se superior aos outros, conforme sugere o narrador:

Depois da trágica morte do primeiro chefe se havia relaxado na camarata o espírito da disciplina e o sentido da obediência, o grande erro do cego da contabilidade foi ter pensado que bastava apoderar-se da pistola para ter com ela o poder no bolso, ora o resultado foi precisamente ao contrário, cada vez que faz fogo sai-lhe o tiro pela culatra, por outras palavras, cada bala disparada é uma fracção de autoridade que vai perdendo. (Saramago, 2008, p.203)

Os ferros arrancados das cabeceiras das camas se convertem em bastões de guerra, com os quais os cegos agridem-se. Uma tesoura perde suas utilidades rotineiras e se transforma na arma que executa o dirigente dos malvados. Desde que fora encontrada e pendurada na parede sem que ninguém se desse conta de sua existência, a te-

soura já manifestava algo mágico, um ar misterioso, insólito, antecipando o acontecimento fatal para o qual seria usada:

A mulher do médico olhava a tesoura, tentava pensar porque razão a estaria olhando assim, assim como, assim, mas não encontrava nenhuma razão, realmente que razão poderia achar-se numa simples tesoura comprida, deitada nas mãos abertas, com as suas duas folhas níqueladas e as pontas agudas e brilhantes. (Saramago, 2008, p.142)

No fundo, o olhar fixo e os questionamentos da mulher do médico sobre a tesoura marcam nessa personagem a busca da coragem para tomar uma atitude mais drástica diante dos atos sórdidos dos cegos da terceira camarata. A mulher parece não acreditar que a ideia de que pudesse matar alguém estava se formando em sua mente. Ela só concretiza o ato porque imagina que beneficiaria aos demais e porque acompanha o sofrimento das mulheres, exploradas sexualmente. O sentimento de culpa que a corrói depois de executado o assassinato parece dissipar-se apenas quando o fogo do incêndio consome completamente a tesoura usada para aniquilar o chefe dos ladrões. A destruição do objeto marca simbolicamente a atenuação do remorso pelo delito:

Foi como se estivesse a ver as chamas a envolverem a tesoura, queimando primeiro o sangue seco que ainda houvesse nela, depois mordendo-lhe o fio, as pontas agudas, embotando-os, e aos poucos tornando-os rombos, brandos, moles, informes, não se acredita que isto pudesse ter perfurado a garganta de alguém, quando o fogo acabar o seu trabalho será impossível, na massa única do metal fundido, distinguir onde está a tesoura. (Saramago, 2008, p.228)

Aproximando-se da tesoura, o isqueiro utilizado pela mulher para atear fogo às camas constitui mais um objeto de tortura da narrativa, que incendeia o espaço, mata e fere a muitos dos confinados. A ligação entre esses dois instrumentos é, inclusive, marcada tex-

tualmente, quando o narrador relata que o isqueiro produzia uma longa chama, que parecia “um pequeno punhal de lume, vibrante como a ponta duma tesoura”. (Saramago, 2008, p.206)

Por último, o manicômio pode ser descrito como um labirinto por causa da dificuldade de locomoção dos cegos nele alojados, “tinham medo de perder-se no labirinto que imaginavam, salas, corredores, portas fechadas, escadas que só se revelariam no último momento” (Saramago, 2008, p.73). Os internados chocavam-se com as camas, deitavam-se nos leitos que não lhes pertenciam, tardavam a encontrar os sanitários. Vale recordar que a mulher do médico transformara tiras de um cobertor em um longo fio, cujas pontas estavam atadas uma ao puxador da porta da camarata e outra no tornozelo de quem saía, para facilitar a movimentação dos atingidos pelo mal branco. Esse cordão faz lembrar o fio de Ariadne, utilizado por Teseu para encontrar a saída do mítico labirinto habitado pelo Minotauro. Contudo, na narrativa de Saramago, embora não conduzisse os cegos para fora do prédio, permitindo apenas que voltassem ao ponto de origem, ao quarto, essa corda funcionava como um instrumento seguro de orientação, auxiliando os internos a vencer o labiríntico manicômio.

A figura do grupo dos malvados, em especial do dono da pistola, encarna o “chefe tirânico – inescrutável, impiedoso, taciturno e de vontade insaciável que impõe lealdade” (Frye, 1973, p.149) e que diminui os demais indivíduos. O homem que se tornou o comandante dos delinquentes assumiu tal liderança unicamente porque portava uma arma de fogo e não porque merecia a confiança e a lealdade dos outros em razão de sua maneira de se comportar. Era ele quem ditava as regras, que fazia o reconhecimento dos bens exigidos em troca dos alimentos, que escolhia antes dos outros as mulheres que seriam obrigadas a satisfazer suas necessidades sexuais. Seu comando regia-se por ameaças, por imposição, pela violência. A atuação dessa personagem e seu grupo, ao lado do governo e dos soldados, compõe o quadro representativo dos vilões cheios de vilania, que, segundo Frye (1973, p.152), marcam a analogia da inocência. O governo, já vimos, não foi capaz de administrar a

situação. Sem saber o que fazer com os contaminados pela cegueira, realizou a segregação dos cegos, “não sob a forma de tratamento ou apoio, mas em termos de completa exclusão social” (Seixo, 1999, p.114). Tendo aprisionado os infectados em um manicômio, não prestava mais nenhum tipo de assistência. Os soldados, designados à vigilância dos cegos confinados, tratavam os internos com muita agressividade, tirania, desprezo e zombaria. Os cegos rebeldes, por fim, confiscaram por capricho os escassos bens que os demais cegos trouxeram consigo e, não satisfeitos, exigiram relações sexuais com as mulheres em troca de alimentos, um gesto hediondo, de tremenda brutalidade. Foram também os responsáveis por provocar uma divisão entre os próprios confinados e por incitar uma briga entre as camaratas, resultando em pessoas mortas e feridas. Seus desmandos fizeram com que a mulher do médico matasse o chefe do grupo e que uma das cegas, indignada, pusesse fogo no quarto dos rebeldes, causando um incêndio no manicômio.

A “vítima sacrificial, que tem de ser morta para fortalecer os outros” (Frye, 1973, p.149), também se manifesta na narrativa de Saramago. Uma delas foi a cega das insônias, que não resistiu à exploração sexual dos malvados. Sua morte e o sofrimento das demais mulheres, entre outros fatores, encorajaram a esposa do médico a liquidar o chefe dos rebeldes. A confinada que pôs fogo na terceira camarata também serviu de vítima sacrificial. A mulher decidiu perder sua vida para propiciar a sobrevivência e, mesmo sem imaginar, a liberdade dos outros cegos. Quando o fogo começou a se alastrar, ela “sentiu o cheiro dos seus próprios cabelos chamuscados, deve ter cuidado, ela é a que deita fogo à pira [...] já era o seu próprio corpo o que estava a alimentar a fogueira” (Saramago, 2008, p.206).

A angústia da liberação de que fala Goffman (2005, p.66), ou seja, o medo de deixar o manicômio e não conseguir readaptar-se ao mundo exterior, aparece logo após o incêndio. Muitos cegos tentam crer que os vigilantes haviam se confundido, se atrasado e logo voltariam, outros prometem ficar ali até o amanhecer, alguns ainda guardam a esperança de que “os soldados, ou outros por eles, a cruz vermelha é uma hipótese, lhe tragam a comida, e os outros confor-

tos necessários à vida, o desengano, para estes, chegará um pouco mais tarde” (Saramago, 2008, p.212). Verifica-se, dessa forma, o desejo por parte desses cegos de manutenção da rotina a que tinham se habituado e o temor de começar uma nova etapa em suas vidas.

O descaso, a tortura, o abandono, o tratamento agressivo, abusivo e autoritário dispensado aos internos por parte do governo e dos soldados do exército, os desmandos dos cegos malvados, as precárias condições de higiene, a escassez de alimentos, os conflitos de convivência são fatores que configuram o manicômio como um espaço demoníaco, como expressão de um mundo de pesadelos, que nenhum ser humano desejaria habitar. Lançados à própria sorte nesse ambiente símbolo da loucura, os confinados tiveram de lutar contra o desvario e reaprender a viver diante da sua nova condição.

Tendo deixado o manicômio após o incêndio, numa cidade em nada semelhante ao que eles conheceram antes de perder a visão, os cegos teriam de enfrentar outros tipos de dificuldades, obstáculos e conflitos. Estava aberta a temporada de novos desafios.

O périplo pela cidade e a libertação do mal branco

Ao deixar o manicômio incendiado, a mulher do médico levou consigo, além do marido, o primeiro cego e sua esposa, o velho da venda preta, a rapariga dos óculos escuros e o rapazinho estrábico. Essas pessoas haviam sido pacientes do oftalmologista, conviveram juntas na primeira camarata durante o período de quarentena e, por isso, manifestavam algum laço de amizade. O grupo formado tinha a vantagem de possuir em seu meio alguém que não perdera a visão e que podia guiá-los.

Os cegos que acabavam de sair do isolamento encontraram a cidade convertida em um ambiente irreconhecível. Ainda no manicômio, já tinham ouvido, por meio do relato do velho da venda preta, um dos últimos a chegar ali, uma narração do estado caótico em que se encontrava a área urbana: a contaminação crescia ver-

tiginosamente, médicos tentavam inutilmente buscar a cura do mal branco e acabavam cegos, acidentes no trânsito e abandono de veículos nas vias tinham se tornado comuns. O sistema bancário entrara em colapso, com pessoas querendo retirar todas as suas economias, levando muitas agências à falência. O desespero e a busca exagerada pelo capital financeiro, todavia, eram inúteis, uma vez que o dinheiro não serviria para mais nada, visto que o comércio se extinguiu e as transações monetárias deixaram de existir quando todos perderam a visão. Os caixas eletrônicos, mesmo assaltados e destruídos, agradeciam ironicamente a preferência dos clientes por meio de mensagens programadas que já não faziam mais nenhum sentido.

A desordem anunciada pelo velho em seu relato pôde ser constatada pela mulher do médico enquanto percorria a cidade. Observa ela que as pessoas deslocavam-se em grupos, trajadas com roupas muitas vezes desproporcionais ao seu tamanho. Pareciam fantasmas, caminhavam rente aos prédios, com os braços estendidos, voltados para a frente. Se havia algum choque entre os ajuntamentos de cegos, não mais surgiam reclamações, uma das “famílias” despegava-se da parede e seguia o seu caminho. Nessas colisões, era comum também que alguém se perdesse de seu grupo e se unisse a outro. Sem conseguirem encontrar seus familiares e suas residências, os cegos abrigavam-se para dormir em lojas e nas casas que puderam ser arrombadas ou que permaneceram abertas quando os seus donos foram levados.

Para garantir que nenhum dos seus se perdesse, como via acontecer com os outros grupos, a mulher do médico

dispôs os companheiros em duas filas de três, na primeira colocou o marido e a rapariga dos óculos escuros, com o rapazinho estrábico ao meio, na segunda fila o velho da venda preta e o primeiro cego, um de cada lado da outra mulher. (Saramago, 2008, p.248)

Esta era uma forma de manter os cegos perto de si e tentar impedir que eles se separassem ao longo do caminho. Além disso, ela os entrelaça com uma corda:

O que está a fazer agora é a passar à volta de todos e de si própria uma corda de tiras de pano entrançadas, feita enquanto os outros dormiam, Não se agarrem a ela, disse, agarrem-na, sim, com toda a força que tiverem, não a larguem em caso algum, seja o que for que aconteça. Não deviam caminhar demasiado juntos para não tropeçarem uns nos outros, mas teriam de sentir a proximidade dos seus vizinhos, o contato se fosse possível. (Saramago, 2008, p.249)

Essa iniciativa da mulher do médico revela sua preocupação com os companheiros. Da maneira como os dispôs tamanha era a harmonia que pareciam um único ser a vagar pela cidade, “um grupo heterogêneo que se torna coeso e no seio do qual surgem relações afetivas de cruzamento” (Seixo, 1999, p.100), manifestando, assim, a metáfora apocalíptica que considera “um grupo ou reunião de seres humanos como a um corpo” (Frye, 1973, p.144), demonstrando união.

Além dessa passagem, há outras em que os cegos fundem-se a ponto de parecer um único ser. Em dois momentos no manicômio, utiliza-se a imagem de uma pinha para descrever como eles se locomoviam. O primeiro deles se dá quando alguns dos confinados não permitiram aos demais recolher sua cota de comida. Indignados, dispostos a resolver tudo por meio de um diálogo civilizado, os cegos da primeira camarata “avançando juntos, como uma pinha, romperam caminho por entre os cegos das outras camaratas. Quando alcançaram o átrio, a mulher do médico compreendeu logo que nenhuma conversação diplomática iria ser possível” (Saramago, 2008, p.138). Embora a tentativa tenha falhado, pois os malvados possuíam uma pistola e armas improvisadas, o trecho demonstra a boa intenção do grupo.

A comparação com a pinha retorna uma vez mais quando, por conta do incêndio, se aproximam as pessoas que doravante formariam o grupo da mulher do médico:

Só agora é que consegui sair da camarata, a culpa foi do rapazinho estrábico que ninguém conseguia saber onde se tinha metido, agora já está aqui, agarro-o com força pela mão, teriam de arrançar-me o braço para que eu o largasse, com a outra mão seguro a mão do meu marido, e depois vem a rapariga dos óculos escuros, e depois o velho da venda preta, onde está um está outro, e depois o primeiro cego, e depois a mulher dele, todos juntos, apertados como uma pinha, que, espero bem, nem este calor há-de abrir. (Saramago, 2008, p.208)

Os cegos se aglomeram por causa do medo de serem consumidos pelas chamas. Entretanto, ao acercar-se, o calor humano, as mãos fortemente entrelaçadas e a confiança da esposa do oftalmologista suscitam algum alento e fazem nascer a certeza de que nada seria capaz de separá-los, nem mesmo o fogo que se alastrava por todo o prédio. Assim que atravessaram os portões do manicômio, não se dispersaram, ficaram

sentados juntinhos, as três mulheres e o rapaz no meio, os três homens em redor, quem os visse diria que já nasceram assim, é verdade que *parecem um corpo só, com uma só respiração e uma única fome*. Um após outro, foram adormecendo, um sono leve de que tiveram de acordar algumas vezes porque havia cegos que, saindo do seu próprio torpor, se levantavam e vinham tropeçar sonambulamente neste acidente humano. (Saramago, 2008, p.213, grifo nosso)

Durante as refeições, a união do grupo provoca a partilha, de sorte que “o que é de cada um, é de todos” (Saramago, 2008, p.240). No banho das mulheres na varanda da casa do médico, como veremos adiante, a fraternidade entre elas naquele instante leva o

narrador a afirmar que ali estava “a única mulher com dois olhos e seis mãos que há no mundo” (Saramago, 2008, p.266). Além disso, o encontro do primeiro cego com sua esposa no manicômio traz à tona a ideia de um casal como uma só carne, já que os dois, “abraçados, eram um corpo só” (Saramago, 2008, p.66). Todas essas situações retratam que, apesar de todas as dificuldades, não foram esquecidos os sentimentos de fraternidade e união.

Transitando pela cidade com seu grupo, a mulher do médico descobre que das residências arrombadas ou abandonadas por seus moradores já haviam sido levadas toda a comida e as roupas que puderam ser encontradas. Os suprimentos alimentícios a cada dia se tornavam mais escassos. Para facilitar a situação, alguns grupos chegaram a pensar que a solução era viver em uma loja de alimentos, mas os conflitos que travariam com outros cegos não valeriam à pena.

Pelas ruas estão espalhados vidros estilhaçados, excrementos que propagam um odor fétido e inúmeros cadáveres humanos, que são devorados pelos animais. Há ainda lama e uma grande quantidade de lixo por toda a parte:

O aspecto das ruas piorava a cada hora que ia passando. O lixo parecia multiplicar-se durante as horas noturnas, era como se do exterior, de algum país desconhecido onde ainda houvesse uma vida normal, viessem pela calada despejar aqui os contentores, não fosse estarmos em terra de cegos veríamos avançar pelo meio desta branca escuridão as carroças e os caminhões fantasmas carregados de detritos, sobras, destroços, depósitos químicos, cinzas, óleos queimados, ossos, garrafas, vísceras, pilhas cansadas, plásticos, montanhas de papel, só não nos trazem restos de comida, nem sequer umas cascas de frutos com que pudéssemos ir enganando a fome, à espera daqueles dias melhores que sempre estão para chegar. A manhã vai ainda no princípio, mas o calor já se sente. O mau cheiro desprende-se da imensa lixeira como uma nuvem de gás tóxico, Não tarda que apareçam por aí umas quantas epidemias, voltou

a dizer o médico, não escapará ninguém, estamos completamente indefesos. (Saramago, 2008, p.294)

A mulher do médico informa a seus companheiros que “não há água, não há eletricidade, não há abastecimentos de nenhuma espécie, encontramos-nos no caos, o caos autêntico deve ser isto” (Saramago, 2008, p.244). Ela ainda acrescenta que cozinhar já não era possível por causa da dificuldade de conseguir gás de cozinha e ao risco de se acender uma fogueira.

Os quintais ganharam um aspecto selvagem. Aos olhos da mulher do médico tinham se tornado “selvas em miniatura” (Saramago, 2008, p.238). Pareciam com “uma selva jamais explorada, as últimas chuvas tinham feito crescer abundantemente a erva e as plantas bravas trazidas pelo vento” (Saramago, 2008, p.286). Além disso, o mato infiltrava-se na calçada e cercava as rodas dos carros abandonados nas ruas.

Destaca Frye, quando trata da analogia da experiência, que “as cidades tomam naturalmente a forma da moderna metrópole labiríntica, onde a principal tensão emotiva reside na solidude e na falta de comunicação” (Frye, 1973, p.156). Se a estadia no manicômio havia sido um “labirinto racional” (Saramago, 2008, p.211), pois nele os doentes mentais são internados para recobrar a razão, a cidade, antes um espaço de ampla movimentação, com trânsito intenso, cheia de edifícios e estabelecimentos comerciais, transforma-se em um “labirinto dementado” (Saramago, 2008, p.211), pelo qual os contaminados pela cegueira, se não estão descansando, perambulam, entre o lixo, os dejetos humanos e os cadáveres espalhados nas vias, em busca de comida e de abrigo, sem ter noção do rumo que tomam, uma vez que a memória não lhes serve mais para indicar o caminho, apenas fornece imagens dos lugares. A mulher do médico, inclusive, mesmo com a visão inalterada, chegou a perder-se pela área urbana, sentindo por alguns instantes a sensação de que não seria capaz de voltar para o lugar onde deixara o marido e os outros à sua espera.

Ademais, embora os cegos estivessem a viver em bandos, dominava-lhes a solidão, a saudade dos familiares que se perderam, pois, ao contrário do grupo da mulher do médico, nos demais não havia cumplicidade, um laço de amizade mais forte:

Os grupos [...] vão perdendo e ganhando aderentes ao longo do dia, há sempre um cego que se tresmalha e se perde, outro que foi apanhado pela força da gravidade e vai de arrasto, pode ser que o aceitem, pode ser que o expulsem, depende do que traga consigo. (Saramago, 2008, p.249)

Os cegos perdiam-se não apenas geograficamente, mas também na tentativa de encontrar novas formas de sobreviver e de se organizar:

Tornada selva pela falta de visão de seus habitantes (asseveração que pode ser entendida tanto literalmente, dado o contexto do romance, tanto figuradamente, dada a situação urbana, e especialmente metropolitana, da contemporaneidade), estabelece-se ao longo do relato uma correspondência entre o labirinto da cegueira e o da cidade, na qual os habitantes, uma vez começado o seu necessário processo de deambulação para encontrarem as suas novas formas de subsistência, constantemente se perdem. A cidade torna-se, portanto, o *outro* do mal-branco, seu equivalente ou espelho metafórico, uma vez que ao longo da narração o leitor “vê”, devido à técnica narrativa de Saramago, na qual o espaço da descrição é amplo, o que os cegos deambuladores não veem: a si próprios e à cidade que os vitima e é por eles vitimada. (Costa, 1999, p.142)

Se antes do surto do mal branco a cidade já podia ser considerada um espaço dementado, principalmente os grandes centros, em virtude da agitação, da movimentação, do trânsito intenso e caótico, da rigidez de horários para a realização de diversas tarefas, do excesso de atividades que as pessoas realizam e que as faz acreditar que seu tempo é insuficiente e transcorre de forma muito acelera-

da; após a epidemia, os acometidos pela cegueira converteram o ambiente urbano em uma área degradada, onde existiam apenas “a itinerância e a errância pelas ruas, à procura de suas antigas casas e de comida” (Richter, 2007, p.63).

Um ambiente como esse era uma ameaça à saúde das pessoas, que comiam o que encontravam, sem se importar se aquilo lhe faria bem ou não, apenas querendo sobreviver. Além da comida, os excrementos espalhados, o mau cheiro, a água suja, as bactérias poderiam provocar uma infecção. A falta de água era um atentado à vida. “O tempo está-se a acabar, a podridão alastra, as doenças encontram as portas abertas, a água esgota-se, a comida tornou-se veneno” (Saramago, 2008, p.283).

A visão da mulher do médico, olhando o espaço urbano negro sob o céu pesado, resume o que se tornara essa cidade, que talvez nem merecesse ser designada como tal:

Nem uma pálida luz nas janelas, nem um reflexo desmaiado nas fachadas, o que ali estava não era uma cidade, era uma extensa massa de alcatrão que ao arrefecer se moldara a si mesma em formas de prédios, telhados, chaminés, morto tudo, apagado tudo. (Saramago, 2008, p.260)

Essa vista aterradora converte a cidade em um espaço demoníaco, completamente indesejável, impossível de despertar em alguém a vontade de habitá-lo. Com a área urbana nessas condições, a mulher do médico e seu grupo precisavam abrigar-se em algum lugar. Pela localização de suas casas, a que estava mais próxima era a da rapariga dos óculos escuros, portanto, para lá se dirigiram. No caminho, a busca por vestimentas e sapatos inicia o processo de recuperação da dignidade desses seres submetidos a tortura e humilhação. Embora não tivessem se lavado, vestir roupas limpas, ainda que improvisadas e sem se preocupar com a beleza, já causava uma transformação em sua aparência. Além disso, se predominava no manicômio uma monocromia cinzenta, a indumentária de diferentes tonalidades devolvia as cores ao corpo dos cegos. A mulher do

médico ainda fez questão, dentro das possibilidades, de combinar as estampas e os modelos e de descrever a cada pessoa “que cores e que padrões levavam postos, dessa maneira, com a ajuda da imaginação, poderão ver-se a si mesmas” (Saramago, 2008, p.231). Um gesto tão trivial como o de trocar as vestimentas, nesse caso, é capaz de proporcionar aos cegos uma visão de si próprios e de contribuir para o resgate da autoestima.

O apartamento da rapariga estava trancado. Em todo o prédio, encontraram somente uma pessoa no primeiro andar:

A mulher do médico bateu com os nós dos dedos na porta mais próxima, houve um silêncio expectante, depois uma voz rouca perguntou, desconfiada, Quem está aí, a rapariga dos óculos escuros adiantou-se, Sou eu, a vizinha do segundo andar, estou à procura dos meus pais, sabe onde eles estão, que foi que lhes aconteceu, perguntou. Ouviram-se passos arrastados, a porta abriu-se e apareceu uma velha magríssima, só a pele sobre os ossos, esquelética, de enormes cabelos brancos desgrenhados. Uma mistura nauseante de cheiros bafientos e de uma indefinível podridão fez recuar as duas mulheres. A velha arregalava os olhos, tinha-os quase brancos, Não sei nada dos teus pais, vieram buscá-los no dia a seguir a terem-te levado a ti. (Saramago, 2008, p.235)

A descrição dessa moradora é tocante. Os adjetivos que acompanham o retrato, todos de ordem depreciativa, expressam a repugnância diante dessa personagem: passos *arrastados*, *velha magríssima*, *esquelética*, cabelos *brancos* e *desgrenhados*, mistura *nauseante*, cheiros *bafientos*, *indefinível* podridão. Fisicamente, sua figura aproxima-se de uma caveira e os odores que dela provinham associam-na a um cadáver.

A vizinha conta que não fora levada porque se escondera na casa da rapariga. Para se alimentar, inicialmente, recolhera a comida que havia nas demais casas do edifício. Quando os alimentos se esgotaram, ela fora obrigada a buscar outro meio para não morrer de fome:

A morte anda aí pelas ruas, mas nos quintais a vida não acabou, disse a velha misteriosamente, Que quer dizer, Os quintais têm couves, têm coelhos, têm galinhas, também há flores, mas essas não se podem comer, E como faz, É conforme, umas vezes apanho umas couves, outras vezes mato um coelho ou uma galinha, Crus, Ao princípio acendia uma fogueira, depois habituei-me à carne crua, e os talos das couves são doces. (Saramago, 2008, p.236)

A gravidade da situação, o instinto de sobrevivência e o desejo de viver fizeram com que a velha se habituasse a matar animais e a comer carne crua. Isso explica a mistura de cheiros bafientos que sentiram a rapariga e a mulher do médico quando da vizinha se aproximaram. Essa personagem expressa o regresso dos seres humanos ao primitivismo. Tal qual os homens do período paleolítico, essa mulher vivia da caça de galinhas e coelhos no quintal e da coleta de plantas comestíveis. A maneira selvagem de alimentar-se fica registrada no relato do narrador ao descrever o estado em que se encontrava a cozinha:

Tinham passado já o corredor, o fedor tornara-se insuportável. Na cozinha, mal iluminada pela escassa luz de fora, havia peles de coelho pelo chão, penas de galinha, ossos, e, sobre a mesa, num prato sujo de sangue ressequido, pedaços de carne irreconhecíveis, como se tivessem sido mastigados muitas vezes. (Saramago, 2008, p.237)

Observa-se nesse fragmento um exemplo de mutilação, apontado por Frye como um dos traços das imagens demoníacas. A velha matava os animais e, ao que parece, ia progressivamente separando as partes, as penas, o couro, a pele, a carne, os ossos. Ainda assim, fazia um tremendo esforço para conseguir extrair da carne crua os seus nutrientes.

O pouco contato que o grupo estabeleceu com a bruxa (forma pejorativa para se referir à vizinha) os fez enxergar que sua conduta se explicava pelo medo de que os cegos pudessem fazer-lhe algum mal, roubar os animais e as plantas que lhe serviam de sustento

– lembre-se a advertência de que não deixassem o cão devorar nenhuma de suas galinhas – e, principalmente, por conta da solidão em que vivia, já que toda a sua família fora levada. “Afinal a bruxa tinha sentimentos, Não era má pessoa, ter ficado sozinha é que deve ter-lhe dado cabo do juízo” (Saramago, 2008, p.240). Ela manifesta sua gratidão, agradecendo a comida que o grupo lhe deixara e ainda devolvendo as chaves da casa da rapariga que estavam em seu poder.

A alimentação dos animais também se modifica diante dessa nova realidade:

E os coelhos, e as galinhas, o que é que comem, perguntou a mulher do médico, Couves, ervas, restos, disse a velha, Restos, de quê, De tudo, até de carne. Não nos diga que as galinhas e os coelhos comem carne, Os coelhos ainda não, mas as galinhas ficam doidas de satisfação, os animais são como as pessoas, acabam por habituar-se a tudo. (Saramago, 2008, p.237)

As galinhas passam a comer restos de si mesmas ou de outros animais, de modo que a carne toma parte agora em sua alimentação. Há uma transgressão da ordem comum das coisas, o que faz dessas imagens verdadeiras representações indesejáveis.

Além desse episódio, aparecem, ao longo da narrativa, outras imagens ligadas ao demoníaco no mundo dos animais, retratando-os como monstros predadores. O cão das lágrimas, que passou a fazer parte do grupo, mata uma das aves da vizinha do primeiro andar, “estava a devorar uma galinha, tão rápido tinha sido o ataque que nem um sinal de alarme teve tempo de dar” (Saramago, 2008, p.247).

Pelas ruas da cidade, observa-se que os animais, antes domésticos, como cães e gatos, agora recusavam afagos e caçavam em grupos. A esposa do médico depara-se com uma matilha, que tinha encontrado um novo meio de sobreviver e saciar a fome. Havia passado os cães a alimentar-se dos cadáveres espalhados pela cidade, disputando espaço com os corvos e urubus:

Uma matilha de cães devora um homem. Devia ter morrido há pouco tempo, os membros não estão rígidos, nota-se quando os cães os sacodem para arrancar ao osso a carne filada pelos dentes. Um corvo saltita à procura de uma aberta para chegar-se também à pitaça. [...] Tinham aparecido mais cães, havia já disputa sobre o que restava do corpo. (Saramago, 2008, p.251-252)

Os homens, que antes lhes forneciam abrigo, alimento e carinho, tornaram-se presas indefesas dos cachorros. O lado monstruoso desses animais se manifesta por meio de sua aparência assustadora. Além da aproximação com os corvos, os cães são também comparados a hienas, animais carnívoros que, na maioria das vezes, alimentam-se de carcaças:

Não admira que os cães sejam tantos, alguns já se parecem com hienas, as malhas do pelo são como as da podridão, correm por aí com os quartos traseiros encolhidos, como se tivessem medo de que os mortos e devorados recobrassem vida para lhes fazerem pagar a vergonha de morderem em quem não se podia defender. (Saramago, 2008, p.233)

Surgem ainda os ratos, como já era de se esperar, por causa da sujeira em que se encontrava a cidade. Contudo, eles se converteram em roedores gigantes, capazes de provocar medo aos seus predadores mais convencionais, os gatos. “Enormes ratazanas, duas, com que não ousam atrever-se os gatos que por aqui andam vadiando, porque são quase do tamanho deles e com certeza muito mais ferozes” (Saramago, 2008, p.256). Os cães, às vezes, serviam-se dos ratos também para matar a fome: “farejavam por toda a parte, escarvavam no lixo, algum levava na boca uma ratazana afogada” (Saramago, 2008, p.272). Como se verifica, o reino animal, por conta da alteração no modo de vida e no comportamento habitual dos seres que o compõe, contribui para a representação de um mundo do não desejo, que se configura em decorrência da cegueira epidêmica.

Quando o grupo finalmente adentrou a casa da rapariga foi possível perceber o contraste entre a repugnância advinda da descrição da cozinha da moradora do primeiro andar e a ordem que ainda existia no lar da moça, no qual “a cozinha estava limpa e arrumada, o pó sobre os móveis não era excessivo” (Saramago, 2008, p.238). Encontrar o espaço nessas condições evitava que tivessem de sair à procura de um abrigo para passar a noite. O grupo poderia desfrutar novamente do privilégio de dormir em uma casa.

Com os sanitários já utilizados até o extremo pela vizinha, a rapariga e seus hóspedes puseram-se a aliviar no quintal para não repetir a falta de higiene do manicômio. Sem água para se lavarem, limpavam-se improvisadamente com ervas e pedaços de tijolos. A dona da casa, entretanto, trouxe alguns lençóis e toalhas que encontrou nos armários. “Limpemo-nos a isto, disse, é melhor do que nada, e não há dúvida de que foi uma boa ideia, quando se sentaram para comer sentiam-se outros” (Saramago, 2008, p.244). A higiene, os cuidados com o corpo, a vergonha e a manutenção de condições mínimas de sobrevivência tornam-se preocupações ainda mais veementes por parte do grupo, depois da degradante experiência da quarentena. Mesmo com uma quantidade pequena de alimentos, dividida ainda com a moradora do primeiro andar, o jantar, iluminado pela luz de duas velas, “veio a ser uma festa de família, daquelas, raras” (Saramago, 2008, p.240).

Descansados, reabastecidos, o grupo deixou o apartamento da rapariga em direção ao próximo destino, a residência do oftalmologista. Pode-se considerar essa passagem pela casa da moça dos olhos escuros enquanto momento apocalíptico graças à amizade, à hospitalidade, ao retorno (ainda que ínfimo) à civilidade, à união, aos laços familiares que vão se formando e à alegria, que aos poucos vão amenizando nas personagens todos os maus-tratos sofridos no manicômio.

O percurso do grupo pelas ruas da cidade faz lembrar outro elemento apocalíptico, a metáfora do caminho: “A utilização humana do mundo inorgânico envolve a estrada tanto quanto a cidade com suas ruas, e a metáfora do caminho é inseparável de toda a literatura

da demanda, quer explicitamente cristã [...], quer não” (Frye, 1973, p.146). Estabelecendo-se um intertexto com a Bíblia, pode-se associar o périplo dos cegos com a caminhada do povo de Israel em direção à Terra Prometida. Os israelitas, guiados por Moisés, andaram por longos anos no deserto, enfrentando fome, sede, frio e conflitos pessoais na esperança de chegar à Canaã, a terra prometida, que manaria leite e mel. Os cegos do livro de Saramago, guiados por sua matriarca, a mulher do médico, atravessavam a cidade, agora reduzida a um cenário aterrador, enfrentando também inúmeras dificuldades, mas mantendo a esperança de reencontrar suas moradias, seus familiares e desejando que o pesadelo da cegueira tivesse fim. Tal como os israelitas que alcançaram a Terra Prometida, os sete peregrinos iam em busca de seu paraíso improvisado, a casa do médico, onde se estabeleceriam até recobrem a visão. Essa volta que o grupo dá pelas ruas serve ainda na narrativa para descrever as condições em que se encontrava a área urbana após o surto, uma vez que, na medida em que vão percorrendo o trajeto, a mulher do médico e o narrador vão relatando a imundície que tomou conta da cidade e a forma como tentavam sobreviver seus habitantes.

A casa do médico, cujas chaves o dono trazia consigo, não fora arrombada. Durante a permanência nessa residência se estreitam a amizade entre os membros do grupo e o sentimento de que juntos formavam uma nova família. A habitação serve-lhes de refúgio e proteção até o fim do surto e a recuperação da visão. Por estar fechada desde o início da quarentena, a casa parecia “como que parada no tempo e, por conseguinte, anterior à devastação. Da clausura no manicômio passa-se assim ao casulo da casa, reencontro da intimidade e dos cheiros próprios ou revivificados” (Seixo, 1999, p.111).

A residência, que aparentemente não tinha nada de especial, ganha uma atmosfera paradisíaca por conservar-se livre da podridão em que se encontrava a cidade:

Foi portanto a uma espécie de paraíso que chegaram os sete peregrinos, e tão forte foi esta impressão, a que, sem demasiada ofensa do rigor do termo, poderíamos chamar transcendental, que

se detiveram à entrada, como tolhidos pelo inesperado cheiro da casa, e era simplesmente o cheiro duma casa fechada, noutro tempo teríamos corrido a abrir todas as janelas, Para arejar, diríamos, hoje o bom seria tê-las calafetadas para que a podridão de fora não pudesse entrar. (Saramago, 2008, p.257)

A propriedade estava limpa, um tanto organizada, uma vez que a mulher do médico, não obstante as lágrimas que lhe eram inevitáveis, conseguiu ordenar a casa enquanto esperava que a ambulância viesse buscar o seu marido assim que ele se contaminou. Os cegos hesitaram em adentrar o local, talvez por educação, talvez porque tinham medo de sujá-lo. Para que o espaço não se convertesse em imundície tiraram à porta os calçados imundos. Ainda que o cansaço os martirizasse, esperaram ordens dos anfitriões para procurar um assento. Da dona da casa receberam roupas limpas. O resgate do pudor pode ser notado enquanto se desnudavam. O primeiro cego, a princípio, parecia ter vergonha de despir-se junto aos outros, mas acabou por lembrar-se que só a esposa do médico tinha olhos para vê-los. A rapariga tirava lentamente a vestimenta com o rosto ruborizado e, tal qual a mulher do primeiro cego, encobria os seios e o púbis. Depois de vestidos, a voz doce da mulher do médico deu algumas instruções com vistas a conservar as condições de higiene, na tentativa de impedir que se repetisse ali o estado a que chegara o manicômio.

Para visualizar os companheiros, já que a luz do dia estava a apagar-se, a dona da casa acendeu uma candeia de azeite. O tímido fogo que surgia nos bicos da lamparina tinha o poder de transformar a fisionomia, a aparência dos cegos. “Sob a luz suavíssima os próprios rostos encardidos pareciam lavados, brilhavam os olhos dos que não dormiam” (Saramago, 2008, p.261), não pareciam mais “simples contornos sem sexo, manchas imprecisas, sombras a perderem-se na sombra” (Saramago, 2008, p.260). Eis aí o fogo e a luz apocalípticos, que modificam a imagem fantasmagórica que apresentavam os hóspedes. Reunidos à mesa, como uma grande família que se encontra em um dia de festa, à luz da candeia, os cegos

partilhavam os alimentos que ainda lhes restavam. A organização, o aconchego da residência e a união familiar do grupo são elementos que caracterizam a casa do médico como uma imagem apocalíptica.

Outro aspecto que chama a atenção durante o tempo em que ficam hospedados na casa do oftalmologista é o simbolismo assumido pela água. Recurso natural de fundamental importância para a sobrevivência de qualquer ser vivo, a água sempre esteve presente no cotidiano dos seres humanos, prestando-se a diversas funções. Além disso, ela também ocupa papel relevante nas crenças, na vida social e no imaginário das pessoas, graças ao simbolismo que lhe é atribuído. Jean Chevalier e seus colaboradores apontam que “as significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regeneração” (Chevalier, 2002, p.15), temas que se combinam e que se manifestam desde tempos remotos.

A água é apresentada como *fonte de vida* porque é essencial para a existência dos seres vivos. Segundo Oparin, em *A origem da Vida* (1956), foi em porções de água que os seres vivos tiveram origem. Nos mitos da criação, a água também se relaciona à origem da vida. O *Gênesis* afirma que o Espírito de Deus pairava sobre as águas, quando a terra era ainda informe e vazia (Bíblia, 1998, Gênesis 1,2). Tal como o sangue circula por todo o corpo humano, a água percorre desde os cumes das montanhas até os veios subterrâneos do solo. Opondo-se ao deserto, a chuva traz a fertilidade à terra.

O segundo tema simbólico da água apontado por Chevalier (2002, p.15) toma-a como *meio de purificação*, elemento que lava, limpa e purifica, transcende o plano material e atinge o espiritual. As religiões judaico-cristãs, por exemplo, recorrem à água como instrumento de purificação ritual no batismo, que liberta o indivíduo do pecado: “por sua virtude, a água apaga todas as infrações e toda mácula. A água do Batismo, e só ela, lava os pecados, e [...] faz aceder a um outro estado: o do homem novo” (Chevalier, 2002, p.18).

O último tema dominante diz respeito às *propriedades regeneradoras* da água, presentes também no Batismo, tendo em vista que nesse ato ocorre um renascimento, uma renovação psíquica e

espiritual. Cite-se, ainda, a lendária fonte da juventude, cuja água faria rejuvenescer quem a bebesse. Montanhese do sul do Vietnã acreditam que a água também serve como medicamento, porque leva consigo as impurezas do corpo; e ainda como poção de imortalidade (cf. Chevalier, 2002, p.16). O próprio ciclo hidrológico instala o significado de um eterno retorno, de renovação, renascimento.

Essas três grandes vertentes simbólicas associadas à água aparecem em *Ensaio sobre a Cegueira* relacionadas a imagens apocalípticas. Na casa do médico, durante uma das refeições, o rapazinho estrábico sentiu sede. Eis que surge o simbolismo da água como fonte de vida, capaz de saciar as necessidades vitais do organismo e também como elemento regenerador ao restituir a saciedade e devolver as forças a esses indivíduos que já tanto tinham sofrido no manicômio e na caminhada até a casa em que agora se encontravam.

Querendo matar a sede do garoto, a mulher do médico trouxe-lhe água do autoclismo:

A mulher do médico aproximou o copo dos lábios do rapazinho estrábico, disse, Aqui tens a água, bebe devagar, devagar, saboreia, um copo de água é uma maravilha, não falava para ele, não falava para ninguém, simplesmente comunicava ao mundo a maravilha que é um copo de água. (Saramago, 2008, p.263)

Atacado talvez pela sede despertada pelo rapazinho ou, na condição de anfitrião, sentindo-se na obrigação de oferecer água também aos demais convidados, o médico lembra-se de um garrafão que devia estar guardado. A dona da casa

Colocou-o sobre a mesa, foi buscar os copos, os melhores que tinham, de cristal finíssimo, depois, lentamente, como se estivesse a officiar um rito, encheu-os. No fim, disse, Bebamos. As mãos cegas procuraram e encontraram os copos, levantaram-nos tremendo. Bebamos, repetiu a mulher do médico. No centro da mesa, a candeia era como um sol rodeado de astros brilhantes. (Saramago, 2008, p.264)

Note-se o tom de celebração presente neste trecho. Uma nova família formada por laços afetivos, reunida à mesa, utilizando copos finos para brindar não com vinho, tampouco com champanhe, mas com água, limpa e potável, da qual não sentiam o gosto desde a quarentena. Nesse brinde, numa atmosfera de irmandade – apocalíptica, portanto – os cegos e a mulher do médico celebravam, a despeito da cegueira que ainda não os abandonara, a existência, a vida e também o amor, a solidariedade, a união, a amizade, sentimentos estes que os uniram e facilitaram o enfrentamento das situações sombrias a que foram submetidos.

Outro elemento presente na obra relacionado ao simbolismo apocalíptico da água é a chuva, que assume principalmente a função de purificação das personagens. Um desses momentos se dá quando muitos cegos expõem seus corpos à chuva torrencial que caía. O próprio narrador demonstra espanto:

Com uma chuva destas, que pouco lhe falta para dilúvio, seria de esperar que as pessoas estivessem recolhidas, à espera de que o tempo estiasse. Não é assim, porém, por toda a parte há cegos de boca aberta para as alturas, matando a sede, armazenando água em todos os recantos do corpo, e outros cegos, mais previdentes, e sobretudo mais sensatos, sustentam nas mãos baldes, tachos e panelas, e levantam-nos ao céu generoso, é bem certo que Deus dá a nuvem conforme a sede. (Saramago, 2008, p.225)

Nota-se, nesse fragmento, uma imagem apocalíptica, porque os cegos estão a matar a sua sede, a banhar-se e limpar-se da sujeira impregnada em seus corpos e roupas e ainda a armazenar água, uma vez que, com o surto de cegueira, não encontravam mais água limpa para beber. Essa chuva fazia parte dos desejos dos cegos, como se pode observar neste outro trecho:

É verdade que não havia água para se lavarem, pena que não estivesse a chover torrencialmente, como ontem tinha chovido, saíriam outra vez ao quintal, mas agora nus e sem vergonha, rece-

beriam na cabeça e nos ombros a água generosa do céu, senti-la-iam escorrer pelo dorso e pelo peito, pelas pernas, poderiam recolhê-las nas mãos enfim limpas e por essa taça dá-la a beber a um sedento, quem fosse não importava, acaso os lábios tocariam levemente a pele antes de encontrarem a água, e, sendo a sede muita, sofregamente iriam recolher no côncavo as últimas gotas, acordando assim, quem sabe, uma outra segura. (Saramago, 2008, p.244)

Contudo, ainda mais marcante que essa cena é o banho e libação das mulheres na varanda da casa do médico oftalmologista. O banho é, por excelência, símbolo de purificação. Aproveitando a chuva, a mulher do médico decidiu banhar-se e lavar as roupas e calçados sujos. De repente, juntam-se a ela a esposa do primeiro cego e a rapariga dos óculos escuros:

Estão além três mulheres nuas, nuas como vieram ao mundo, parecem loucas, devem de estar loucas, pessoas em seu perfeito juízo não se vão pôr a lavar numa varanda exposta aos reparos da vizinhança, menos ainda naquela figura, [...] meu Deus, como vai escorrendo a chuva por elas abaixo, como desce entre os seios, como se demora e perde na escuridão do púbis, como enfim alaga e rodeia as coxas, talvez tenhamos pensado mal delas injustamente, talvez não sejamos capazes de ver o que de mais belo e glorioso aconteceu alguma vez na história da cidade, cai do chão da varanda uma toalha de espuma, quem me dera ir com ela, caindo interminavelmente, limpo, purificado, nu. [...] três graças nuas sob a chuva que cai. (Saramago, 2008, p.266)

A descrição das personagens femininas e o próprio texto dialogam com o quadro *As três graças*, pintado por Rubens.² A cena também se relaciona às Três Graças ou Cárites da mitologia grega,

2 Peter Paul Rubens (1577- 1640): pintor flamengo, que atuou durante o barroco europeu. Pintou retratos, cenas religiosas e mitológicas, valorizando as cores e expressando movimento e dinamismo em suas telas.

filhas de Zeus com Herinome, filha de Oceano. Segundo Mário da Gama Kury, elas eram “divindades da beleza, que adornavam a natureza e alegravam os deuses e os homens. Moravam no Olimpo com as Musas, e passavam o tempo cantando e dançando em coros com elas” (Kury, 1992, p.69). As Graças comumente “são representadas como três irmãs que têm os nomes de Eufrosina, Talia e Aglaia, três donzelas nuas agarradas umas às outras pelos ombros” (Grimal, 1993, p.75), que teceram o manto de Harmonia. As três figuras “influenciavam todas as manifestações da inteligência e as obras de arte” (Kury, 1992, p.69). Maria Alzira Seixo afirma que há no fragmento da narrativa de Saramago “a presença dos traços essenciais do mito: filhas das águas, ligadas pelos braços que se entrelaçam, olhando em duas direções diferentes e tecendo a roupa de Harmonia” (Seixo, 1999, p.119).

As três mulheres na varanda fazem lembrar essas personagens mitológicas em virtude da amizade, da harmonia e da felicidade que as toma durante um simples banho de chuva. Tanto no mito quanto no romance as figuras femininas “ensaboam-se carinhosamente e pela expressão dos olhares e da boca nota-se um certo contentamento, carinho e afetuosidade” (Guimarães, 2007, p.6). Na narrativa, enquanto se banhavam de forma fraternal, as mulheres pareciam resgatar a alegria, a ingenuidade, desfrutando de um momento lúdico, de descontração, no qual puderam esquecer os problemas, rir e deixar renascer a criança que havia em cada uma. Riam como “as meninas que brincavam à cabra-cega no jardim, no tempo em que ainda não eram cegas” (Saramago, 2008, p.268). O banho delas funciona como uma espécie de purificação, de retorno à vida. A água lava seus corpos e parece remover também a “sujidade insuportável da alma” (Saramago, 2008, p.265), levando consigo todo o sofrimento, as mágoas, as angústias, as dores e as recordações da violência sofrida no manicômio. Nessa atmosfera quase mágica, as mulheres podiam recuperar a dignidade perdida por conta de tudo que tinham sido obrigadas a vivenciar até aquele instante.

À medida que a chuva caía, as três graças também dialogavam e trocavam elogios sobre a beleza de cada uma:

Estou feia, perguntou a rapariga dos óculos escuros, Estás magra e suja, feia nunca o serás, E eu, perguntou a mulher do primeiro cego, Suja e magra como ela, não tão bonita, mas mais do que eu, Tu és bonita, disse a rapariga dos óculos escuros, Como podes sabê-lo, se nunca me viste, Sonhei duas vezes contigo, Quando, A segunda foi esta noite, Estavas a sonhar com a casa porque te sentias segura e tranquila, é natural, depois de tudo por que passámos, no teu sonho eu era a casa, e como, para ver-me, precisavas de pôr-me uma cara, inventaste-a, Eu também te vejo bonita, e nunca sonhei contigo, disse a mulher do primeiro cego, O que só vem demonstrar que a cegueira é a providência dos feios, Tu não és feia, Não, de fato não o sou, mas a idade, Quantos anos tens, perguntou a rapariga dos óculos escuros, Vou-me chegando aos cinquenta, Como a minha mãe, E ela, Ela, quê, Continua a ser bonita, Já foi mais, É o que acontece a todos nós, sempre fomos mais alguma vez, Tu nunca foste tanto, disse a mulher do primeiro cego. (Saramago, 2008, p.267)

A beleza ultrapassa o físico e nos lembra que alguém pode tornar-se belo por suas atitudes, seus gestos:

Numa cena intensamente poética, entre a mulher do médico, a mulher do primeiro cego e a rapariga dos óculos escuros, completamente despidas e expostas à chuva, “três graças nuas sob a chuva que cai” substituí a noção comum da beleza subordinada à imagem física da juventude, na qual se esgota, por um conceito novo, que se assume como inteiramente subjetivo – a beleza é essencialmente interior, emana *de dentro*, transpondo todas as fronteiras do corpo, e cola-se ao olhar e à alma de quem vê *de fora*. (Figueira, 1999, p.10)

Na imaginação das outras duas mulheres, a esposa do médico havia sido projetada como uma figura dotada de uma beleza peculiar, graças às ações executadas por ela em benefício dos cegos. Com uma sentença tão singela como “Tu não és feia”, a mulher do primeiro cego emociona a única que ainda conservava a visão:

Um pronome pessoal, um advérbio, um verbo, um adjetivo, e aí temos a comoção a subir irresistível à superfície da pele e dos olhos, a estalar a compostura dos sentimentos, às vezes são os nervos que não podem aguentar mais, suportaram muito, suportaram tudo, era como se levassem uma armadura, diz-se. A mulher do médico tem nervos de aço, e afinal a mulher do médico está desfeita em lágrimas por obra de um pronome pessoal, de um advérbio, de um verbo, de um adjetivo, meras categorias gramaticais. (Saramago, 2008, p.267)

Com essa intervenção para comentar a simplicidade da frase que despertou uma profunda comoção, o narrador ressalta que, muitas vezes, não se dá às palavras o seu devido valor, tomando-as como meros elementos, meras categorias gramaticais, porém elas podem ser revestidas de uma força invulgar capaz de provocar diversas reações, nesse caso, a emoção e as lágrimas que não puderam ser contidas pela mulher do médico. Portanto, nessa cena do banho das mulheres, que pode ser classificada como apocalíptica por causa da união e da afetividade que expressam,

Saramago dá-nos assim, num registo simultaneamente lírico e distanciado (estético), a epifania da beleza feminina ligada à epifania da criação verbal, ambas veiculando a emoção humana da comunicação, e representando o ponto culminante da recuperação da dignidade neste texto quase inteiramente consagrado às formas várias e mais terríveis da abjeção. (Seixo, 1999, p.120)

Além de purificar os seres humanos era a chuva que higienizava a cidade, arrastando o lixo espalhado e as demais sujidades das ruas. O incêndio no manicômio foi também apagado por “uma chuvinha miúda, uma simples poalha, é certo, mas dessa vez persistente, [...] já se sabe, água mole em brasa viva tanto dá até que apaga” (Saramago, 2008, p.213). Há ainda os respingos de água da chuva que o cão das lágrimas espirra nos cegos enquanto dormiam em uma loja. Essas gotículas podem ser consideradas regeneradoras à

medida que os faz despertar da condição de pedras, com o coração endurecido por tudo o que estavam a vivenciar, e lembrar-lhes que eram seres humanos:

Estavam a sonhar que eram pedras, e ninguém ignora o quanto é profundo o sono delas [...]. O cão das lágrimas, que não conhecia linguagem, se pôs a abanar o rabo, o instintivo movimento fê-lo recordar-se que ainda não tinha feito aquilo a que estão obrigados os cães molhados, sacudirem-se com violência, respingando quanto estiver ao redor, neles é fácil, trazem a pele como se fosse um casaco. Água benta da mais eficaz, descida diretamente do céu, os salpicos ajudaram as pedras a transformarem-se em pessoas. (Saramago, 2008, p.227)

A água, enquanto símbolo de purificação também está presente no episódio da cega das insônias. Depois da violência sexual sofrida na camarata dos cegos malvados, a mulher não resistiu e veio a óbito. A esposa do médico trouxe um recipiente com água até o leito da falecida, “queria lavar a cega das insônias, limpá-la do sangue próprio e do ranho alheio, entregá-la *purificada* à terra” (Saramago, 2008, p.180, grifo nosso). Depois foi a vez das demais mulheres aproveitarem a água para purificar os seus próprios corpos das marcas que a brutalidade dos malvados lhes deixou.

A água reaparece também em algumas ocasiões em forma de lágrimas. Lembre-se do momento em que a mulher do médico sai para buscar comida, perde-se pela cidade e desaba em prantos; ou quando chora compulsivamente ao encontrar os mortos na cave do supermercado. Ainda que o choro demonstre fragilidade, constitui uma forma de desabafar, de aliviar-se do desespero e da angústia, de externar a opressão interior do indivíduo. Somente no final da narrativa, quando os cegos começam a recobrar a visão é que as lágrimas passam a ser de contentamento.

É possível que esta cegueira tenha chegado ao fim, é possível que comecemos todos a recuperar a vista, a estas palavras a mulher

do médico começou a chorar, deveria estar contente e chorava, que singulares reações têm as pessoas, claro que estava contente, meu Deus, se é tão fácil de compreender, chorava porque se lhe tinha esgotado de golpe toda a resistência mental, era como uma criancinha que tivesse acabado de nascer e este choro fosse o seu primeiro e ainda inconsciente vagido. (Saramago, 2008, p.307)

O choro da mulher do médico era de alegria, de alívio, de regeneração mental e emotiva, embora tivesse dentro de si uma impressão de solidão, por ter sido a única a acompanhar com sua própria visão o sofrimento das vítimas da cegueira branca.

Como se pode observar, a água é um elemento múltiplo no romance, ora aparece para purificar as personagens dos males que assolam o corpo e a alma, ora ela é fonte de vida, regeneradora das forças, auxílio no resgate da vida, da alegria e da esperança. Sempre dotada de cargas positivas, associando-se a imagens apocalípticas, a água que jorra das páginas de *Ensaio sobre a Cegueira* alivia a tensão da narrativa e marca momentos de profundo lirismo, ligados aos desejos humanos mais profundos de união, amizade, felicidade, esperança, solidariedade.

Mesmo estabelecidos na casa do médico, por vezes era necessário sair em busca de alimentos. Foi numa dessas expedições que a mulher do oftalmologista entrou em um supermercado, já bastante depredado pela ação dos cegos:

Lá dentro o aspecto não era diferente, prateleiras vazias, escarlates derrubados, pelo meio vagueavam os cegos, a maior parte deles de gatas, varrendo com as mãos o chão imundo, esperando encontrar ainda algo que se pudesse aproveitar, uma lata de conserva que tivesse resistido às pancadas com que tentaram abri-la, um pacote qualquer, do que fosse, uma batata, mesmo pisada, um naco de pão, mesmo feito pedra. A mulher do médico pensou, Apesar de tudo, algo haverá, isto é enorme. (Saramago, 2008, p.219)

Os produtos que ainda restavam estavam sendo disputados a socos e empurrões pelos cegos. Tentando localizar um depósito, onde estariam estocados os produtos destinados à reposição dos itens vendidos, ao abrir uma porta que dava acesso a uma escada, a mulher se deparou com uma escuridão profunda que teria de enfrentar para chegar aos alimentos armazenados nesse salão abaixo do andar térreo. Sendo a cave um espaço subterrâneo, é válido recorrer à ideia de Gaston Bachelard (1989, p.36-37) de que o porão, o subsolo, remete sempre inconscientemente ao irracional ou a uma lenta racionalização. É exatamente o que se observa nos desvarios que perpassam a mente da esposa do médico antes de descer as escadas: ela sente medo da escuridão, de se deparar com fantasmas ou mesmo com um dragão. Apesar da confusão mental, venceu todos os degraus e pôde recolher alguns suprimentos. Ao sair, decidiu não avisar aos cegos que ainda havia um estoque de comida guardado no depósito. Fechara a porta e

dizia a si mesma que o melhor era calar, imagine-se o que aconteceria, os cegos a correrem para lá como loucos, seria como no manicômio quando se declarou o incêndio, rolariam pelas escadas abaixo, pisados e esmagados pelos que viessem atrás, que cairiam também, não é a mesma coisa pôr o pé num degrau firme ou num corpo resvaladiço. E quando a comida se acabar poderei voltar por mais, pensou. (Saramago, 2008, p.224)

Lembrava-se ela que talvez pudesse voltar ali outras vezes para reabastecer-se. Ilude sua consciência com a desculpa de que poderia provocar inúmeras mortes na escada, disputa pelos alimentos, um verdadeiro tumulto que, de fato, teria grandes chances de acontecer. Contudo, o cheiro do chouriço que havia ingerido e dos alimentos que carregava suscitou nos cegos a procura pelo esconderijo dos produtos e fez com que alguns tentassem atacar a mulher, que teve de correr para impedir que lhe tomassem os sacos cheios

de provisões. Nesse instante, a narrativa faz menção ao quadro *A liberdade guiando o povo*, de Delacroix:³

Alguém tinha deitado a mão ao último farrapo que mal a tapava da cintura para cima, agora ia de peitos descobertos, por eles, lustralmente, palavra fina, lhe escorria a água do céu, não era a liberdade guiando o povo, os sacos, felizmente cheios, pesam demasiado para levá-los levantados como uma bandeira. (Saramago, 2008, p.225)

Pintada em comemoração à queda de Carlos X, decorrente da Revolução de julho de 1830, ocorrida na França, a tela retrata a imagem de uma mulher com seios descobertos, a andar sobre os corpos dos derrotados, com a bandeira da França na mão direita e uma arma na esquerda, conduzindo o grupo de revolucionários, que apoiava o liberalismo. Essa mulher, representação da liberdade e dos ideais liberais, guia o povo em direção ao fim do estado opressor. A narrativa de Saramago se reporta a essa tela em razão da semelhança entre a figura feminina retratada e a mulher do médico, ambas com roupas esfarrapadas e seios nus. Ao contrário da cena pictórica, a situação da mulher do médico não era de vitória. Nas mãos, carregava não uma arma, tampouco uma bandeira, mas sacos cheios de alimentos. Não trazia os braços levantados, por causa do peso das sacolas: a pouca força que lhe restava precisava ser poupada. Ela também guiava o povo, não uma tropa de revolucionários, mas um pequeno grupo de cegos e uma matilha de cães que a seguiam em virtude do cheiro da comida. Enquanto no momento histórico retratado no quadro se lutava pelo liberalismo, vislumbrando um futuro melhor, as pessoas privadas da visão no romance viviam apenas o presente, na desconfiança de que pudesse

3 Eugène Delacroix (1798-1863): pintor romântico francês. Explorou o uso de cores, luzes e sombras para retratar momentos históricos, imagens exóticas, cenas violentas e sensuais.

não haver amanhã. A mulher do oftalmologista era quem atenuava as inúmeras dificuldades provocadas pela cegueira.

Como previra, algum tempo depois a mulher regressa à cave do mesmo supermercado para reabastecer-se, porém depara-se com um acúmulo de corpos:

Estão mortos, Viste alguma coisa, abriste a porta, perguntou o marido, Não, só vi que havia fogos-fátuos agarrados às frinchas, estavam ali agarrados e dançavam, não se soltavam, Hidrogênio fosforado resultante da decomposição, Imagino que sim, Que terá sucedido, Devem ter dado com a cave, precipitaram-se pela escada abaixo à procura de comida, lembro-me de como era fácil escorregar e cair naqueles degraus, e se caiu um caíram todos, provavelmente nem conseguiram chegar aonde queriam, ou conseguiram-no e com a escada obstruída não puderam voltar, Mas tu disseste que a porta estava fechada, Fecharam-na com certeza os outros cegos, transformaram a cave num enorme sepulcro, e eu sou a culpada do que aconteceu. (Saramago, 2008, p.298)

Essa cave, situada no subsolo do supermercado, faz também alusão ao Hades, o mundo subterrâneo dos mortos na mitologia grega, pois é em depósito de cadáveres que se converte o local. Acrescenta Nanci Geroldo Richter (2007, p.69) que os três lances da escada, “por onde se chegaria ao outro mundo” (Saramago, 2008, p.304), remetem aos três estágios da descida ao inferno, a saber, o *Limbo*, o *Érebo* e o *Tártaro*. Assim, esse episódio do supermercado serve à obra como uma representação da morte, que embora certa, é sempre indesejada pelos seres humanos:

A cave do supermercado condensa a ideia de morte, considerando que é escura, profunda, desconhecida – há escadas que a conduzem para sua parte interior – e é misteriosa, já que as personagens não sabem o que há lá; e ela reforça a ideia de morte ao ser transformada em “sepulcro”, local onde muitos corpos de cegos estavam a putrefar, metaforizando a cave como a certeza de morte

ao ser humano, uma vez que o fim da vida humana, de fato, é a morte. (Conrado, 2006, p.101)

O repositório do supermercado, que a princípio oferecera ao grupo do médico as provisões necessárias à sua subsistência, torna-se um espaço demoníaco por conta das mortes ocorridas, ao encontro estarecedor da mulher com os cadáveres e à dolorosa sensação de que ela provocara o óbito daquelas pessoas, uma situação na qual nenhum ser humano gostaria de estar envolvido.

Ao deixar o supermercado, chocada com o que presenciara, a mulher do médico adentra também uma igreja. Apesar da superlotação do local, ainda assim ela encontrou um lugar para deitar-se e recuperar as energias. Ao observar o interior do templo, impressionou-se com o que viu: “todas as imagens da igreja tinham os olhos vendados, as esculturas com um pano branco atado ao redor da cabeça, as pinturas com uma grossa pincelada de tinta branca” (Saramago, 2008, p.301). Nesse trecho da obra, a esposa do oftalmologista enumera as imagens sacras que estão diante de seus olhos:

Não podia ser verdade o que os olhos lhe mostravam, aquele homem pregado na cruz com uma venda branca a tapar-lhe os olhos, e ao lado uma mulher com o coração trespassado por sete espadas e os olhos também tapados por uma venda branca, [...] e estava além uma mulher a ensinar a filha a ler, e as duas tinham os olhos tapados, e um homem com um livro aberto onde se sentava um menino pequeno, e os dois tinham os olhos tapados, e um velho de barbas compridas, com três chaves na mão, e tinha os olhos tapados, e outro homem com o corpo cravejado de flechas, e tinha os olhos tapados, e uma mulher com uma lanterna acesa, e tinha os olhos tapados, e um homem com feridas nas mãos e nos pés e no peito, e tinha os olhos tapados, e outro homem com um leão, e os dois tinham os olhos tapados, e outro homem com um cordeiro, e os dois tinham os olhos tapados, e outro homem com uma águia, e os dois tinham os olhos tapados, e outro homem com uma lança dominando um homem caído, chavelhudo e com pés de bode, e os dois

tinham os olhos tapados, e outro homem com uma balança, e tinha os olhos tapados, e um velho calvo segurando um lírio branco, e tinha os olhos tapados, e outro velho apoiado a uma espada desembainhada, e tinha os olhos tapados, e uma mulher com uma pomba, e as duas tinham os olhos tapados, e um homem com dois corvos, e os três tinham os olhos tapados, só havia uma mulher que não tinha os olhos tapados porque já os levava arrancados numa bandeja de prata. (Saramago, 2008, p.301)

Nesse fragmento, observa-se a utilização do conceito de *écfrase*, definido por Clüver (1997, p.42) como “a verbalização de textos reais ou fictícios compostos em sistemas não verbais”. A *écfrase* consiste, portanto, em realizar uma descrição com palavras de uma obra ou objeto que não sejam construídos por meio delas. Nesse caso, a mulher do médico descreve as representações artísticas dos santos que estão no templo, sem mencionar seus respectivos nomes. Entretanto, a descrição de cada imagem permite, de acordo com as tradições católicas, identificar as figuras sacras às quais se faz referência. O homem pregado na cruz, por exemplo, remete indubitavelmente à imagem de Jesus Cristo. Quanto à menção de uma mulher com o coração trespassado por espadas, trata-se de Nossa Senhora das Dores, a qual é comumente retratada com o coração imaculado ferido por sete espadas, as quais simbolizam a dor, por conta da Paixão e Morte de seu Filho. A mulher a ensinar a filha a ler pode se referir a Santa Ana, que segura uma obra e traz Maria ao colo. Nessa linha, é possível identificar, uma a uma, todas as imagens evocadas no fragmento.

A maneira como os santos aparecem representados nesse rol manifesta algumas ideias, tais como a expressão de valores humanos, a doação da vida em favor do outro, o cuidado maternal, a proteção, a humildade, a renúncia, a luz enquanto sabedoria, o esforço, a força, a fé, o sofrimento, o martírio e a dor. Todos esses temas suscitados podem também ser identificados no romance de Saramago, no relacionamento interpessoal estabelecido entre os cegos. No geral, todos esses santos tiveram que enfrentar uma vida

difícil e foram torturados, morrendo em circunstâncias brutais, como se nota em algumas das imagens. Se eles foram provados e tentados para que demonstrassem o seu amor a Deus, os cegos da narrativa também estavam a ser torturados e tiveram sua humanidade testada durante o surto de cegueira, para que pudessem voltar à vida de alguma forma transfigurados. No entanto, ao ter os olhos vendados, o caráter sobrenatural dessas figuras se perde, estão tão cegas quanto os homens. São rebaixadas, portanto, à mesma condição em que se encontram os seres humanos. Inclusive a mulher do médico as descreve como *um homem, uma mulher*, utilizando um tom bastante humanizador. Nem mesmo os nomes dos santos são divulgados, uma vez que não era necessário conhecê-los, pois rogar ajuda a eles não adiantaria, estavam também impedidos de enxergar. Assim, ocorre nessa passagem a inversão de arquétipos de que trata Frye (1973, p.157). Os santos, comumente tidos como intercessores, considerados pelos cristãos católicos com exemplos de conduta e fé, ocupando uma posição elevada em relação aos homens, são destituídos de sua excepcionalidade e a eles igualados, colocados no mesmo nível.

Diante dessa cena, o médico e sua esposa começam a construir hipóteses para descobrir quem poderia ter tomado a atitude de vender os olhos das imagens do templo: um desesperado da fé, provavelmente o próprio padre, que não sabia o que dizer aos fiéis ou que perdera a crença no sobrenatural. Num ato de revolta, pressentindo possivelmente a sua vez de cegar, o presbítero cobriu os olhos dos santos para que eles também compartilhassem do sofrimento dos homens diante dessa epidemia ou para demonstrar ao povo que não ocorreria nenhum tipo de intervenção divina, pois Deus e seus santos tinham sido também acometidos pelo mal branco. Num raciocínio silogístico: o homem é imagem e semelhança de Deus (premissa maior), se o homem está cego (premissa menor), logo Deus também está cego (conclusão). Essa ideia é confirmada pelas palavras da mulher do médico: “uma vez que os cegos não poderiam ver as imagens, também as imagens deveriam deixar de ver os cegos” (Saramago, 2008, p.302). Esse líder espiritual que vendou

os olhos das imagens, na opinião da mulher do médico, “deve ter sido o maior sacrílego de todos os tempos e de todas as religiões, o mais justo, o mais radicalmente humano, o que veio aqui para declarar finalmente que Deus não merece ver” (Saramago, 2008, p.302). O criador não merecia ver ou por conta do mal que deixara atingir sua criação, ou porque, “subvertendo o julgamento divino de que os homens não merecem ver a Deus, por seus pecados, a justiça humana decide que Deus não merece ver pela sua ausência” (Vasco, 2001, p.158), por não tomar nenhum tipo de atitude para evitar a dor de suas criaturas. A cena faz uma crítica à religiosidade, tal como mostrado com as estruturas governamentais. Se o Estado não era capaz de resolver os problemas – já que se tratava de algo misterioso, que nem a ciência conseguia explicar – a saída era apostar na fé, pedir a intercessão dos santos e acreditar na intervenção de Deus, buscando, dessa forma, uma solução espiritual. Todavia, como descreve Frye na caracterização das imagens demoníacas, os deuses parecem estar distantes, indiferentes ao que acontece com os seres humanos, tão cegos quanto as pessoas. A religiosidade já não tem mais tanta eficácia, perdeu as suas forças e também não é capaz de abrir os olhos da população e despertar a compaixão, o amor fraterno, recíproco, tal como pregado pelo grande líder do cristianismo, agora de olhos vendados.

Ainda que estivessem no templo, a desconfiança entre as pessoas aparece nesse episódio, quando um dos cegos, ouvindo a conversa do médico e sua esposa, questiona como ela podia saber que as imagens tinham os olhos tapados e a faz jurar que estava dizendo a verdade. Espalhando-se por toda a igreja a notícia do estado em que se encontravam os santos, os fiéis, desesperados, perdem definitivamente a fé:

Num murmúrio que aos poucos foi mudando de tom, primeiro incrédulo, depois inquieto, outra vez incrédulo, o mau foi haver no ajuntamento umas quantas pessoas supersticiosas e imaginativas, a ideia de que as sagradas imagens estavam cegas, de que os seus misericordiosos ou sofredores olhares não contemplavam mais

que a sua própria cegueira, tornou-se subitamente insuportável, foi o mesmo que terem vindo dizer-lhes que estavam rodeados de mortos-vivos, bastou ter-se ouvido um grito, e depois outro, e outro, logo o medo fez levantar toda a gente, o pânico empurrou-os para a porta. (Saramago, 2008, p.303)

A necessidade de olhar para o próximo e a ideia de que existimos a partir do momento em que os outros nos enxergam e passam a nos conhecer ficam registradas na fala da mulher do médico:

As imagens não veem, Engano teu, as imagens veem com os olhos que as veem, só agora a cegueira é para todos, Tu continuas a ver, Cada vez irei vendo menos, mesmo que não perca a vista tornar-me-ei mais e mais cega cada dia porque não terei quem me veja. (Saramago, 2008, p.302)

As imagens só readquiririam sua existência quando houvesse pessoas que as olhassem e que nelas acreditassem. A esposa do oftalmologista também precisava de olhos que a vissem, tendo em vista que nossas ações, bem como a reflexão sobre nossa conduta, são movidas muitas vezes pela forma como os outros nos veem.

Se nem mesmo o sobrenatural pôde banir ou amenizar a cegueira, se Deus e os santos também perderam a visão, ficava cada vez mais difícil ter esperança de que tudo pudesse se resolver. A religiosidade, assim como a ciência, já não era capaz de oferecer resposta às inquietações humanas e à busca por sua identidade e totalidade.

Nessas condições, tal qual ocorre na analogia da experiência, diante da cegueira, os cegos necessitaram realizar o “redescobrimto da fé por intermédio das obras” (Frye, 1973, p.155). Por mais que a situação fosse muito cruel, os infectados foram criando uma maneira de enfrentar as dificuldades, de se esforçar e trabalhar com vistas à sua sobrevivência. Sabiam os contaminados pelo mal branco que, além da fé, era preciso que cada um fizesse a sua parte, pois “a fé sem obras é morta” (Bíblia, 1998, Tiago 2,26). Pelo dese-

jo de um dia recuperar a vista é que trabalharam, adotaram ações, organizaram-se e, sobretudo, lutaram pela vida.

A casa que pertencera ao primeiro cego também foi visitada. Nela, passara a viver a família de um escritor, o qual não quis identificar-se, dizia ele que seu nome e toda a obra que produzira até então não faziam mais sentido numa terra de cegos. Tal como as imagens da igreja, a literatura só faz sentido se houver quem a produza e quem a leia. Apesar disso, o homem havia improvisado uma forma de continuar a escrever, pensando na posteridade. Ele colocava uma folha sobre uma superfície branda e, utilizando uma caneta esferográfica produzia seu texto, no qual pretendia relatar esse surto de cegueira de que foi testemunha. As marcas salientes que a caneta produzia lhe proporcionavam saber onde já havia escrito, “basta que vá seguindo com o dedo a depressão da última linha escrita, ir assim andando até à aresta da folha, calcular a distância para a nova linha e continuar” (Saramago, 2008, p.278).

Enquanto caminhavam pela cidade, o movimento nas praças espalhadas pela área urbana também chamou a atenção do médico e sua esposa. Em uma delas, a denominada praça dos anunciamentos mágicos, perceberam que

[...] havia grupos de cegos que se entretinham a escutar os discursos doutros cegos, à primeira vista não pareciam cegos nem uns nem outros, os que falavam viravam inflamadamente a cara para os que ouviam, os que ouviam viravam atentamente a cara para os que falavam. Proclamava-se ali o fim do mundo, a salvação penitencial, a visão do sétimo dia, o advento do anjo, a colisão cósmica, a extinção do sol, o espírito da tribo, a seiva da mandrágora, o unguento do tigre, a virtude do signo, a disciplina do vento, o perfume da lua, a reivindicação da treva, o poder do esconjuro, a marca do calcanhar, a crucificação da rosa, a pureza da linfa, o sangue do gato preto, a dormência da sombra, a revolta das marés, a lógica da antropofagia, a castração sem dor, a tatuagem divina, a cegueira voluntária, o pensamento convexo, o côncavo, o plano, o vertical, o inclinado, o concentrado, o disperso, o fugido, a ablação das cordas vocais,

a morte da palavra, Aqui não há ninguém a falar de organização, disse a mulher do médico ao marido. (Saramago, 2008, p.284)

Nota-se nesse fragmento que o discurso estava voltado para uma visão pessimista e escatológica. Os símbolos enumerados representam o fim dos tempos, do mundo e da humanidade, a destruição da Terra, a morte, a tortura, os pontos fracos, o arrependimento, o sofrimento, os desastres ecológicos, a confusão de pensamentos, o término da comunicação verbal. Os elementos mencionados referem-se a crenças e superstições diversas, como o cristianismo, o esoterismo, o misticismo, o folclore, entre outras. Enquanto o grupo da mulher do médico se organizava para facilitar a sobrevivência e o relacionamento interpessoal, esses cegos estavam parados nesta praça sem tomar atitude alguma, sem discutir algo útil à vida em sociedade, à coletividade, muito pelo contrário, anunciando que não havia mais nenhuma solução visível para a situação a que estavam submetidos. O discurso proferido, desta forma, faz “troça da expectativa profética, assim como do charlatanismo e da superstição religiosa e científica, numa ladainha em tom sabiamente jocoso” (Vasco, 2001, p.175). O narrador chega a ironizar, afirmando que para completar o falatório “só tinha faltado acrescentar a cabeça do louva-a-deus e o suicídio do lacrau” (Saramago, 2008, p.288).

Essa praça também estabelece uma relação com a *Ágora* das cidades gregas da Antiguidade Clássica. A *Ágora* era a praça principal da *pólis* e o espaço público por excelência, visto que nela ocorria uma espécie de feira livre. Funcionava como local de encontro das pessoas e sede para discussões políticas. Era o espaço das assembleias, dando a todos direito à voz e ao voto. Entretanto, Saramago cria em sua obra uma anti-*Ágora*, já que ali havia uma divisão clara de oradores e ouvintes. Estes últimos, porém, não participavam ativamente, não estavam a dar sua opinião, permaneciam em silêncio. Além disso, o discurso que ali era proclamado não estava interessado na criação de elos sociais nem em estabelecer uma organização que possibilitasse melhorias à sobrevivência e à convivência. Nas palavras de Sandra Aparecida Ferreira:

O que essa praça revela, por meio da ironia, é como o elo social está despolitizado, dada a conversão da praça em picadeiro, onde o *non sense* grassa como semente de um surrealismo extemporâneo [...]. A praça do *Ensaio sobre a cegueira* reflete, portanto, a expressão passiva de um grande mal-estar social, como um espelho em que a alienação contempla sua própria face. (Ferreira, 2004, p.117)

Com o anúncio exagerado do final dos dias, projeta-se na obra mais uma imagem demoníaca, haja vista que os cegos estão a viver um inferno existencial, creem que o seu destino é inescrutável e não encontram nenhuma perspectiva para o futuro. Essas pessoas reunidas perderam já toda a esperança, pois viram ruir gradativamente cada uma das estruturas que acreditaram que as sustentaria e se esqueceram de que podiam, não sem um árduo trabalho, reconstruir a sociedade a partir de seus próprios conhecimentos e experiências, sem que fosse necessário esperar uma luz que viesse de terceiros.

Em outra ocasião, ao atravessar outra praça, embora a situação fosse idêntica ao que ocorria na primeira – cegos discursando para outros cegos – verifica-se certa modificação nos assuntos colocados em pauta:

Proclamavam-se ali os princípios fundamentais dos grandes sistemas organizados, a propriedade privada, o livre câmbio, o mercado, a bolsa, a taxaço fiscal, o juro, a apropriação, a desapropriação, a produção, a distribuição, o consumo, o abastecimento e o desabastecimento, a riqueza e a pobreza, a comunicação, a repressão e a delinquência, as lotarias, os edifícios prisionais, o código penal, o código civil, o código de estradas, o dicionário, a lista de telefones, as redes de prostituição, as fábricas de material de guerra, as forças armadas, os cemitérios, a polícia, o contrabando, as drogas, os tráficos ilícitos permitidos, a investigação farmacêutica, o jogo, o preço das curas e dos funerais, a justiça, o empréstimo, os partidos políticos, as eleições, os parlamentos, os governos, o pensamento convexo, o côncavo, o plano, o vertical, o inclinado, o concentrado, o disperso, o fugido, a ablação das cordas vocais, a

morte da palavra. Aqui fala-se de organização, disse a mulher do médico ao marido, Já reparei, respondeu ele, e calou-se. (Saramago, 2008, p.295)

As pessoas reunidas, dessa vez, discutem a organização, os problemas sociais, o direito de expressão, os códigos de conduta, a economia, a filosofia, os crimes, a punição, as formas de governo, as relações de posse e de poder, a situação dos espaços públicos. Nota-se também a utilização de antônimos para demonstrar que estavam raciocinando e medindo as consequências de perspectivas distintas de uma mesma ação ou conflito.

Diferente da praça dos anúncios mágicos, onde se proclamava o fim de tudo, esses cegos repensavam a estruturação da sociedade a que estavam vinculados antes do surto de cegueira. A perda da visão levou-lhes a refletir os problemas de ordem coletiva, que deveriam ser preocupação de qualquer cidadão. Não é possível saber o que ocorre depois que os cegos recuperam a vista, mas pode-se pensar que esse tipo de discussão poderia provocar mudanças. Em virtude desse levantamento de dificuldades e desafios da vida social que estavam encobertos ou para os quais se fazia vista grossa, a reunião de pessoas nessa última praça pode caracterizar-se como uma imagem apocalíptica. Verifica-se que a obra expressa, por meio desses dois discursos, duas formas distintas de enfrentar uma situação adversa: perder completamente as esperanças ou buscar racionalmente uma maneira de vencer os obstáculos.

Contudo, a cena mais redentora da narrativa se manifesta quando as personagens subitamente recobram a visão, pois sabiam que esse era o momento de libertação da cegueira que os assolou. Aquele que primeiro cegou no trânsito foi também o primeiro a ter os olhos emersos do mar de leite em que haviam sido mergulhados. Tudo se deu na casa do oftalmologista, enquanto a mulher do médico nutria o espírito de todos com a leitura de um livro. O primeiro cego, de olhos fechados, teve a impressão de que a brancura de seus olhos se convertera em escuridão, obrigando-o a experimentar a cegueira comum. Amedrontado,

abriu os olhos e viu. Viu e gritou, Vejo. O primeiro grito ainda foi o da incredulidade, mas com o segundo, e o terceiro, e quantos mais, foi crescendo a evidência, Vejo, vejo, abraçou-se à mulher como louco, depois correu para a mulher do médico e abraçou-a também. (Saramago, 2008, p.306)

E assim, sucessivamente, o homem pôs-se a abraçar a todos os companheiros, tomado por uma alegria inestimável. Ao doutor o ex-cego comunica a recuperação completa da visão e a sensação de que seus olhos enxergavam a realidade agora melhor do que antes. Mesmo diante da euforia da situação, não deixa o narrador de apontar o quanto o ato de enxergar era capaz de interferir e modificar o relacionamento das pessoas. Para dirigir-se ao médico, o primeiro contaminado curado preferiu demonstrar certa formalidade. Disse ele “Vejo, senhor doutor, não o tratou por tu como se tinha tornado quase regra nesta comunidade, explique, quem puder, a razão da súbita diferença” (Saramago, 2008, p.307). Essa distância se imprimiu ao diálogo, tratando o médico por *senhor doutor*, mesmo depois de todas as situações abjetas que o grupo viveu. Esse fato denuncia o quanto a visão pode ser redutora, superficial e estigmatizada, deixando-se levar pelas aparências. Ao ver o oftalmologista, o primeiro cego, ainda movido pelos hábitos anteriores ao surto, substitui a proximidade e a intimidade com que se tratavam até então por uma postura mais cerimoniosa. Essa atitude sinaliza que seria difícil para os cegos desligar-se das formas de convivência anteriores à cegueira, que ainda tinham muito a aprender e que as possíveis transformações advindas do período em que permaneceram sem visão poderiam se manifestar gradativamente. Por outro lado, outros sentimentos pareceram se intensificar, como o amor, expresso em inumeráveis abraços que o primeiro cego dá na esposa e na disposição de tornar-se guia dela também:

Em certa altura o primeiro cego teve a lembrança de dizer à mulher que no dia seguinte iriam a casa, Mas eu ainda estou cega, respondeu ela, Não faz mal, eu guio-te, só quem ali se encontrava,

e portanto ouviu com os seus próprios ouvidos, foi capaz de perceber como em tão simples palavras puderam caber sentimentos tão distintos como são os da proteção, do orgulho e da autoridade. (Saramago, 2008, p.308)

A experiência da cegueira parece ter modificado o comportamento do homem que outrora, sob uma profunda sensação de posse, se adiantou à esposa para declarar que ela não se prestaria aos caprichos sexuais dos cegos malvados, mesmo que fosse para garantir sua própria sobrevivência. Agora ele era capaz de demonstrar sentimentos tão nobres.

Saber que um dos atingidos pelo mal branco fora curado alimentava a esperança dos demais. Tal como as visões de João na Ilha de Patmos sobre os acontecimentos vindouros, relatadas no livro bíblico do Apocalipse, o fato de o primeiro cego curar-se do mal da cegueira funciona como um sinal, uma previsão do futuro: se aquele que fora o primeiro a cegar agora voltara a enxergar, paulatinamente os demais recuperariam a vista e o surto teria fim. “Como uma corda que se partiu, como uma mola que não aguentou mais o esforço a que esteve continuamente sujeita” (Saramago, 2008, p.308), a mulher do médico desfazia-se em pranto de alívio e de contentamento vendo o primeiro cego relatar que voltara a enxergar.

A segunda pessoa a ter a visão restabelecida foi a rapariga dos óculos escuros. Seus abraços foram em primeiro lugar para a mulher do oftalmologista, a qual lhe acolhera mesmo depois de sua traição com o médico. Em seguida, dirigiu-se ao velho da venda preta para reafirmar sua vontade de viverem juntos.

Na sequência, foi o médico quem se livrou do mal branco. Ao se reunirem para a refeição matutina, a felicidade contagiante era o principal alimento:

De festa foi o banquete da manhã. O que estava sobre a mesa, além de ser pouco, repugnaria a qualquer apetite normal, a força dos sentimentos, como em momentos de exaltação sucede sempre, tinha ocupado o lugar da fome, mas a alegria servia-lhes de manjar,

ninguém se queixou, mesmo os que ainda estavam cegos riam como se os olhos que já viam fossem os seus. (Saramago, 2008, p.309)

Ansiosos por retomar suas vidas, cada um expressava o desejo de rever suas casas, localizar seus familiares. Lá fora a situação não era diferente, progressivamente as pessoas iam recobrando a visão. Acompanhava a alegria a sensação de que tudo o que tinham vivido não passara de imaginação:

Pela janela aberta [...] entrava o rumor das vozes alteradas, as ruas deviam estar cheias de gente, a multidão a gritar uma só palavra. Vejo, diziam-na os que já tinham recuperado a vista, diziam-na os que de repente a recuperavam, Vejo, vejo, em verdade começa a parecer uma história doutro mundo aquela em que se disse, Estou cego. (Saramago, 2008, p.309)

E assim os cegos pareciam acordar do pesadelo da cegueira, abandonando o inferno e passando ao paraíso, o qual precisaria ser (re)construído, de preferência, levando-se em conta a experiência vivenciada, as lições aprendidas e o abrir de olhos que a cegueira pode ter lhes proporcionado.

Os protagonistas da cegueira

Entre a população atingida pela cegueira, destacam-se sete personagens, que compõem o grupo formado pela mulher do médico, o qual a narrativa acompanha com maior proximidade.

A bravura e a beleza dos heróis, o espírito paternal e a sabedoria, apontados pelo crítico canadense na descrição das imagens que pertencem à analogia da inocência, são características incorporadas à mulher do médico em *Ensaio sobre a Cegueira*. Ao longo da narrativa é ela quem parece agir como uma heroína, sendo concebida, embora não seja divina, como uma figura materna e sábia.

Desde que soube que o marido seria levado de casa, ela se preparou para acompanhá-lo e simulou estar cega de forma que o motorista da ambulância permitisse que ela também fosse levada. No manicômio, a mulher do médico manifestava o desejo de ajudar os cegos recém-chegados. Era ela quem conduzia alguns grupos pelos corredores do prédio, alegando que, por ter sido uma das primeiras pessoas trazidas para a quarentena, já tinha aprendido o caminho.

A mulher do médico tinha também de proceder como se estivesse cega. Por fim, a fila lá ficou ordenada, atrás da mulher do médico ia a rapariga dos óculos escuros com o rapazinho estrábico pela mão, depois o ladrão, de cuecas e camisola interior, a seguir o médico, e no fim, a salvo de agressões por agora, o primeiro cego. Avançavam muito devagar como se não se fiassem de quem os guiava, com a mão livre tentando o ar. (Saramago, 2008, p.56)

Nesses instantes em que a esposa do oftalmologista serve de guia aos atingidos pela cegueira, a narrativa faz alusão ao quadro *A parábola dos cegos*, de Pieter Bruegel,⁴ pintor que “retratou a realidade das pequenas aldeias que ainda conservavam a cultura medieval” (Proença, 1989, p.96).

Pieter Bruegel costumava representar em suas telas alegorias, provérbios ou parábolas. De acordo com Robert Cumming,

Os provérbios eram um meio de expressão importante na época de Bruegel, e muitas vezes eram expressos visualmente. Havia muitas gravuras com temas desse gênero, que eram baratas e circulavam com facilidade. [...] A obra de Bruegel resistiu ao tempo porque cada geração tem a sensação de que ela se refere às questões e à realidade de seu próprio tempo. (Cumming, 2005, p.40)

4 Pieter Bruegel (1525? – 1569): pintor da região de Flandres (atual Bélgica). Retratava cenas da vida camponesa em seus quadros. Além de paisagens, pintava também quadros que expressam as fraquezas humanas e temas moralistas, como a representação visual de provérbios.

No quadro em questão pode-se observar uma fila de pessoas cegas, que não sabem qual rumo tomar e, por isso, andam juntas. O indivíduo que cada cego tem à sua frente é quem guia os que o sucedem. O problema é que estão todos prestes a se lançar em um precipício. O movimento expresso na tela exprime a impressão de morte em série. A parábola, nesse caso, reside na ideia de que um cego que guia outros cegos leva todos ao abismo, conforme ensina Jesus quando fala dos fariseus: “Deixai-os. São cegos e guias de cegos. Ora, se um cego conduz a outro, tombarão ambos na mesma vala.” (Bíblia, 1998, Mateus 15,14). Em outras palavras, afirma Cumming que o quadro intenciona mostrar que “as pessoas estúpidas têm a tendência de seguir outras que são igualmente estúpidas” (Cumming, 2005, p.41).

Como se nota, a parábola descrita no quadro do pintor flamengo, em seu sentido conotativo, não diz respeito à cegueira convencional, mas a uma cegueira de ordem moral, tal como no romance de Saramago. Quem mais guiava os cegos no manicômio era a mulher do médico. Sem saber que a visão dela estava intacta, os indivíduos guiados pareciam rumar sem direção e com desconfiança, sensação que encontra paralelo visual no quadro de Bruegel: as figuras dirigem seu olhar para direções distintas e não se mostram seguras do caminho que estão tomando. Contudo, ao contrário do pessimismo da pintura, Saramago coloca para conduzir os cegos uma vidente, que se preocupava com eles, que se mostrava muito solícita, traçando estratégias para ajudá-los com a precaução de que não descobrissem que mantinha sua visão em perfeito estado.

Além da mulher guiando os cegos, há ainda mais uma referência ao quadro quando o narrador relata que famílias inteiras perderam a visão, sem sobrar ninguém para cuidar dos contagiados: “teria de suceder-lhes o mesmo que aos cegos da pintura, caminhando juntos, caindo juntos e juntos morrendo” (Saramago, 2008, p.125). Dessa vez, o tom melancólico da pintura se repete no romance.

Outros elementos da tela também podem ser associados ao enredo da narrativa. A ideia de um guia lembra que as camaratas tinham cegos como seus líderes. Uma delas era comandada pelo

homem que possuía uma pistola, e, por isso, obrigava seus companheiros de convívio a atender suas vontades e a concordar com suas ações. Ao contrário dessa conduta tirana, na primeira camarata o médico oftalmologista era o representante. Sempre auxiliado pela esposa, ele procurava fazer com que as decisões fossem tomadas em conjunto. Em um sentido mais amplo, o governo pode ser tomado também como um líder que estava a levar os indivíduos, pelos quais devia zelar, ao abismo, porque não sabia como agir diante do surto de cegueira. Adotou medidas retrógradas, que não deram resultados e demonstrou mais interesse em proteger os não infectados do que cuidar dos atingidos pelo mal branco, haja vista que sua intervenção no que acontecia no manicômio era praticamente nula.

O intertexto com a tela de Bruegel pode também manifestar uma crítica à marginalização dos doentes, prática comum durante a Idade Média. Nesse período, os cegos, leprosos e indivíduos que possuíam algum tipo de enfermidade eram considerados impuros, amaldiçoados por Deus e, por isso, ficavam à margem da sociedade, vivendo à sua própria sorte, uma vez que quem os tocasse também passava a ser impuro. De forma semelhante, os cegos de Saramago foram separados do convívio com as outras pessoas, sendo mantidos em quarentena no manicômio. Levados de suas casas, muitas vezes à força, os acometidos pela cegueira branca não podiam imaginar o inferno existencial que experimentariam. Era como se tivessem caído em um abismo, com poucas e incertas esperanças de que um dia pudessem regressar à sua vida normal.

Nessas condições, a presença da esposa do médico no manicômio foi de grande valia para os cegos postos em quarentena. Essa mulher, “com um tal estado de espírito, propício ao entendimento das necessidades e das circunstâncias” (Saramago, 2008, p.119), estabeleceu em sua camarata uma espécie de microssociedade para tornar mais ameno o período de isolamento e facilitar o relacionamento entre os cegos. Segundo Frye (1973, p.143), um dos desejos do mundo humano é conseguir organizar a convivência entre os indivíduos de tal forma que se possa criar uma sociedade dos homens. Ainda que numa situação adversa como a quarentena forçada, a

mulher do médico conseguiu promover algumas ações que tornaram a camarata que ocupava mais desenvolvida que as demais. Primeiramente, podem ser observados a limpeza, os cuidados com a higiene, a facilidade no trabalho e a eficácia do método adotado:

Quanto à primeira camarata, talvez por ser a mais antiga e portanto estar há mais tempo em processo e seguimento de adaptação ao estado de cegueira, um quarto de hora depois de os seus ocupantes terem acabado de comer já não se via um papel sujo no chão, um prato esquecido, um recipiente pingando. Tudo havia sido recolhido, as coisas menores metidas dentro das maiores, as mais sujas metidas dentro das menos sujas, como o determinaria uma regulamentação de higiene racionalizada, tão atenta à maior eficácia possível na recolha dos restos e detritos como à economia do esforço necessário para realizar esse trabalho. A mentalidade que forçosamente haverá de determinar comportamentos sociais deste tipo não se improvisa nem nasce por geração espontânea. No caso em exame parece ter tido uma influência decisiva a ação pedagógica da cega do fundo da camarata. (Saramago, 2008, p.118)

Com essa atitude poderia se evitar o mau cheiro e a presença de moscas, atraídas pelo odor dos alimentos. Recolher os papéis e recipientes do chão impedia que se transformassem em obstáculos para levar à queda os cegos quando se deslocavam. A mulher havia idealizado, inclusive, um esquema para que ocorresse de forma tranquila a distribuição das refeições:

Com a experiência haviam estabelecido ali um modo bastante cômodo de fazer a distribuição, começavam por levar a comida toda para o fundo da camarata [...] e aí é que a iam buscar, aos dois de cada vez, principiando pelas camas mais perto da entrada, um direito um esquerdo, dois direito dois esquerdo, e assim sucessivamente, sem zangas nem atropelos, demorava mais, é certo, mas a tranquilidade compensava a espera. (Saramago, 2008, p.137)

A camarata possuía um representante, o médico oftalmologista, escolhido quase por unanimidade pelos companheiros de quarto e ajudado pela esposa. Diferentemente do que ocorria nos aposentos dos cegos malvados, onde um só ditava as regras, na primeira camarata todos tomavam as decisões juntos, discutindo os pontos de vista de cada um. Mesmo diante dos problemas, não obstante as opiniões divergentes, mantinha-se o mínimo de organização e civilidade.

Antes que a camarata fosse completamente ocupada, os novos habitantes que chegavam eram convidados ao diálogo, apesar de parecerem temerosos em dar-se a conhecer:

A mulher do médico disse de modo que se ouvisse ao fundo da camarata, onde era a porta, Aqui, estamos duas pessoas, quantos são vocês. A inesperada voz fez sobressaltar os recém-vindos, mas os dois homens continuaram calados, quem respondeu foi a rapariga, Acho que somos quatro, estamos este menino e eu, Quem mais [...] Estou eu, murmurou, como se lhe custasse pronunciar as palavras, uma voz de homem, E eu, resmungou por sua vez, contrariada, outra voz masculina. (Saramago, 2008, p.49)

Ainda que acanhados, os novos habitantes recebiam algum tipo de acolhimento. Saber a quantidade de recém-chegados também era uma maneira de auxiliar na acomodação dos cegos. Para oferecer certa autonomia aos companheiros, a mulher do médico, ciente de que a camarata possuía duas fileiras de vinte camas, uma frente à outra, discretamente, “lembrou que a maneira mais fácil de encontrar cada um o seu sítio era contar as camas a partir da entrada, As nossas, disse, são as últimas do lado direito, a dezanove e a vinte” (Saramago, 2008, p.60).

Vale salientar ainda que a limpeza e organização que implementou a mulher na primeira camarata foram encontradas em sua casa quando recebeu o grupo de cegos. Ela distribuiu os locais onde cada um poderia dormir, alertou os companheiros que deveriam revezar-se e sair com ela para buscar comida, a fim de

que aprendessem o caminho de casa e conseguissem se locomover com mais independência, e pediu que usassem um balde colocado na varanda para as necessidades fisiológicas. Tanto no manicômio quanto em sua própria casa o estabelecimento de uma espécie de microssociedade apocalíptica – porque organizada e pensada para o benefício comum – teve o objetivo de manter a higiene e facilitar a convivência.

A corda que a mulher atara à porta da camarata permitiu o revezamento dos cegos para buscar a comida no átrio. A esposa do oftalmologista foi também quem mais demonstrou preocupação e cuidado com os mortos e feridos, sentimentos plenamente apocalípticos, visto que a doença e a morte são momentos nos quais o desejo humano exige apoio e solidariedade. Em primeiro lugar, há a atenção que ela e o marido dispensaram ao ladrão de automóveis, ferido pela rapariga dos óculos escuros.

Na expedição que um grupo de cegos realizou para invadir a camarata dos malvados em busca da comida estocada, verifica-se também a consideração com os feridos. A mulher do médico e mais alguns cegos, não obstante os perigos e riscos que estavam a correr, se dispuseram a voltar e resgatar os companheiros atingidos por balas, próximos do território dos inimigos.

O zelo demonstrado pela mulher para com os mortos é também um aspecto da narrativa que provoca comoção. Ela arrisca-se pedindo aos soldados uma pá para enterrar os cadáveres e mobiliza alguns confinados para auxiliá-la a cavar a terra dura e abrir as covas. Mesmo o ladrão de carros, que tentara se aproveitar da rapariga, e que no início da convivência parecia bastante indomável, teve um enterro respeitável. A preocupação com o sepultamento também se deu quando foi encontrada morta à porta do prédio a vizinha da rapariga dos óculos escuros:

E agora que fazemos, vamos deixá-la aqui, Não podemos enterrá-la na rua, não temos com que levantar as pedras, disse o médico, Há o quintal, Será preciso subi-la até ao segundo andar e depois descê-la pela escada de salvação, É a única forma, Teremos forças para tanto,

perguntou a rapariga dos óculos escuros, A questão não é se teremos ou não teremos forças, a questão é se iremos permitir-nos a nós próprios deixar aqui esta mulher, Isso não, disse o médico, Então as forças hão-de arranjar-se. (Saramago, 2008, p.285)

Apesar de todo o trabalho que teriam julgaram desumano deixar o corpo ali estendido. Transportaram o cadáver e envolveram-no em um lençol limpo antes de depositá-lo na cova. Há ainda o episódio da morte da cega das insônias. A mulher do médico foi quem a amparou e trouxe água para limpar o corpo da falecida e para que as outras mulheres pudessem também purificar seus corpos, já que suas almas não podiam ser alcançadas. É comovente a solidariedade da cena: dividindo o nojo, a angústia, o trauma da situação vivida, estavam ali “sete mulheres nuas, a cega das insônias estendida na cama, limpa como nunca estivera em toda a sua vida, enquanto outra mulher lavava, uma por uma, as suas companheiras, e depois a si própria” (Saramago, 2008, p.181).

A solidariedade, a preocupação e a compaixão pelos feridos, o respeito pelos restos mortais e o enterro dos corpos como uma forma de ocultar o cadáver e amenizar a dor (sem pensar em crenças religiosas ou na ideia de vida após a morte) é que tornam apocalípticas todas essas cenas, nas quais se destaca, sobretudo, a figura da mulher do médico.

Outro gesto nobre de sua parte era lutar para que a irracionalidade não tomasse conta das pessoas e as obrigasse a viver como animais. Essa mulher representa na narrativa

o que de melhor existe no ser humano, o respeito e o serviço do outro, o sacrifício e o esquecimento total de si, a generosidade sem limites que se vale da própria visão e do silêncio para tornar os outros seres menos infelizes. Tudo isso é dito e mostrado sem concessões sentimentalistas e sem pieguices. (Berrini, 1998, p.181)

Essa personagem teve coragem para enfrentar os soldados e também conseguia ter piedade dos delinquentes. Diante do cego

que estava à porta da camarata dos malvados de vigia, mas que fora tomado pelo sono,

deliberadamente, a mulher do médico quis pensar que este homem era um ladrão de comida, que roubava o que a outros pertencia de justiça, que tirava à boca de crianças, mas apesar de o pensar não chegou a sentir desprezo, nem sequer uma leve irritação, só uma estranha piedade diante do corpo descaído, da cabeça inclinada para trás, do pescoço alongado de veias grossas. (Saramago, 2008, p.157)

Ela ainda acompanhou as mulheres no momento em que tiveram de saciar os desejos sexuais dos cegos malvados em troca de comida e matou o líder dos tiranos para defender os demais confinados de sua crueldade, embora esse ato a fizesse sentir-se uma assassina.

Para os demais internos do manicômio, a mulher do médico parecia onipresente, dotada de poderes mágicos: “Entre os cegos havia uma mulher que dava a impressão de estar ao mesmo tempo em toda a parte, ajudando a carregar, fazendo como se guiasse os homens, coisa evidentemente impossível para uma cega” (Saramago, 2008, p.91). Pensavam eles que “parecia impossível como esta mulher conseguia dar fé de tudo quanto se passava, devia ser dotada de um sexto sentido, uma espécie de visão sem olhos” (Saramago, 2008, p.196), porque era extraordinário seu poder de orientação.

Seu espírito maternal advinha de sua “responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (Saramago, 2008, p.241), por isso tomava conta dos cegos. Sabia que “ali estavam, dependiam dela como as crianças pequenas dependem da mãe” (Saramago, 2008, p.218). Graças aos seus olhos que os atingidos pela cegueira podiam considerar-se menos cegos, principalmente os que foram viver em sua casa. Ela nutria um carinho especial pelo rapazinho estrábico, gostava de contar histórias para acalmá-lo e ainda foi à procura dele quando ocorreu o incêndio.

Fora do manicômio, a conduta dessa mulher não se modificou. Abriu as portas de sua residência para receber os companheiros.

Saía pela cidade à procura de comida, sentia-se a provedora do grupo. Ela era a visão que aqueles cegos deixaram de ter, “uma espécie de chefe natural, um rei com olhos numa terra de cegos” (Saramago, 2008, p.245). Sendo a única a manter-se imune à epidemia, podia ter se convertido em uma autoridade, aproveitando-se da situação para explorar os cegos, mas não o fez. Preferiu ser submissa e doar todas as suas forças em benefício daqueles que a cercavam. Esse espírito solidário levava os que a rodeavam a imaginá-la provida de uma extraordinária beleza.

Sua compreensão chega ao ponto de perdoar seu marido e a rapariga dos óculos escuros, mesmo tendo assistido a traição. A prova de que a mulher do médico não guardava mágoas se expressa no tratamento afetuoso que dispensava à moça, no gesto de aceitá-la em seu grupo e de convidá-la a viver em sua própria residência.

Não obstante todos esses atos de heroísmo que conferem à figura da mulher do médico uma aura quase divina, parecendo um tipo idealizado, “um ser excepcional, diferente e acima dos demais, [...] uma espécie de ser humano muito especial, pouco comum” (Berrini, 1998, p.136), ela também possuía defeitos, demonstrava seus momentos de fraqueza, o que a torna essencialmente humana. Durante a quarentena, muitas vezes pensou em revelar que mantinha intacta a visão, assim poderia resolver inúmeros conflitos, organizar a convivência, ser efetivamente guia dos cegos, auxiliá-los no que precisassem, todavia deixou-se levar pelo medo de transformar-se em uma escrava, conforme lhe prevenira o marido:

Pensa nas conseqüências, o mais certo é que depois tentem fazer de ti uma escrava, um pau-mandado, terás de atender a todos e a tudo, exigir-te-ão que os alimentos, que os laves, que os deites e os levantes, que os leves daqui para ali, que os assoes e lhes seques as lágrimas, gritarão por ti quando estiveres a dormir, insultar-te-ão se tardares [...]. Alguns irão odiar-te por veres. (Saramago, 2008, p.134)

Vendo a imundície em que se transformava o manicômio a cada dia que se findava, a mulher justificava-se com a ideia de que pôr

tudo aquilo em ordem não era trabalho para uma só pessoa, suas forças não seriam suficientes, por isso se fingia cega. Mesmo diante de injustiças, como a desproporcional divisão dos alimentos feita pelos próprios confinados, ela se calou, temendo que “o mínimo que lhe poderia acontecer seria ver-se transformada em serva de todos, o máximo talvez fosse converterem-na em escrava de alguns” (Saramago, 2008, p.93). Houve momentos em que se sentiu covarde por causa de sua omissão; em outras ocasiões, acreditou ter tomado atitudes drásticas, que lhe fizeram carregar remorso, como a sua decisão de matar o chefe dos malvados ou quando não revelou a ninguém que encontrara o depósito do supermercado.

A mulher do médico também se sentia muito mal por ser a única a ter olhos para ver as misérias humanas. Era “como se estivesse por trás de um microscópio a observar o comportamento de uns seres que não podiam nem sequer suspeitar da sua presença, e isto pareceu-lhe subitamente indigno, obscuro” (Saramago, 2008, p.71). Não podia compartilhar com ninguém sua condição. Às vezes, tomava-lhe

uma fadiga infinita, uma vontade de enrolar-se sobre si mesma, os olhos, ah, sobretudo os olhos, virados para dentro, mais, mais, mais, até poderem alcançar e observar o interior do próprio cérebro, ali onde a diferença entre o ver e o não ver é invisível à simples vista. (Saramago, 2008, p.157)

Apesar de tudo, ainda que não tivesse feito o máximo que podia, ainda que mentisse aos demais que era tão cega quanto eles, foi o comportamento da mulher do médico que tornou mais tolerável a vida dos que a cercavam.

Num mundo de trevas brancas, a mulher do médico transporta a luz, por isso é a voz da lucidez, que se manifesta desde logo no fingimento da cegueira. Ela é mesmo a própria lucidez (atente-se na raiz etimológica da palavra), aquela que proclama: “meu Deus, a luz existe e eu tenho olhos para a ver, louvada seja a luz” (p.223)

e também aquela que reconhece e recusa o caos em que os outros estão imersos. Através da lucidez dos seus olhos, os companheiros vão tomando consciência da oposição a uma condição histórica desprovida de sentido, de futuro. (Lima, 1999, p.419)

Por ser fonte de luz para os cegos e por toda a sua atuação, esta personagem ocupa um lugar de destaque no conjunto da obra de Saramago:

A personagem que aqui se constrói na mulher do médico é duma envergadura imponente, mesmo em contexto saramaguiano. Se as heroínas de Saramago sempre brilharam pela segurança interior, pela sagesa, pela capacidade de comando, nesta “mulher do médico” essas qualidades são mais que notáveis no indivíduo: são elas que conduzem uma comunidade na travessia do inferno. (Venâncio, 2000, p.73)

Os olhos da esposa do médico formavam, na concepção do velho da venda preta, o fio que ainda unia os cegos à humanidade, aos valores e aos sentimentos que os faziam verdadeiramente humanos. Tendo resguardado o dom “da visão, fato que em si a singulariza diante de todos a quem ajuda a sobreviver, e o da dissimulação” (Costa, 1999, p.142), foi esta mulher que se manteve firme diante do horror da situação, não se deixou abater pelas dificuldades e pensou nos outros mais que em si mesma. Talvez por ter resistido à desumanidade, por ter agido pensando no bem comum, tenha sido a única a não perder o sentido da visão. Apesar de suas fraquezas, ela manteve consciência pessoal, preocupou-se com seus semelhantes – embora estranhos – e em benefício deles agiu, decidiu e transformou o meio que a cercava.

O médico oftalmologista integrou obviamente o grupo conduzido por sua esposa. Foi ele quem atendeu em seu consultório os que vieram a ser os primeiros contagiados e quem alertou as autoridades sobre o surto. No manicômio, foi designado representante de sua camarata, missão que tentou cumprir da melhor maneira possível,

sentindo-se fracassado em algumas ocasiões nas quais não conseguiu atender efetivamente os interesses de seus colegas de quarto, o que ocorreu, por exemplo, quando tentou solicitar medicamentos aos soldados, mas teve de voltar atrás, pois fora ameaçado de morte; ou ainda, no momento em que reclamou aos cegos malvados uma quantidade maior de alimentos para sua camarata, porém, tendo uma pistola apontada para o seu pescoço, regressou junto aos companheiros, sem sucesso.

Ao longo de toda a narrativa, a mulher do médico manteve com o marido uma forte relação de cumplicidade, compartilhando com ele muitas de suas angústias. Estavam sempre a trocar confidências, a conversar, a refletir sobre a situação vivida. A relação do casal foi, em parte, abalada pela traição do oftalmologista com a rapariga dos óculos escuros. Entretanto, a mulher do doutor decidiu relevar a infidelidade, dadas as circunstâncias em que se encontravam: presos em quarentena, sem nenhum tipo de privacidade, ele, cego e sem perspectiva de cura; ela, assistindo a objeção e guardando segredo de que conservava a visão.

Outro integrante do grupo era o rapazinho estrábico. Na analogia da inocência, Frye destaca que “entre as figuras humanas as crianças são preeminentes, e assim a virtude une-se estreitissimamente à infância e ao estado de inocência” (Frye, 1973, p.152). Embora privadas da visão as pessoas se vejam desamparadas, assemelhando-se a crianças que necessitam de alguém que delas tome conta, o rapazinho estrábico atua como o representante infantil da narrativa. Ao chegar ao manicômio, o garoto lamentava a separação da família, “o rapazinho chorava, chamava pela mãe, e era a rapariga dos óculos escuros quem fazia por sossegá-lo, Já vem, já vem, dizia-lhe” (Saramago, 2008, p.48). O clamor pela mãe demonstra a fragilidade dessa criança.

Desde o início, a rapariga, que também tomou parte no grupo da mulher do médico, tornou-se a tutora do menino. Tentava sempre acalmá-lo, “tinha empurrado a sua [cama], certamente para estar mais perto do rapaz, se ele precisasse de consolo, de que lhe enxugassem as lágrimas pela falta de uma mãe perdida” (Saramago,

2008, p.152) e renunciava parte de sua comida para saciá-lo quando os alimentos já não eram suficientes:

O rapazinho estrábico, claro está, que sempre acabava de comer antes que a rapariga dos óculos escuros recebesse o seu quinhão, do que vinha a resultar que uma parte do que devia ser dela terminava invariavelmente no estômago do mocinho. (Saramago, 2008, p.137)

Quando os cegos malvados exigiram a entrega de bens em troca de comida, a rapariga assumiu o posto de mãe do garoto e tranquilizou-o, afirmando que pagaria pelos dois. Entre os integrantes de seu grupo, o menino também tinha privilégios, uma vez que as crianças são mais frágeis e menos resistentes que os adultos: “O pouco que havia para comer deram-no ao rapazinho estrábico, os outros teriam de esperar pelo reabastecimento” (Saramago, 2008, p.271). Um forte exemplo de inocência e ingenuidade do garoto está no momento em que saem em busca de calçados. O rapazinho

teve de contentar-se com uns sapatos de desporto sem finalidade definida, Que coincidência, diria a mãe dele, lá onde esteja, a alguém que lhe tivesse ido contar o sucedido, é exatamente o que o meu filho teria escolhido se pudesse ver. (Saramago, 2008, p.231)

Em meio ao caos que o cercava, o jovem nem se preocupava com a cegueira, maravilhava-se com os sapatos novos: “Ao rapazinho estrábico basta-lhe a satisfação de levar calçados os sapatos com que sempre sonhou, nem chega para o entristecer o fato de não poder vê-los” (Saramago, 2008, p.233).

A rapariga dos óculos escuros, que tanto se afeiçoou ao rapazinho, também demonstrava um grande apego por seus pais, revelando sua sensibilidade ao longo da narrativa. Logo no início, ao apresentar a personagem, o narrador sugere que se trata de uma prostituta, o que se confirma quando acompanhamos um de seus encontros com um cliente, que termina de forma constrangedora, visto que a rapariga, durante o programa, percebe-se cega e sai nua

e aos gritos pelo hotel, enquanto o seu parceiro tentava fugir para evitar o escândalo. Como se isso não bastasse, teve ainda de enfrentar a humilhação de um policial que quis saber “se ela dispunha de dinheiro para o táxi, Nesses casos o Estado não paga, avisou” (Saramago, 2008, p.36).

Levada ao manicômio, a rapariga foi assediada pelo ladrão de carros:

O ladrão, estimulado pelo perfume que se desprendia dela e pela lembrança da ereção recente, decidiu usar as mãos com maior proveito, uma acariciando-lhe a nuca por baixo dos cabelos, a outra, direta e sem cerimônias, apalpando-lhe o sexo. Ela sacudiu-se para escapar ao desaforo, mas ele tinha-a bem agarrada. Então a rapariga jogou com força uma perna atrás, num movimento de coice. O salto do sapato, fino como um estilete, foi espetar-se no grosso da coxa nua do ladrão, que deu um berro de surpresa e de dor. (Saramago, 2008, p.56)

Do coice resultou uma ferida na perna do ladrão. A moça, arrependida, teve humildade e decidiu reconciliar-se com o homem, o qual, prontamente, a perdoou e reconheceu que também tivera sua parcela de culpa. À medida que o romance se desenvolve e que o narrador se aproxima daquela a quem apresentou como prostituta, a forte sensibilidade da jovem vai, aos poucos, transparecendo. Além do seu pedido de desculpas ao ladrão e do espírito maternal que despertou pelo rapazinho, a rapariga demonstra um imenso amor por seus genitores:

Não sei como estarão os meus pais, disse, esta sincera preocupação mostra como são afinal infundados os preconceitos dos que negam a possibilidade da existência de sentimentos fortes, incluindo o sentimento filial, nos casos, infelizmente abundantes, de comportamentos irregulares, mormente no plano da moralidade pública. (Saramago, 2008, p.212)

Quando consegue regressar à casa com a ajuda da mulher do médico, ela mantinha em seu coração o desejo de rever os pais:

Chamava, Mãezinha, paizinho, e ninguém vinha abrir, os diminutivos carinhosos não abalavam a realidade, ninguém lhe veio dizer, Minha querida filha, até que enfim chegaste, já pensávamos que nunca mais te veríamos, entra, entra, e esta senhora é tua amiga, que entre, que entre também, a casa está um bocadinho desarrumada, não repare, a porta continuava fechada, Não está ninguém, disse a rapariga dos óculos escuros, e desatou-se a chorar encostada à porta, a cabeça sobre os antebraços cruzados, como se com todo o corpo estivesse a implorar uma desesperada piedade, não tivéssemos nós aprendido o suficiente do complicado que é o espírito humano, e estranharíamos que queira tanto a seus pais, ao ponto destas demonstrações de dor, uma rapariga de costumes tão livres, embora não esteja longe quem já afirmou que não existe nem existiu nunca qualquer contradição entre isto e aquilo. (Saramago, 2008, p.234)

Ao recobrar a visão, a primeira ideia que surge à moça é deixar um bilhete à porta de sua casa informando onde ela estava para que seus pais pudessem encontrá-la. Como se pode notar nos fragmentos anteriores, o narrador se surpreende diante da preocupação excessiva com os pais que a rapariga manifestava, como se, por conta de seus hábitos sexuais livres, por assim dizer, não fosse possível que ela adotasse um comportamento filial tão expressivo. Além disso, essa jovem que entregava o corpo em troca de dinheiro também passou a ter pudor de despir-se completamente, mesmo entre cegos, e conseguiu estabelecer com a mulher do médico uma relação fraternal, apesar de ter-se deitado com o oftalmologista à vista de sua esposa. A despeito disso, ambas tratavam-se como mãe e filha.

É digno de nota ainda o amor desinteressado que a rapariga passou a nutrir pelo velho da venda preta, outra personagem integrante do grupo que passou a viver na casa do médico. O ancião chegou ao manicômio nas últimas levas de cegos. Trouxe consigo um rádio

que propiciou, por um curto período, certo contato com o mundo exterior por meio das notícias e alguns momentos em que todos paravam para ouvir música, tendo a sensibilidade aguçada:

Era uma canção, uma canção sem importância, mas os cegos foram-se aproximando devagar, não se empurravam, paravam logo que sentiam uma presença à sua frente e ali se deixavam ficar, a ouvir, com os olhos muito abertos na direção da voz que cantava, alguns choravam, como provavelmente só os cegos podem chorar, as lágrimas correndo simplesmente, como de uma fonte. (Saramago, 2008, p.121)

O velho por vezes também foi a voz da experiência, apoiando a mulher do médico e dispondo-se a ajudar, apesar de sua idade avançada. Sua aproximação à rapariga se deu já no manicômio:

Foi afinal, numa noite destas, meter-se por sua própria vontade na cama do velho da venda preta, que a recebeu como chuva de Verão e cumpriu o melhor que podia, bastante bem para a idade, ficando por esta via demonstrado, mais uma vez, que as aparências são enganadoras, e que não é pelo aspecto da cara e pela presteza do corpo que se conhece a força do coração. (Saramago, 2008, p.170)

Na casa do médico, mesmo às cegas, o velho espreitou o banho das três mulheres na varanda:

Ouviu-as entrar, sabia de onde vinham, o que tinham estado a fazer, como haviam estado nuas, e se sabia tanto não era porque de repente lhe tivesse voltado a visão e ido, pé ante pé, como os outros velhos, espreitar uma Susana no banho, mas três, cego estivera, cego continuava, apenas assomara à porta da cozinha e de lá ouvira o que elas diziam na varanda, os risos, o ruído da chuva e das chapadas de água, respirara o cheiro do sabão, depois voltara para o seu sofá [...]. (Saramago, 2008, p.268)

Neste trecho, a narrativa faz menção explícita ao quadro *Susana no Banho*, de Tintoretto,⁵ e estabelece um intertexto com a história de Susana, relatada no capítulo 13 do livro bíblico de Daniel: ela era uma jovem honesta, casada com Joaquim, cuja casa era frequentada por dois anciãos, os quais se apaixonaram por Susana e ficavam a espreitá-la nos seus passeios no jardim. Certo dia, enquanto ela se banhava no pomar, os velhos revelaram-lhe seu interesse, porém a moça se recusou a ceder a seus desejos. Enraivecidos, inventaram ter visto Susana no jardim com outro homem. Se comprovada a traição, a jovem seria penalizada com a morte. Entretanto, o profeta Daniel, julgando o caso, perguntou separadamente a cada um dos anciãos debaixo de qual árvore Susana esteve a se banhar. Cada um deu uma resposta distinta, o que provou que estavam mentindo e que era injusta a acusação. Os dois homens acabaram mortos em decorrência do falso testemunho.

Saramago relembra o quadro e o episódio de Susana por conta do fato de o velho da venda preta, assim como os anciãos, ter ido sondar, sem ser notado, o que as mulheres estavam a fazer na varanda. Semelhante àqueles que admiravam a beleza de Susana, o velho da venda preta também demonstrava interesse por uma das mulheres, a rapariga dos óculos escuros. Ao contrário da figura feminina do quadro, que não nutria nenhum sentimento pelos homens que a espiavam, a moça de *Ensaio sobre a Cegueira* foi gradativamente aproximando-se do velho da venda preta e por ele se apaixonou. Facilitou esse contato o tempo em que estiveram instalados na casa do oftalmologista, quando puderam conhecer-se melhor. Em certa ocasião, sabendo que o velho estava banhando-se, a rapariga ajudou-o a lavar-se sem dizer uma só palavra. Foi durante esse banho que se deu a união calada entre o casal: ele, já velho, cego, solitário; ela, uma mulher jovem, bonita, atraente, embora a cegueira não permitisse a nenhum dos dois ter um retrato exato do outro. Em

5 Jacopo Robusti Tintoretto (1518-1594): pintor maneirista italiano. Retratou cenas mitológicas e também pintou afrescos em capelas e palácios. Suas obras são marcadas pelo trabalho intenso com as cores e os efeitos de luz.

silêncio, ambos parecem ter deixado de lado os seus próprios preconceitos, o dele de acreditar-se velho demais para apaixonar-se, o dela de deixar-se aventurar pela paixão, diferentemente das vezes que cobrara para se deitar com alguém e, sobretudo, porque se tratava agora dos sentimentos de um homem maduro. A proximidade que se estabelece entre os dois encoraja o velho, posteriormente, a declarar-se para a jovem, mostrando-se disposto a enfrentar o que fosse necessário para ter a rapariga ao seu lado, abrindo mão, inclusive, de recuperar a vista, só para poder estar perto da moça, que questiona:

E por que queres tu viver comigo, Esperas que o diga diante de todos eles, Fizemos uns diante dos outros as coisas mais sujas, mais feias, mais repugnantes, com certeza não é pior o que tens para dizer-me, Já que o queres, então seja, porque o homem que eu ainda sou gosta da mulher que tu és, Custou assim tanto a fazer a declaração de amor, Na minha idade, o ridículo mete medo, Não foste ridículo, Esqueçamos isto, peço-te, Não tenciono esquecer nem deixar que esqueças, É um disparate, obrigaste-me a falar, e agora, E agora é a minha vez, Não digas nada de que te possas arrepender, lembra-te da lista negra, Se eu estiver a ser sincera hoje, que importa que tenha de arrepender-me amanhã, Cala-te, Tu queres viver comigo e eu quero viver contigo, Estás doida, Passaremos a viver juntos aqui, como um casal, e juntos continuaremos a viver se tivermos de nos separar dos nossos amigos, dois cegos devem poder ver mais do que um, É uma loucura, tu não gostas de mim, [...] Gosto o suficiente para querer estar contigo, e isto é a primeira vez que o digo a alguém, [...] A mulher que eu então era não o diria, reconheço, quem o disse foi a mulher que sou hoje. (Saramago, 2008, p.291)

A rapariga afirma nesse fragmento ser uma nova mulher, diferente da que fora antes, aceita o ancião como parceiro, e ambos passam a viver como um casal. Essa relação supera a busca pela beleza física e a diferença de idade e valoriza o sentimento que um sentia

pelo outro. Embora com a visão recuperada, a moça confirma seu compromisso de viver com o velho: “Olha-me bem, sou eu a pessoa com quem disseste que irias viver, e ela respondeu, Conheço-te, és a pessoa com quem estou a viver, afinal há palavras que ainda valem mais do que tinham querido parecer” (Saramago, 2008, p.308). Começando juntos uma vida nova, o ancião e a rapariga deixam para trás seus medos, o julgamento negativo que faziam de si próprios e tantos outros preconceitos.

Além dessas personagens, há ainda a presença de um cachorro na narrativa, o cão das lágrimas, que também se hospeda na casa do oftalmologista. Na analogia da inocência, no que tange ao mundo dos animais, Frye aponta que “os mais óbvios são a ovelha e os cordeiros pastoris, ao lado dos cavalos e cães de caça da estória romanesca, em seus aspectos mais brandos, de fidelidade e dedicação” (Frye, 1973, p.153). Exemplar, neste sentido, é a lealdade desse cão que se converte no mascote do grupo. A mulher do médico o conheceu quando saíra a buscar comida para seus companheiros e se perdera pela cidade. Vendo-a chorar, o animal aproximou-se dela para consolá-la:

Os cães rodaram-na, farejam os sacos, mas sem convicção, como se já lhes tivesse passado a hora de comer, um deles lambe-lhe a cara, talvez desde pequeno tenha sido habituado a enxugar prantos. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo lombo encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele. (Saramago, 2008, p.226)

Cumprindo o atributo que lhe dão de melhor amigo do homem, o cachorro passou a seguir a mulher do médico e servir-lhe de companhia. Para proteger o grupo que o adotou transformava-se em “um animal áspero e intratável” (Saramago, 2008, p.230), posicionava-se como um vigia à porta, ladrava furiosamente quando alguém se aproximava. Andava junto de seus companheiros, seguindo-os tranquilamente. Caminhava “ora adiante ora atrás, como se tivesse nascido para cão de rebanho, com ordem de não

perder nenhuma ovelha” (Saramago, 2008, p.256). Dessa forma, também ajudava a guiar os cegos.

O cão das lágrimas, por perceber o sofrimento da mulher do médico e passar a dedicar sua vida a ela, ganhava vitalidade como recompensa, diferenciando-se dos demais cães, que pareciam hienas à caça de cadáveres, com pelos que expressavam a podridão, andando com os quartos traseiros encolhidos, com uma aparência que fazia crer que estavam na iminência da morte. O animal de estimação do grupo, pelo contrário, não se misturou mais à matilha que vagava pelas ruas, tampouco se alimentava dos corpos espalhados pelas vias. Quando necessitava saciar sua fome fora do horário da refeição dos humanos, era no lixo que ele tentava encontrar algo para se alimentar, “estas montanhas de lixo encerram tesouros inimagináveis, tudo está em buscar, revolver e achar” (Saramago, 2008, p.272). Quando saía sozinho, procurava não se afastar demasiado da casa do médico.

Nota-se a sua fidelidade quando escolheu seguir aquela a quem adotara como dona em vez de saborear sozinho uma galinha que acabara de atacar no quintal da vizinha da rapariga:

Entre a consciência de haver cometido um delito e a percepção de que a criatura humana a quem protegia se ia embora, o cão das lágrimas só duvidou um instante, imediatamente se pôs a escarvar no chão mole, e antes que a velha do primeiro andar assomasse ao patamar da escada de salvação a farejar a fonte dos ruídos que lhe estavam entrando em casa, ficava enterrada a carcaça da galinha, disfarçado o crime, reservado para outra ocasião o remorso. O cão das lágrimas esgueirou-se pela escada acima, roçou como um sopro as saias da velha, que nem se apercebeu do perigo que acabara de passar por ela, e foi pôr-se ao lado da mulher do médico. (Saramago, 2008, p.247)

Se os cegos sofreram um processo de animalização durante o surto de cegueira, o cão das lágrimas, em oposição, acompanhando esse grupo parece ter passado por um processo de humanização.

Quando viu a mulher do médico descompensada, aos prantos, depois de se deparar com a cave do supermercado convertida em um depósito de corpos, foi o cachorro que, compreendendo a situação, conseguiu por intermédio dos latidos e investidas um lugar para que ela descansasse dentro de uma igreja superlotada. O cão também se compadecia diante dos cadáveres espalhados nas ruas, como quando encontrou o corpo de um homem em decomposição, entalado entre dois carros. O cachorro “aproxima-se, mas a morte intimida-o, ainda dá dois passos, de súbito o pelo encrepsou-se-lhe, um uivo lacerante saiu-lhe da garganta” (Saramago, 2008, p.295). O próprio narrador, inclusive, atesta a personalização do animal, “o mal deste cão foi ter-se chegado tanto aos humanos, vai acabar por sofrer como eles” (Saramago, 2008, p.295).

Por último, é preciso lembrar que foi abraçada ao cão das lágrimas que a mulher do médico chorou quando viu que os cegos paulatinamente recobravam o sentido da visão:

O cão das lágrimas veio para ela, este sabe sempre quando o necessitam, por isso a mulher do médico se agarrou a ele, não é que não continuasse a amar o seu marido, não é que não quisesse bem a todos quantos se encontravam ali, mas naquele momento foi tão intensa a sua impressão de solidão, tão insuportável, que lhe pareceu que só poderia ser mitigada na estranha sede com que o cão lhe bebia as lágrimas. (Saramago, 2008, p.307)

Diante do desaparecimento da cegueira, a esposa do médico pôde trocar a figura de um ser inabalável pela de alguém que tivera mantido uma grande resistência mental e que agora se sentia aliviada, pois acabara seu martírio de ser a única a enxergar a abjeção decorrente do surto. Por isso se derramava em pranto, consolada pelo cão, que se conservou fiel, não abandonando seus novos amigos.

Por fim, o primeiro cego e sua esposa completam o grupo da mulher do médico. Ele fora o primeiro indivíduo afetado pela cegueira, perdera a visão enquanto dirigia em meio a um trânsito frenético. Nas ações do casal podem-se perceber algumas situações

comuns e típicas apontadas por Frye (1973, p.155) como representativas da analogia da experiência. No primeiro cego, por exemplo, observa-se a desconfiança diante dos desconhecidos, que se manifesta na suspeita de que o transeunte que o trouxera até em casa planejasse roubar-lhe.

A atitude da esposa do primeiro cego também demonstra a tendência do ser humano de julgar sem saber o que de fato aconteceu. Ao chegar do trabalho, desconhecendo que o marido estava cego, ela se zanga por ver a casa desarrumada e o marido deitado no sofá:

Ia resmungando, com uma irritação que não procurava dissimular, Bem o poderias ter feito tu, em lugar de te deitares para aí a dormir, como se não fosse nada contigo. (Saramago, 2008, p.17)

Ciente da fatalidade que ocorreria com o esposo, a reação da mulher foi a mais comum que poderia ocorrer, pensou ela que deveriam buscar um especialista. “A primeira coisa que temos de fazer é falar com um médico dos olhos” (Saramago, 2008, p.18). Outro aspecto típico que ela apresenta é o desejo impulsivo de vingança no momento em que se sofre algum prejuízo. Descobrimo o roubo do veículo, desejou que “o malandro cegasse também, [...] E lhe roubassem tudo quanto tenha” (Saramago, 2008, p.20).

Por meio do casal, verifica-se também a tendência dos indivíduos a não querer demonstrar aos outros suas fraquezas. Ainda que privado da visão, o primeiro cego vangloria-se da saúde de seus olhos ao afirmar ao doutor que nunca precisara usar óculos. Sua esposa também o adverte para que aja com naturalidade com os vizinhos e com o taxista, sem deixar que ninguém percebesse a sua cegueira.

Separados quando o primeiro cego é levado à quarentena, o reencontro do casal no manicômio constitui uma cena comovente. Um caminha em direção ao outro, orientando-se pela voz. Quando se aproximam, cumprimentam-se com abraços e beijos intensos.

Vale ressaltar também o gesto do primeiro cego, que, sem guardar mágoas, se dispôs a ajudar no enterro do homem que, passando

do-se por um bom samaritano, roubou-lhe o carro. O narrador aproveita esse momento para tecer uma reflexão sobre a morte e lembrar o quanto ela é capaz de despertar compaixão e de amenizar ou fazer cessar a raiva brutal que um indivíduo sente por outro:

Perante a morte, o que se espera da natureza é que percam os rancores a força e o veneno, é certo que se diz que o ódio velho não cansa, e disso não faltam provas na literatura e na vida, mas isto aqui no fundo, a bem dizer, não era ódio, e de velho nada, pois que vale o roubo de um automóvel ao lado do morto que o tinha roubado, e menos ainda no mísero estado em que se encontra, que não são precisos olhos para saber que esta cara não tem nariz nem boca. (Saramago, 2008, p.86)

Mesmo que durante o isolamento o primeiro cego e sua esposa tenham se mantido um tanto distantes ou até mesmo se desentendido quando ele tentou impedi-la de acompanhar as mulheres à camarata dos malvados para pagar pelas refeições, nota-se que, ao recobrar a visão o casal compartilhou a felicidade, demonstrando uma forte afetividade e dando pistas de que a crise que atravessaram, talvez em decorrência da cegueira, pudesse ter chegado ao fim.

A conquista da sobrevivência desse grupo parece ter se dado graças à habitação de um espaço animístico, manipulado pelo destino. Sallia Frye que “o mundo inocente nem é totalmente vivo, como o apocalíptico, nem morto pela maior parte, como o nosso: é um mundo animístico, cheio de espíritos elementares” (Frye, 1973, p.154). Na narrativa em análise, há uma série de coincidências que dão a impressão de que o destino estava a favor dos protagonistas e, por isso, auxiliava a mulher do médico e seu grupo. Basta observar que os pacientes do oftalmologista foram reunidos na mesma camarata. Mesmo o velho da venda preta, que chegara ao manicômio passado alguns dias do início da quarentena, conseguiu se hospedar ali. “Por um feliz acaso, obviamente prometedora de consequências no futuro, havia uma cama, a única” (Saramago, 2008, p.119). Chama a atenção o fato de que as pessoas que estavam no consultó-

rio do oftalmologista no dia em que o primeiro cego por lá apareceu são exatamente as mesmas que compuseram o grupo da mulher do médico, que não deixou de enxergar, tomou aos seus cuidados os pacientes do marido e por eles sentia-se responsável.

Há que se lembrar também a sorte de não ter sido arrombada a residência do médico, onde se estabeleceram; e o privilégio de se encontrar um supermercado, cujo depósito não tinha sido descoberto e de onde a mulher retirou alimentos que sustentaram o grupo por um bom tempo.

Parece ainda obra do destino o encontro da mulher com um mapa justamente quando ela entrava em desespero por estar perdida na cidade e não saber regressar à loja onde deixara os seus companheiros:

Quando enfim levantou os olhos, mil vezes louvado seja o deus das encruzilhadas, viu que tinha diante de si um grande mapa, des- ses que os departamentos municipais de turismo espalham no centro das cidades, sobretudo para uso e tranquilidade dos visitantes, que tanto querem poder dizer aonde foram como precisam saber onde estão. Agora, estando toda a gente cega, parece fácil dar por mal empregado o dinheiro que se gastou, afinal há é que ter paciência, dar tempo ao tempo, já devíamos ter aprendido, e de uma vez para sempre, que o destino tem de fazer muitos rodeios para chegar a qualquer parte, só ele sabe o que lhe terá custado trazer aqui este mapa para dizer a esta mulher onde está. (Saramago, 2008, p.226)

Além do mapa, a mulher também foi presenteada pelo destino com o cão das lágrimas, que encontrou nesse momento e que a ela dedicou sua fidelidade, não mais a abandonando. Todas essas “disposições do destino, mistérios dos arcanos” (Saramago, 2008, p.119) amenizaram de alguma forma os sofrimentos da mulher do médico e dos cegos que a acompanharam durante o período em que estiveram privados da visão.

Por meio da convivência e das vicissitudes que gradativamente vão se operando no grupo, a narrativa retrata o despertar de uma

nova visão sobre a vida, bem como os valores que servem para solidificar a relação entre os homens: a amizade, a solidariedade, a compaixão, a generosidade, a fraternidade, a partilha, o amor e, essencialmente, o olhar sobre o outro, que talvez seja a melhor maneira de conhecer a si próprio.